

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Dissertação



**Memórias de trabalhadoras da Fábrica Laneira Brasileira S.A.: os lugares
silenciosos dos afetos e das dores**

Mirella Moraes de Borba

Pelotas, 2019.

Mirella Moraes de Borba

**Memórias de trabalhadoras da Fábrica Laneira Brasileira S.A.: os lugares
silenciosos dos afetos e das dores**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Francisca Ferreira Michelin

Pelotas, 2019.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B111m Borba, Mirella Moraes de

Memórias de trabalhadoras da Fábrica Laneira Brasileira S.A. :
os lugares silenciosos dos afetos e das dores / Mirella Moraes de
Borba ; Francisca Ferreira Michelin, orientadora. — Pelotas, 2019.
109 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Memória. 2. Mulheres. 3. Trabalho fabril. 4. Patrimônio Cultural.
I. Michelin, Francisca Ferreira, orient. II. Título.

CDD : 363.69

Mirella Moraes de Borba

**Memórias de trabalhadoras da Fábrica Laneira Brasileira S.A.: os lugares
silenciosos dos afetos e das dores**

**Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de
Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação
em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas.**

Data da Defesa: 05 de abril de 2019.

Banca examinadora:

.....
Prof.^a Dr.^a Francisca Ferreira Michelin (Orientador)
**Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul**

.....
Prof.^a Dr.^a Nadia da Cruz Senna
Doutora em Ciência da Comunicação pela Universidade de São Paulo

.....
Prof. Dr. João Fernando Igansi Nunes
**Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo**

Dedico essa pesquisa às mulheres da minha vida que me incentivaram, amaram e ensinaram. Minhas heroínas da vida real.

Agradecimentos

À Universidade Federal de Pelotas e ao Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural.

À CAPES, pela bolsa de mestrado que recebi durante um ano e meio e que me possibilitou dedicação exclusiva à pesquisa.

Aos governos Lula e Dilma, que por meio de políticas afirmativas, tornaram possível o ingresso ao ensino superior para milhares de estudantes vindos das camadas menos favorecidas da sociedade, sendo eu uma dessas estudantes contempladas, por meio da minha vaga na graduação e mestrado e das bolsas que recebi desde 2012.

À minha orientadora, Francisca Ferreira Michelin, por me incentivar quando eu estava insegura, por acreditar em mim e na minha pesquisa, por sempre que precisei poder contar com apoio e carinho. Que nossa parceria ainda continue por muitos anos.

Aos Professores João Fernando Igansi Nunes e Nadia da Cruz Senna por terem aceitado participar da minha banca.

Aos meus colegas e amigos da faculdade, especialmente, Mariana, Jairo, Priscilla, pela nossa amizade construída desde a Conservação e Restauração, vocês são muito preciosos para mim.

À Jossana Peil, pelas conversas e conselhos, pelas ajudas e pelos companheiros de pesquisa da Laneira, saiba que tuas ajudas foram valiosas para a conclusão dessa pesquisa.

Às minhas Misândricas, Camila, Luize, Lauren e Andreza, pelas nossas conversas sobre nossos papéis como mulheres dentro da nossa sociedade.

Às mulheres ex-trabalhadoras da Laneira que disponibilizaram seu tempo para me contar sobre seus dias de fábrica, sem vocês, essa pesquisa nem existiria.

Aos meus avós, Arita e Rudinei. Vó obrigada pelas histórias que me fizeram querer conhecer mais as vidas das minhas, que como tu, trabalharam em fábricas e vô, por ser nosso molde ideológico da família.

À minha mãe, minha musa inspiradora, sem teu apoio não teria terminaria esta dissertação.

Ao meu pai, meu exemplo de força e perseverança, sou privilegiada por te ter como meu pai.

Às minhas irmãs, Alana e Tânia, por estarem presentes sempre que precisei.

Ao meu amor, Matheus Nascimento, obrigada por aturar meus surtos, me consolar quando estava triste e por me apoiar nessa empreitada.

Por fim, a todos que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento da minha pesquisa.

Devoção

*Pois que é nas mulheres que deposito minha fé
E a elas rezo para merecer essa irmandade,
À mais anônima e à que todas o nome conhecem
Às que habitam esferas passadas
e as que ao meu lado caminham.
À elas eu rezo para merecer essa irmandade,
Pois que é nas mulheres que eu deposito a minha fé.
Às mulheres que teceram, no anonimato ou na
infâmia,
os espaços que ocupo, eu oriento as minhas orações:
Que eu possa ser filha, mãe e irmã de todas que
encontrar,
Pois que é nas mulheres que deposito minha fé.
(MOREIRA, 2013)*

RESUMO

BORBA, Mirella M. **Memórias de trabalhadoras da Fábrica Laneira Brasileira S.A.: os lugares silenciosos dos afetos e das dores**, 2019. 110f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas: 2019.

Esta pesquisa objetiva explorar as memórias de em um grupo de mulheres trabalhadoras da extinta Fábrica Laneira S.A por meio de suas narrativas. Para isso, a metodologia adotada foi a entrevista narrativa aplicada, individualmente, em nove ex-funcionárias, a fim de conhecer o universo fabril feminino em que as entrevistadas estavam inseridas, um ambiente bruto e hostil, mas que é lembrado com afeto pelas entrevistadas. As memórias sobre suas rotinas diárias divididas entre casa, fábrica e filhos, também são analisadas na presente pesquisa. As entrevistas possibilitaram a percepção das memórias subjetivas de cada mulher que se dividiam entre afetos e dores, memórias que nem sempre eram antagônicas.

Palavras-chave: Memória, Mulheres, Fábrica, Trabalho feminino.

ABSTRACT

BORBA, Mirella M. **Memories of working women from Laneira Brasileira S.A. Factory: the silent places of affection and pain.** 2019. 110f. Dissertation (Master) – Pos-graduation Programme in Social Memory and Cultural Patrimony of Federal University of Pelotas. Pelotas, RS.

This research aims to explore the memories of a group of working women from the extinct Laneira S.A. Factory through their narratives. For this, the methodology used was the narrative interview applied to nine former employees, in order to know the female universe in the factory which the interviewees belonged, a harsh and hostile environment but that is remembered with affection by the interviewees. The memories about their daily routines divided between home, factory and children are also analyzed in this research. The interviews enabled the perception of the subjective memories of each woman, which were divided between affections and pains, memories that were not always antagonistic.

Key words: Memory, Women, Factory, Female labor.

Lista de Figuras

Figura 1 – Fachada da Laneira S.A. (década de 1980).....	23
Figura 2 – Vista aérea da Laneira S.A. (década de 1980)	24
Figura 3 - Mapa localização da Laneira S.A.....	25
Figura 4 – Ação Ordinária Laneira S.A. 1964.....	26
Figura 5 – Prédio do Lanifício do RS Thomaz Albornoz S. A.	28
Figura 6 - Caminhão de transporte de lã.....	29
Figura 7 – Setor de classificação de lã (década de 1950).....	30
Figura 8 - Planta da fábrica	31
Figura 9 – Documento referente aos cargos exercidos na Laneira Brasileira	32
Figura 10 - Quadro 1 Mulheres entrevistadas	41
Figura 11 - Inauguração do refeitório. (Década de 1950).....	43
Figura 12 – Pentagem de lã. S/D	51
Figura 13 - Máquina prensa de lã (S/D)	58
Figura 14 - Prensa que comprimia lã em tops. 2012.....	59
Figura 15 – Setor das caldeiras.....	60
Figura 16 - Curso de formação – 1984.....	71

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 – A Laneira e as mulheres	21
1 – 1 Pelotas e a Laneira Brasileira Sociedade Anônima	21
1 – 2 Os caminhos para a narrativa	33
Capítulo 2 – O universo das mulheres da Laneira	38
2 – 1 Quem são as mulheres Laneiras?	40
2 – 2 As relações entre fábrica e mulher	49
2 – 3 Mulheres x Máquinas	57
2 – 4 O tempo da mulher: família, trabalho e recompensa	64
Capítulo 3 – As memórias femininas	72
3 – 1 A memória e o tempo	72
3 – 2 As memórias dos sentimentos: entre afetos e dores	77
4 – Considerações Finais	88
Referências	93
Anexos	96

Introdução

“Vocês nos ouvem?” Esta instigante e atemporal pergunta feita por Perrot, em seu livro *As mulheres ou os silêncios da história*, me faz pensar nos silêncios ensurdecadores das vozes femininas nas memórias públicas. Ainda hoje, persistem as rotulagens de mulheres nas memórias públicas femininas, isentas das subjetividades dos muitos perfis femininos que constituem a sociedade. As memórias das mulheres operárias, pobres, e periféricas, por exemplo, permanecem no silêncio. Os afetos e as dores que atravessam tais memórias ainda não encontram lugar para se insurgirem do silêncio que os tornam invisíveis. No entanto, suas narrativas possuem, potencialmente, os sentidos e os valores que humanizariam os lugares onde essas vidas tiveram parte significativa das suas relações. Essas narrativas humanizam e, ao mesmo tempo, justificam que o lugar transcenda a sua inerente condição material e que se coloque para o espectador como um vestígio de uma sociedade já transformada.

No âmbito dessa consideração é que se constitui o objeto da presente pesquisa, que apresento como sendo as memórias narradas de um grupo de antigas trabalhadoras da extinta Fábrica Laneira S.A. Essa indústria, que operou por mais de 50 anos no bairro Fragata, da cidade de Pelotas e que, como comumente acontece, foi um lugar que teve impacto na vida dessas trabalhadoras que dedicaram alguns anos de suas vidas ao trabalho fabril. As memórias de mulheres que trabalharam em fábricas sempre foram alvo do meu interesse, isso ocorre pelo fato de ter crescido ouvindo de minha avó, que foi operária, histórias sobre como era trabalhar em fábricas. Ora as histórias eram boas, lembravam momentos de fartura e segurança, ora faziam lembrar dos momentos de dor, incertezas e necessidades. Contudo, em minhas memórias, o que mais marcou foi como o trabalho fabril serviu para que ela modificasse a sua realidade.

Aos dezoito anos, com uma filha recém nascida, sem estrutura familiar, pobre e sem escolaridade, o trabalho fabril se apresentou como uma espécie de bote salva-vidas, para minha avó. A oportunidade de ter um emprego a libertou de ter que conseguir dinheiro para sobreviver de outras maneiras, talvez, consideradas indignas, tendo em vista que não era apenas a sua sobrevivência que estava em

questão, mas a da sua filha e de seu casamento. A fábrica se impôs na vida de minha avó como opção, que uma vez tomada, mudou os rumos do seu núcleo familiar. Minha avó sempre conta como era difícil o trabalho na fábrica e como eram árduas as escalas de trabalho, que iniciavam às seis horas da manhã e duravam mais de doze horas. Ele conta, também, sobre as dificuldades para chegar até a fábrica sem ônibus, sobre quando a safra acabava, sobre as relações com os encarregados e sobre o trabalho sacrificante. Todas essas histórias têm sentimentos conflituosos de afetos e dores, de alegrias e ansiedades.

Eu nunca havia ouvido ou visto essas histórias na televisão, nem lido em jornais ou livros, só tinha tomado conhecimento por meio das narrativas de minha avó. Ela foi minha única fonte para esse conhecimento por muitos anos e foi a responsável por despertar em mim a vontade de saber sobre outras histórias, sobre mulheres e fábricas. Ela ainda é uma das minhas principais informantes. As memórias contraditórias desses universos, os ambientes fabris onde elas trabalhavam, me fizeram sentir a necessidade de encontrar e escutar trajetórias semelhantes às de minha avó, que, como as dela, ainda não haviam encontrado uma escuta interessada em ouvi-las, registra-las e amplia-las, pela compreensão do fato que as aproximava, para uma parte maior da sociedade.

Pessoalmente, isso foi o que me motivou para essa pesquisa: pressentir no silêncio a humanidade das vozes dessas mulheres. Foi, também, a vontade de escutá-las como ecos de uma condição humana da mulher operária. A fábrica Laneira Brasileira S.A. foi o local onde encontrei essas vozes. No entanto, preciso antes apresentar o contexto do lugar dessa fábrica. Pelotas, no século XIX, foi uma das cidades mais industrializadas do sul do país. Tal fato iniciou com a indústria do charque, que deixou de herança para esta cidade fábricas que utilizavam os resíduos descartados da produção saladeril e, com eles, produziam velas, sabões, couros, etc (ESSINGER, 2009, p.44). O crescente desenvolvimento atraiu outras indústrias que, durante o século XX, geraram para Pelotas uma grande quantidade de empregos. Parte desses empregos eram destinados a mulheres, geralmente de baixa escolaridade, pobres e sem outras qualificações.

Nesse fluxo de acontecimentos, a fábrica Laneira abriu suas portas no ano de 1949 e durante 54 anos de funcionamento, empregou milhares de famílias, sendo capaz de promover não só o sustento destas, como também ser palco para os mais

variados tipos de relacionamentos possíveis dentro de uma fábrica. Portanto, foi mais de meio século de trabalho, de amizade, de segurança, de afetos e de desafetos e de tantos outros elementos inerentes ao convívio em um ambiente de trabalho que oferecia riscos, que demandava sacrifícios, que usava o tempo útil, a juventude e a força dos que nele estavam, entretanto, não tirava das pessoas as possibilidades de encontrar momentos para se sentirem vivas.

Minha relação com a Fábrica Laneira S.A. teve início durante a graduação, no ano de 2014, quando conheci o projeto de requalificação do complexo da Laneira, comprado há alguns anos pela UFPel. A Casa dos Museus, título do projeto, concebia a implantação no local de um centro interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em museus universitários.

Inicialmente minha pesquisa se voltou para uma das máquinas remanescentes dentro do prédio. Essa máquina estava localizada onde o memorial da fábrica seria estabelecido. Parte do maquinário já se encontrava com danos evidentes e, dessa forma, um projeto de conservação demandava levantamento do local. Contudo, com o andar da pesquisa sobre a máquina fui sentindo necessidade de pensar sobre o memorial da extinta fábrica. A pergunta sobre o que deveria conter esse memorial foi tomando a minha atenção. No final do ano de 2016, defendi meu TTC intitulado *“Um olhar sobre o patrimônio industrial: elementos para o memorial da extinta Laneira Brasileira S.A.”*, que tinha como objetivo averiguar o potencial dos elementos simbólicos que poderiam compor a memória da extinta fábrica. E foi então que a memória da Fábrica Laneira S.A. foi se apresentando para mim como um lugar de muitas memórias, dentre elas, as memórias de ex-trabalhadoras.

Um dos aspectos que me fizeram ver o potencial dessa fábrica para o encontro de memórias de ex-trabalhadoras está relacionado com o seu quadro de funcionários, ocupado, na sua maioria, por homens. A eles competia parte do trabalho árduo e bruto da fábrica e eram eles que preenchiam os cargos de chefias (ESSINGER, 2007, p.129). Como consequência, impregnada pelas narrativas de minha vó e pelas questões que as pesquisas sobre o memorial levantavam, questionei-me sobre quais espaços sobravam para as mulheres. Nas entrevistas pude identificar que as mulheres ocupavam as funções de limpeza, no refeitório, na classificação de lã, no setor de fiação, na enfermagem e no escritório. Esses setores

eram marcados, predominantemente, pela presença feminina, mas eram chefiados por homens; com exceção de um setor, sobre o qual houve relatos de ter tido uma mulher como supervisora, em determinada ocasião.

O trabalho na Laneira exigia das funcionárias força física e atenção. No setor de classificação, as funcionárias entravam em contato diretamente com a lã bruta, recém chegada do campo. Essa lã era contaminada por esterco, pó e, frequentemente, por escabiose, o que acabava por causar problemas de saúde nas funcionárias. Já no setor de fiação, o problema eram os acidentes de trabalho causados pelas máquinas: um segundo de descuido era o suficiente para perderem os dedos. Tais condições de trabalho foram, portanto, outro fator determinante para a escolha dessa fábrica. Eu queria saber como essas situações emergiam nas narrativas dessas mulheres. Além disso, outro ponto importante sobre a fábrica era o seu modo de contratação. Diferente de outras, a Laneira contratava funcionários fixos e não por safras. Assim sendo, as mulheres, que por lá trabalharam, podiam ter certa estabilidade e, ao mesmo tempo, faziam da fábrica mais do que um lugar de trabalho, mas um lugar de sociabilidade e, para algumas dessas mulheres, esse era o único.

Foi nesse caminho que se constituiu o ponto nodal da pesquisa, que são as memórias das funcionárias da Fábrica Laneira. Com isso, não tenho a pretensão de contar uma história das operárias, nem uma história do trabalho, mas sim a de compreender as dualidades memoriais presentes nas narrativas das mulheres entrevistadas, que, por vezes, emanavam afetos e por outras, revelavam dores e inquietações. Então, o objetivo inicial desta pesquisa, primeiramente, foi o de fazer um inventário das memórias femininas da extinta fábrica Laneira, nas quais se pudessem destacar as subjetividades memoriais presentes nas narrativas, bem como os pontos comuns desses femininos. Saliento que o inventário é um instrumento metodológico que visa o registro de informações de forma sistemática, isto é, “inventariar os bens significa produzir um conhecimento que necessariamente parte do estabelecimento de critérios, pontos de vista e recortes sobre determinados universos sociais e territoriais” (MOTA; REZENDE, 2016, p. 6).

Com o decorrer das entrevistas, percebi que a pesquisa não seria apenas um inventário de memórias, mas uma verificação de subjetividades que encontraram no memorar uma trajetória para recontar alguns afetos e dores do passado. Para tanto,

explorei o universo feminino, que foi representado pela fábrica, vista nas entrevistas como o lugar de centralização de muitas memórias, as quais encontraram na voz de cada uma a possibilidade de expressar o que era se sentir mulher naquele ambiente, em parte, bruto e hostil. As entrevistadas representaram os mundos, cada uma com suas próprias memórias e subjetividades, que orbitaram dentro desse universo feminino. Objetivou-se, dando-lhes voz, expressar a ideia de que os valores mais intrínsecos do patrimônio se orquestram no subjetivo de um coletivo que não é evidente e, por isso, precisa ser buscado.

Dessa forma, a fábrica surgiu nessa pesquisa como um lugar no qual expectativas, receios e vontades emergiram de um tempo em que o ritmo de trabalho cadenciava as possibilidades da vida de cada uma dessas mulheres. O interesse nas memórias delas é, também, uma forma de buscar entender como se davam as relações interpessoais naquele espaço que se hoje é vazio, também é, como em todo o patrimônio industrial, pleno de referências aos valores de uma época. No entanto, o desenvolvimento da pesquisa não buscou esses valores, mas os sentimentos que transpareciam nas memórias das mulheres entrevistadas, que emergiam nas suas falas, dando corpo a uma voz que nem sabiam ter.

Assim, para atingir esse objetivo geral, desenvolvi etapas que tiveram os seguintes objetivos específicos: **1)** localizar, recolher e sistematizar as memórias das ex-funcionárias da fábrica Laneira Brasileira S.A. (a sistematização das memórias foi feita de acordo com os tópicos guias que norteiam a pesquisa e que serão apresentados nos capítulos); **2)** identificar os espaços ocupados pelas mulheres dentro da fábrica Laneira; **3)** analisar as jornadas de trabalho cumprida pelas mulheres dentro e fora da fábrica Laneira; **4)** observar as relações das mulheres com a fábrica e com o maquinário; **5)** depreender como se davam as relações entre homens e mulheres dentro do espaço fabril; **6)** verificar nas narrativas femininas como as memórias se organizam entre o afeto e o não-afeto.

A história da fábrica era importante na medida em que os modos de produção poderiam indicar a condição de trabalho das operárias. Para tanto, localizei todos os trabalhos acadêmicos que versavam sobre a fábrica, identificados na revisão bibliográfica. A dissertação “Os significados do Lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. (Pelotas / RS)”, de Jossana Peil Coelho, contribuiu com o histórico da Laneira, pois conta através de entrevistas como era o

funcionamento da fábrica. Foi possível observar, também, alguns aspectos fundamentais como, por exemplo, o fato de que a maioria dos funcionários da fábrica eram fixos. Ainda sobre a fábrica, a dissertação de Chanaísa Melo, “Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima”, foi importante, porque na análise feita das fotografias da extinta fábrica, foi possível enxergar um pouco daquele ambiente e como eram as condições de trabalho nele.

Do artigo “BICHO DA SEDA: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas”, escrito por Cíntia Vieira Essinger, aproveitei as informações contidas no Livro de Registro de Sócios do Sindicato de Empregados das Indústrias de Fiação e Tecelagem de Pelotas, que contém anotações de entradas e saídas de operários nas fábricas pelotenses, a partir de 1946 até a década de 1970. Por meio deste artigo, obtive a informação de que a Laneira era a única fábrica do ramo têxtil na cidade de Pelotas que tinha seu quadro de funcionários composto majoritariamente por homens.

Ademais, os conceitos já citados da autora Michelle Perrot foram utilizados para a compreensão da memória feminina, como decorrência da sua constituição a partir dos papéis sociais que as mulheres, tipicamente, ocuparam na sociedade. Para a autora, as memórias femininas são organizadas socialmente e não biologicamente. Perrot (2005) aborda a questão do silêncio feminino nas memórias públicas também, em contraponto com as ruidosas memórias masculinas, que deixam às mulheres apenas a memória do privado.

Outra autora importante para a realização da pesquisa foi Margareth Rago, que aborda os conceitos da epistemologia feminista. Para essa autora a produção do conhecimento se modifica a partir da entrada das mulheres na cena pública. A produção do conhecimento antes era um processo racional e objetivo. Perrot defende de que as mulheres transformaram isso para uma dimensão subjetiva.

Os conceitos apresentados por Perrot e Rago sobre a história das mulheres deixam claro que as memórias femininas são individuais e se reconstroem por meio dos papéis sociais desempenhados culturalmente. Aplico, aqui, os quadros da memória de Halbwachs (2006), que versa sobre como as memórias se reconstituem de acordo com os vários grupos sociais dos quais o sujeito faz parte. Dessa forma, as memórias das mulheres são um grande quadro que une todas as mulheres. No

entanto, a pesquisa não tem por objetivo trabalhar com a memória coletiva de Halbwachs, mas com o conceito de metamemória de Candau (2011). Nesse sentido, o autor diz que dentro de um mesmo grupo social, que tem memórias comuns a todos, as memórias terão um peso diferente. Também o foi para cada mulher entrevistada, pois, segundo ele, não existe uma identidade coletiva, o indivíduo é único. A memória coletiva é uma representação, que é classificada como metamemória que, por sua vez, é aquilo que o indivíduo evoca da sua própria memória.

As memórias das ex-funcionárias foram coletadas por meio de entrevistas, utilizando como metodologia a técnica de entrevista narrativa, que tem por objetivo colher informações de um período específico da vida da entrevistada. Nesse caso, a entrevista foi feita de maneira individual e foi aplicada a dez ex-funcionárias da fábrica Laneira. As entrevistas foram orientadas pelos tópicos guias, que tiveram como função extrair e ao mesmo tempo limitar os conteúdos necessários para a pesquisa. Todavia, os tópicos guias não tinham como pretensão engessar as narrativas das entrevistas, mas sim, deixá-las livres para contarem suas experiências. Os tópicos guias sugeridos pela pesquisadora foram os seguintes: “Os marcos da vida na fábrica”, “Os horários e o tempo da vida”, “Os afetos na fábrica (os amigos e as amigas)”, “O lugar da família”, e, por fim, “A dedicação e a recompensa”. Permeando todos, foi possível observar os desgostos, os momentos de tristeza e as perdas que a memória insiste em guardar, bem como os momentos de festas e confraternizações muito lembradas nas entrevistas.

A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro, por título “A Laneira e as mulheres” é dedicado a registrar a história da extinta fábrica, bem como as condições do trabalho feminino; para tanto, este capítulo está subdividido em: “Pelotas e a Laneira Brasileira Sociedade Anônima” e “Os caminhos para a narrativa”. O segundo, intitulado “O universo das mulheres da Laneira”, é destinado a indicar quem eram essas mulheres, como elas se dividiam entre família, casa e fábrica, além de refletir sobre qual era a relação dessas mulheres com a própria fábrica. O terceiro e último, “Memórias Femininas”, recolhe dos relatos das depoentes os elementos que as identificam nos sentimentos quanto ao passado vivido na fábrica. Esses elementos puderam, conforme recorrência nos relatos, ser subdivididos em dois campos, nem sempre antagônicos, mas diversos: os afetos e os receios.

Os receios nem sempre traduziram medos experimentados, mas inquietudes que não cessaram, que voltaram nas memórias e que faziam parte dos dias das depoentes. Neste capítulo, apresento o conteúdo subjetivo do relato de cada uma e como, referindo-me a fatos análogos, as depoentes traduzem um sentimento síntese do vivido que, pela memória cada uma organiza como uma expressão da sua vida na fábrica. Nos depoimentos, as relações delas com os outros agora se expressam em memórias emocionais, que parecem seguir um padrão relacional entre o bom/afeto e o ruim/inquietude.

Capítulo 1 – A Laneira e as mulheres

Este capítulo foi dividido em duas partes, a primeira intitulada “Laneira Brasileira Sociedade Anônima”, em que se pretendeu discorrer brevemente sobre a origem das fábricas na cidade de Pelotas/RS, bem como o trabalho feminino na região para, em seguida, entrar na história da Laneira Brasileira S.A., que vem a ser um importante passo para a compreensão das condições de trabalho das ex-funcionárias do extinta fábrica. A segunda parte do capítulo, denominada “Os caminhos para a narrativa”, foi dedicada a explicar por qual motivo a fábrica Laneira foi escolhida, assim como as mulheres que foram entrevistadas para essa verificação de memórias femininas.

1 – 1 Pelotas e a Laneira Brasileira Sociedade Anônima

A cidade de Pelotas/RS é conhecida, historicamente, pela produção de alimentos. Inicialmente, a produção de charque impulsionou o desenvolvimento da cidade no início do século XIX, época em que a cidade chegou a ter 35 estabelecimentos de comercialização deste produto, abatendo mais de cinco milhões de cabeças de gado entre os anos de 1871 e 1885. Já no final do século XIX e início do século XX, as charqueadas entram em declínio, abatendo 1.837.095, entre os anos de 1905 e 1919, contando apenas com cinco estabelecimentos de comercialização de charque, segundo a revista “Almanach” de Pelotas, no ano de 1920 (ESSINGER, 2009, p. 24).

Com os lucros adquiridos pela indústria saladeril no século XIX e, como consequência do aproveitamento dos produtos descartados pelas indústrias charqueadoras, a alternativa encontrada foi atrair outras indústrias para a cidade de Pelotas, como curtumes, fábricas de velas, sabões e adubos, utilizando os resíduos da indústria da carne. Além disso, foram feitos investimentos em lavouras de arroz e fruticulturas, o que diversificou o quadro industrial da cidade formando assim, um núcleo que mais tarde se tornou muito importante para a industrialização da cidade.

Muitas dessas fábricas contavam com uma grande participação de mulheres na mão de obra. Em entrevista com as ex-funcionárias, foi possível constatar que em grande parte dessas fábricas as condições de trabalho eram péssimas, embora,

na maioria das vezes, sejam romantizadas por memórias de épocas de glórias. No trabalho nos curtumes¹, por exemplo, era comum que as mulheres que trabalhassem lá perdessem todas as unhas devido ao contato direto com produtos químicos, em função da falta dos equipamentos de proteção necessários para o trabalho. Porém, essa memória só é revisitada quando perguntado especificamente sobre os malefícios do trabalho, dando a impressão de que as memórias doloridas são colocadas em um lugar de esquecimento.

Adiante, lugares estratégicos começaram a ser ocupados para o funcionamento das indústrias pelotenses, como a zona portuária da cidade e ao redor da estação férrea; a zona norte da cidade, pela proximidade com a matéria prima, foi ocupada pelos engenhos de arroz e pela fábrica de sabões e velas. Nessa nova fase econômica, Pelotas e Rio Grande se tornaram os principais núcleos de industrialização do estado, época em que a indústria têxtil cresceu nas duas cidades: Pelotas com a “Fiação e Tecidos Pelotenses” e Rio Grande com a “Fábrica Rheingantz” (SANTOS, 2011, p. 69). Esse período de prosperidade industrial deixou uma herança significativa para o patrimônio arquitetônico pelotense, como cita a autora Roberta Santos:

Nesta gama de edifícios sobressaem-se alguns exemplares como símbolos da industrialização, que são bastante citados na bibliografia que trata do patrimônio cultural material da cidade. São eles: a Fábrica de Sabões e Velas (1871) de Frederico Carlos Lang; a Cervejaria Ritter (1876); A Estação Férrea (1884); a Cervejaria Rio-Grandense (1889) que em 1944 foi vendida a Cervejaria Brahma; a Fábrica de Curtumes (1895); a Companhia Fiação e Tecidos pelotense (1908); o Frigorífico Anglo (1919); o Moinho Pelotense (1925); e a Laneira Brasileira (1949) (SANTOS, 2011, p. 70).

Pelotas presenciou a falência consecutiva de muitas fábricas importantes para a economia da cidade. A prefeitura, tentando amenizar o impacto econômico lançou a lei nº 2096, de 06 de dezembro de 1973, que criou o distrito industrial da cidade. Contudo, isso não surtiu grandes efeitos para a economia do município, que hoje conta com muitos prédios industriais em completo abandono.

A fábrica Laneira Brasileira Sociedade Anônima surgiu na cidade de Pelotas nos anos de 1945, por mais de 50 anos fez parte da vida de muitas mulheres, que faziam da fábrica tanto seu sustento e de suas famílias, como também, um lugar de sociabilidade, em que tinham afetos, desafetos e amores que levaram para toda a vida.

¹ Informação obtida em entrevista com ex-funcionária do Curtume Herbert Hadler.



Figura 1 – Fachada da Laneira S.A. (década de 1980)

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 2 – Vista aérea da Laneira S.A. (década de 1980)

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

A fábrica surgiu, primeiramente, com o nome de “Laneira Brasileira Ltda.”, no dia 05 de novembro de 1945, com a sede social registrada em Porto Alegre/RS, tendo como meta o beneficiamento de lã crua. Seus principais sócios foram: Moyses Llobera Gutes, Tito Livio Mônico (sócio e procurador do Sr. Llobera), José Andino Mônico, Adélio Motta Viana, Leocádio de Almeida Nunes, Auto Paiva Guimarães e João Cândido Teixeira. No dia 08 de dezembro de 1948, após uma mudança no contrato social para sociedade anônima, a fábrica passa a ser chamada de “Laneira Brasileira S.A.”, e teria sua sede transferida para Pelotas, assim que concluídas as obras para as novas instalações da fábrica.

Através de pesquisa no cartório de registros de imóveis de Pelotas, obteve-se a informação das compras dos terrenos para a construção da planta industrial. No dia 7 de abril de 1949 aparece registrada a compra de prédio de alvenaria na forma de armazém à rua Daltró Filho, com 13 aberturas de frente, 5 portas, 5 janelas, 3 portões, referentes aos números 100,102,104 e 106. No dia 13 de janeiro de 1953 é adquirido terreno ao lado leste do número 104, da rua Daltró Filho², terreno de propriedade da Igreja Episcopal. No dia 31 dezembro de 1953 é adquirida uma casa residencial na rua Daltró Filho, uma entrada e um portão, números 112 e 114,

² Antigo nome da Avenida Duque de Caxias.



Figura 4 – Ação Ordinária Laneira S.A. 1964

Fonte: Marcio Dillman, 2010

Porto Alegre estava deixando de ser um ponto estratégico para a importação e exportação de lã gaúcha, os acionistas da Laneira viram na cidade de Pelotas fatores determinantes para que esta fosse escolhida como sede da Laneira. Um desses fatores foi a ligação com as principais vias de comercialização de lã no estado de Rio Grande do Sul, como Rio Grande, Livramento e Uruguaiana (MELO, 2012, p. 63). O prédio foi projetado pelo engenheiro Paulo Ricardo Lecacov, com a ideia de que fosse semelhante a um grande galpão, seguindo a tendência da época, com pé direito alto e grandes espaços. Contudo, não foi ignorado que o prédio deveria atender as exigências da fábrica, desde o recebimento da lã crua até a saída da lã empacotada. Na década de 1950, juntamente com a construção do prédio, iniciou-se a transferência do maquinário para Pelotas.

No ano de 1956, o grupo de acionistas contava com mais vinte e um nomes, além dos já citados acima, tornando-se reconhecida no município. Aos poucos, a indústria foi crescendo pelas suas atividades em beneficiamento de lã, e em 1972

adquiriu mais um armazém, localizado na Av. Duque de Caxias, nº 116, passando a confeccionar os tops de lã³, além da lavagem, o que mais tarde se tornou a especialidade da fábrica. Simultaneamente, a fábrica saiu em busca do mercado internacional, tendo como principais importadores a Alemanha, a França e a Inglaterra. Juntamente com a construção dos novos espaços para a implantação do maquinário para confecção de tops, na década de 1970, a Laneira foi atingida pela crise mundial do mercado laneiro. No ano de 1974, a Laneira, redigiu em nota os problemas, pelos quais a fábrica estava passando.

Diante desse quadro esdrúxulo e incompatível com a realidade, nossa política de compras foi drasticamente atingida, levando-nos a preferir perder negócios com produtores, em cerca de 600 toneladas, por não aceitarmos as imposições do perigoso e falso mercado de abastecimento-campanha (1974, p. 56 apud MELO, 2012).

Em consequência disso, a comercialização de lã do ano de 1974 foi reduzida e, para ter uma renda extra, a Laneira alugou o pavilhão de armazenagem de lã para armazenar cereais e outros produtos provisoriamente. Então, em decorrência da crise, a Laneira acabou por se associar ao seu concorrente, “Lanifício do Rio Grande do Sul Thomaz Albornoz” (figura 4), com sede em Santana do Livramento, no ano de 1976, que acabou assumindo o controle majoritário da fábrica após comprar as ações do principal acionista, e em seguida dos acionistas pelotenses. Tornando assim, no dia 07 de dezembro de 1977, o senhor Dr. Dilney Vares Albornoz o novo presidente da Laneira Brasileira S.A. A união das duas fábricas e sendo o Rio Grande do Sul o principal produtor de ovinos do país, fez da empresa a maior exportadora de lã em tops do Brasil. As mulheres entrevistadas para essa pesquisa em sua maioria trabalharam nesse período da fábrica.

³ Tops é a transformação da lã in natura, que é classificada, lavada e colocada em tipos de novelos.



Figura 5 – Prédio do Lanifício do RS Thomaz Albornoz S. A.

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL (S/D)

Como já foi dito anteriormente, a Laneira recebia a lã crua. Diariamente, chegavam caminhões cheios de sacos de lã (figura 6) que vinham diretamente do produtor; conforme os caminhões iam chegando e sendo descarregados, a lã passava para os depósitos de armazenagem. Estando dentro da fábrica, a lã era levada para o setor de classificação (figura 7), o local era cercado por bolsas ou fardos que algumas vezes eram fixados nas paredes por arames. Esse setor funcionava em horário comercial e nele trabalhavam em sua maioria mulheres, que eram responsáveis por classificar a lã. O setor de classificação era considerado pelas ex-funcionárias como um dos piores para se trabalhar, pois, nele, as mulheres lidavam com a lã vinda diretamente do campo, suja de esterco e empoeirada, o que causava diversos tipos problemas de saúde.



Figura 6 - Caminhão de transporte de lã

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL



Figura 7 – Setor de classificação de lã (década de 1950)

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

É importante ressaltar que a empresa era composta por diversos setores e funções, como é possível observar no documento do Departamento de Recursos Humanos (Figura 6), do ano de 1984, que descreve e especifica o cargo e as tarefas realizadas por cada funcionário. As mulheres só trabalhavam em alguns setores da fábrica, como a fiação, a pentagem e a classificação da lã, faziam, também, o serviço de limpeza da fábrica e trabalhavam no refeitório. Em setores como o das caldeiras, a presença feminina chegava a ser proibida, por ser um setor muito quente e perigoso, como pode ser observado na planta a seguir:

Localização dos setores da Antiga Laneira Brasileira S.A.

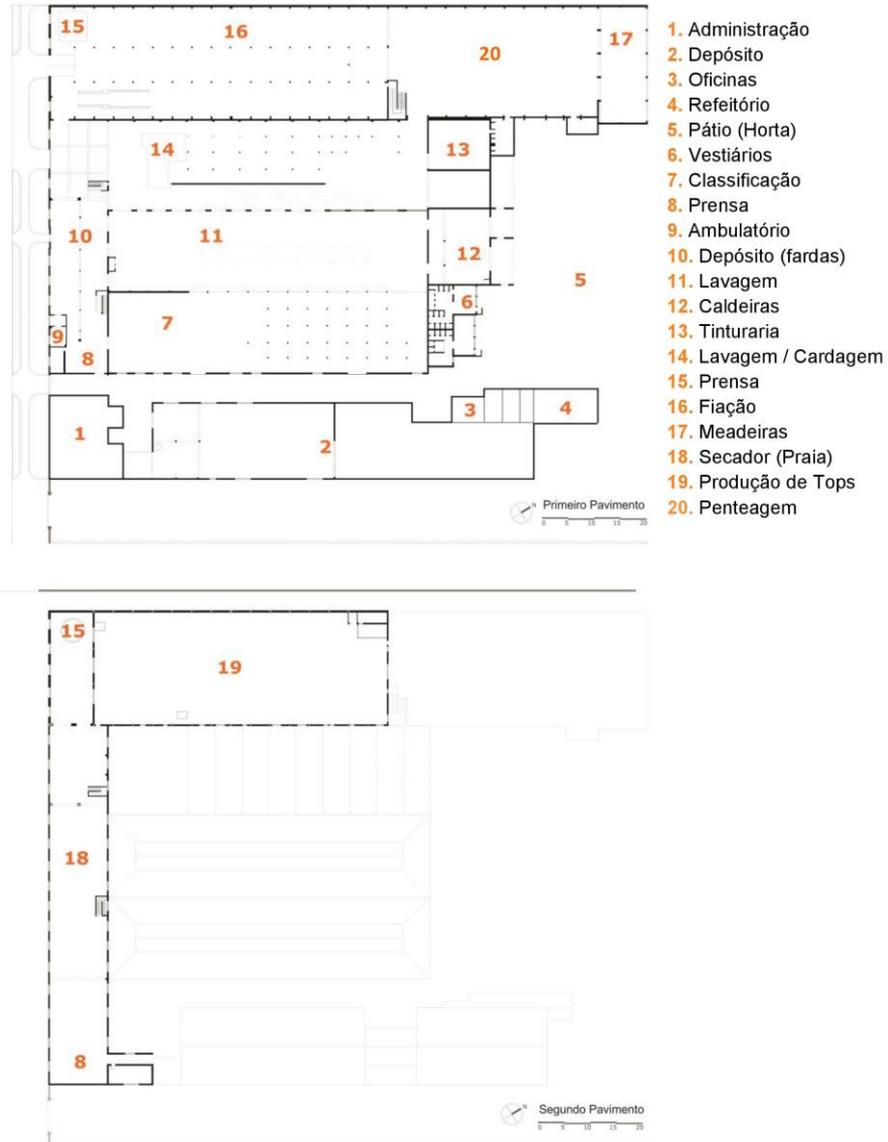


Figura 8 - Planta da fábrica

Fonte: Jossana, 2017

A jornada de trabalho era de oito horas por dia e funcionava em três turnos, para que a fábrica sempre estivesse em funcionamento. Na década de 1990, os turnos foram divididos em quatro de seis horas diárias. Essa medida foi tomada junto com o sindicato para que se criassem mais vagas de emprego. Nesse período, a

fábrica chegou a empregar mais de quatrocentas pessoas, sendo que muitas dessas pertenciam à mesma família (MELO, 2012).

LANEIRA BRASILEIRA S/A. IND. & COM.
DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS
DESCRIÇÃO DE CARGO

CARGO: APOSETADOR
LOTAÇÃO: CLASSIFICAÇÃO E TRIAGEM
NOME DO FUNCIONÁRIO: Balbino.

- . Efetua a pesagem da lã destinada a lavanderia, confrontando com anotações feitas pelos classificadores.
- . Anota em fichário próprio a quantidade de lã pesada informando, ao secretário interno.
- . Efetua a abertura de fardos, abastecendo as mesas de classificação com lã bruta.
- . Separa capacho, ponta queimada, cementes, etc.
- . Auxilia na carga e descarga de caminhões.
- . Pode abastecer a rasgadeira com lã bruta.

DATA DA ANÁLISE	ANALISTA	CHEFE DE PESSOAL	DIRETOR
26/07/1984	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>	<i>[Assinatura]</i>

Figura 9 – Documento referente aos cargos exercidos na Laneira Brasileira

Fonte: Márcio Dillman de Carvalho, fotografia digital, 2011.

A fábrica funcionou durante mais de cinquenta anos, período no qual foi capaz de prover o sustento de milhares de família. No ano de 2003, a fábrica Laneira decretou falência, porém, o prédio foi mantido e permaneceu fechado durante sete anos. Somente em 2010 que o prédio foi adquirido pela Universidade Federal de Pelotas. Seu uso não estava estipulado e assim permaneceu até 2013, quando, a pedido do Núcleo de Patrimônio Cultural da Pró-reitoria de Extensão e Cultura, o reitor encaminhou o pedido de inclusão da Laneira no Inventário do Patrimônio Cultural do Município. Em decorrência disto, hoje o bem se encontra inventariado, estando protegido em nível 2, ou seja, fachadas, volumetria e

cobertura não podem sofrer alterações e outras intervenções devem ser avaliadas pela Coordenadoria de Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura do Município.

1 – 2 Os caminhos para a narrativa

Essa parte da pesquisa pretende apresentar os caminhos percorridos pela pesquisadora para a realização da dissertação. Inicialmente, justificando o motivo por ter escolhido como objeto de pesquisa as memórias femininas de operárias, bem como, o porquê de eleger a Laneira, em meio a tantas fábricas, como o lugar de concentração dessas memórias. As memórias femininas de operárias são, muitas vezes, negligenciadas e deixadas de lado. Dessa maneira, a pesquisa pretende dar um espaço para as vozes dessas mulheres que, frequentemente, se silenciaram por não encontrarem um local ou um alguém que escutasse suas narrativas.

Para além disso, a fábrica Laneira fez parte da vida de muitas gerações que nela se sucederam e dela obtiveram tanto o seu sustento como as suas relações sociais cotidianas. De acordo com entrevistas feitas por Jossana Peil Coelho, no TCC “Identificação de suportes de memória no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A”, e em sua dissertação “Os significados do Lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. (Pelotas / RS)”, descobriu-se como era o cotidiano da fábrica, os significados que ela teve para cada pessoa entrevistada. Peil (2016) também traz relatos de pessoas que nunca trabalharam na fábrica, mas que tiveram uma relação com a Laneira por morarem próximas da fábrica. Esses relatos foram fundamentais para o início da pesquisa, pois eles descrevem a importância que a fábrica teve, não só na vida das pessoas que trabalhavam lá, como também para o bairro e até mesmo cidade.

Na dissertação “Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima”, de Chanaísa Melo, foi possível verificar, por meio das várias fotografias apresentadas, que um grande número de mulheres atuou na Laneira durante a sua existência. Nas fotos foi possível observar um pouco sobre as condições do trabalho feminino fabril, sugerindo assim, um estudo mais aprofundado sobre a trajetória das mulheres no contexto da referida

fábrica. Tendo com um dos principais intuitos resultar em uma memória da condição da mulher no ambiente fabril do período, em Pelotas, que, como dito anteriormente, foi uma cidade com um grande número de fábricas.

Cíntia Vieira Essinger, no artigo “BICHO DA SEDA: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas”, diz que a Laneira era a única fábrica no ramo têxtil na cidade de Pelotas e que o número de mulheres não era superior ao de homens.

Observando os dados do Livro de Registros pode-se perceber que as mulheres eram maioria no trabalho da fábrica têxtil. Com exceção da Laneira Brasileira, em todas as outras empresas encontrou-se esta relação que já podia ser percebida em 1909 (ESSINGER, 2007, p.129).

Desta forma, a Laneira foi escolhida como objeto para a verificação das memórias femininas de ex-operárias por ser uma fábrica que se diferenciava das outras no seu quadro de funcionários, contando com menos mulheres do que homens e por saber que as condições de trabalho na Laneira eram muito rigorosas.

Dando prosseguimento, o primeiro procedimento metodológico adotado para essa pesquisa foi a revisão bibliográfica, afim de aprofundar os conhecimentos sobre os temas memória e identidade, sobre a fábrica em si, sobre a memória do trabalho feminino fabril, memórias e narrativas femininas. Para melhor compreender a história da Laneira, foi necessária uma investigação detalhada em diversas pesquisas que tratam sobre a fábrica. Entre elas, a dissertação de Jossana Peil Coelho Os significados do Lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. (Pelotas / RS) referência principal para a realização dessa etapa da pesquisa.

A técnica utilizada para coleta de dados foi a entrevista narrativa aplicada nas ex-funcionárias da fábrica Laneira, de maneira individual. Importante ressaltar que a entrevista narrativa é considerada um método de pesquisa qualitativo, ou seja, a partir delas, busco o subjetivo, a opinião do entrevistado tendo como técnica a entrevista semi-estruturada, que tem a intenção de fazer com que o entrevistado narre uma história sobre determinado acontecimento da sua vida, nesse caso, o período no qual trabalhou na Laneira. Nesse tipo de entrevista o entrevistador deverá explicar ao entrevistado a dinâmica da entrevista, que não se baseia em perguntas e respostas, mas sim, estimular o entrevistado a falar sobre seu passado. A entrevista narrativa não explora somente o que é dito, mas o que é omitido também. Esses silêncios e o jeito de dizer são de fundamental importância

também para uma compreensão do mundo em que as entrevistadas viviam e ainda vivem.

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (JOVJELOVITCH e BOUER, 2008, p. 91).

Inicialmente, foi necessário a identificação das ex-funcionárias e, para isso, pude contar com uma rede de narradoras, já entrevistadas em outras pesquisas, as quais deveriam indicar ex-colegas da fábrica para que pusessem contribuir com esta pesquisa. As primeiras entrevistadas foram: dona Gladis, dona Eli e dona Conceição. Porém, devido ao tempo que se passou desde que as entrevistadas trabalharam na fábrica, o contato com as antigas colegas foi perdido e isso fez com que a pesquisa tomasse outros rumos. A possibilidade de identificar possíveis narradoras para a pesquisa foi pensado a partir da localização dessas ex-funcionárias por meio das fichas funcionais, utilizadas no departamento de pessoal da fábrica Laneira que, atualmente, se encontram sob a guarda da Fototeca Memória da UFPEL, na coleção da fábrica Laneira Brasileira S.A., no entanto, as fichas encontram-se desatualizadas.

A alternativa encontrada foi ir procurar nas ruas próximas do prédio da extinta fábrica, mulheres que trabalharam na Laneira. Embora tenha sido um procedimento lento, obtive resultados. Conhecidas, amigas, irmãs, sogras foram indicando outras mulheres. Contudo, para ter pluralidade de memórias, evitando que o grupo de depoentes ficasse limitado e que as mulheres fossem de diferentes perfis: casadas com filhos, solteiras sem filhos, mães solteiras e outros, o rol de entrevistadas. O agravante foi que, para ter uma visão de trajeto da fábrica, era necessário que houvesse pelo menos um relato sobre todos os períodos de funcionamento da fábrica. Apesar disso, nem todas aceitaram dar a entrevista e outras não foram encontradas, por terem se mudado, trocado o telefone ou falecido. Apenas cinco então foram localizadas e aceitaram ser entrevistadas. Foram elas: dona Isabel, dona Neuza, dona Maria, dona Clara e dona Joana.

As narradoras cumpriram o papel de narrar suas memórias a partir dos tópicos guias sugeridos pela pesquisadora. Os tópicos guias foram um conjunto de títulos utilizados para orientar a entrevista e também serviram como um esquema preliminar para a análise das entrevistas. Os tópicos utilizados foram: “Os marcos da vida na fábrica”, esse tópico tem por objetivo que as entrevistadas contem sobre o tempo em que trabalharam na fábrica relacionando o trabalho com eventos ocorridos em suas vidas pessoais, por exemplo: casamento, nascimento de filhos; “Os horários e o tempo da vida”, neste tópico pretendeu-se compreender a rotina das mulheres, como se revezavam entre as tarefas da fábrica e a vida familiar; “Os afetos na fábrica (os amigos e as amigas)”, o qual procurou entender como se davam as relações dentro da fábrica, seja somente entre as mulheres ou com gênero oposto. O lugar da família teve como objetivo analisar qual a posição da família dentro da rotina das mulheres entrevistadas.

“A dedicação e a recompensa”, o último item se propôs a analisar como as mulheres se sentiam em relação ao seu trabalho, se o que recebiam em troca era considerado adequado ao que elas dedicavam, tanto na fábrica, como em casa. Importante destacar que os eixos não foram colocados dessa forma para as entrevistadas, mas sim, em forma de perguntas que estimularam as narradoras a falarem sobre os acontecimentos relacionados. Para estimular a evocação das memórias sobre a fábrica, foram utilizadas fotografias do acervo da Laneira, que estão sob a guarda da “Fototeca Memórias” da UFPEL. As fotografias enriqueceram as narrações das entrevistadas, que algumas vezes até se enxergavam nas fotos. Outras vezes, as fotografias trouxeram memórias já esquecidas, como sobre o funcionamento das máquinas e até sobre os acidentes ocorridos na fábrica.

Por fim, foi empregada a análise temática para avaliar os dados obtidos nas entrevistas após a transcrição. A análise temática consiste em condensar a entrevista transcrita até chegar aos temas recorrentes dentro das falas. Aqui serão utilizados os tópicos guias para sincronizar todas as entrevistas.

As unidades do texto são progressivamente reduzidas em duas ou três rodadas de series de paráfrases. Primeiro, passagens inteiras, ou parágrafos, são parafrazeados em sentenças sintéticas. Estas sentenças são posteriormente parafrazeadas em algumas palavras-chave. Ambas as reduções operam com generalização e condensação de sentido. Na prática, o texto é colocado em três colunas; a primeira contém a transcrição, a segunda contém a primeira redução, e a terceira coluna contém apenas as palavras-chave (JOVJELOVITCH e BOUER, 2008, p. 91).

Outro ponto importante de mencionar foi que optei por manter as transcrições mais próximas possíveis da oralidade das entrevistadas, para isso, utilizei o conceito de Bagno (2007), que defende o respeito “a variedade linguística de toda e qualquer pessoa, pois isso equivale a respeitar a integridade física e espiritual dessa pessoa como ser humano” (BAGNO, 2007, p. 143). Dessa forma, não só torna o texto mais próximo da realidade das falas das entrevistadas, como mostra as características da fala individual de cada uma das mulheres entrevistadas; evidenciando, mais uma vez, as subjetividades de cada mulher. Subjetividades estas que não estão presentes somente em suas memórias, mas também nas falas.

Capítulo 2 – O universo das mulheres da Laneira

O que seria o universo das mulheres da Laneira? No caso da Laneira, as mulheres são os muitos mundos que orbitam dentro do universo, aqui, representado pela fábrica. O conjunto de mundos (mulheres) é o que forma o universo. Assim sendo, o universo aqui citado é o local de conversão das memórias das ex-funcionárias da Laneira, isto é, a própria fábrica, um lugar compartilhado, no qual as memórias poderiam ser compartilhadas por todas. Entretanto, essas memórias, ainda que se referindo ao mesmo fato, são diferentes, pois operam as vivências individuais de cada mulher.

Por muitas décadas as mulheres ocuparam os papéis da vida privada. Foram tantas décadas de dedicação ao lar, que sociedade ainda não se habituou a ter mulheres em altos cargos, tais como chefes de multinacionais, reitoras de universidades, generalas e presidentas. Dessa forma, os silêncios históricos das mulheres começaram a ser quebrados. Silêncios esses que há décadas as mulheres vêm tentando quebrar. É verdade que, ultimamente, as mulheres têm conseguido ganhar um espaço cada vez maior na cena pública, entretanto, isso ainda é muito restrito. Isso porque, a maior parte das mulheres que consegue um espaço para suas falas é branca, escolarizada e de condição econômica favorecida.

É importante observar que as mulheres nunca foram silenciosas, ao contrário, as mulheres falam e sempre falaram. O lugar silencioso, aqui, referido é o espaço público de poder e dominação masculina, o discurso que fez a história, que deixou marcas do passado escritas no papel. Este lugar foi omisso por muito tempo com história das mulheres. O discurso privilegiou a história do homem-branco-heterossexual e com a chegada das mulheres a alguns cargos de poder, o discurso começou a se modificar, dando lugar ao lado feminino da história, modificando os sentidos que haviam sido dados as relações sociais. Rago (2000) salienta a dificuldade de ter uma epistemologia da história feminina, pois segundo ela:

Há uma construção cultural da identidade feminina, da subjetividade feminina, da cultura feminina, que está evidenciada no momento em que as mulheres entram em massa no mercado, em que ocupam profissões masculinas e em que a cultura e a linguagem se feminizam. As mulheres entram no espaço público e nos espaços do saber transformando inevitavelmente estes campos, recolocando as questões, questionando, colocando novas questões, transformando radicalmente. Sem dúvida alguma, há um aporte feminino/ista específico, diferenciador, energizante,

libertário, que rompe com um enquadramento conceitual normativo. (RAGO, 2000, p.10).

A modificação dos espaços permitiu que diversas pesquisadoras voltassem suas atenções para as memórias femininas, entre elas está Michelle Perrot que abordou sobre como a história oral se tornou, nas palavras dela “uma revanche das mulheres” (PERROT, 2005, p.41). As mulheres foram protagonistas desse método, tanto entre pesquisadoras como pesquisadas. Muitos foram os motivos para isso, entre eles está a maior longevidade das mulheres, e o fato de que suas memórias ainda não haviam sido escritas ou contadas para a sociedade.

Poderiam as memórias das mulheres serem associadas aos estereótipos do feminino, daquilo que em cada cultura e em cada período se apresentaria como expressão do ser mulher? Biologicamente, as memórias femininas e masculinas em nada se diferem. Portanto, seria possível existir uma memória essencialmente feminina? Para Perrot, a memória é marcada pelos papéis desempenhados na sociedade, ou seja, as memórias femininas e masculinas se diferenciam apenas no âmbito social e da construção dos gêneros. Para a autora, a memória se relaciona mais pelo modo de vida do que pela variável sexo e “[...] sua sexualização seria constitutiva do debate das determinações sócio históricas do masculino e do feminino” (PERROT, 1989, p. 12). As memórias femininas são, dentro dessa lógica, construídas socialmente a partir do que Halbwachs chama de quadros sociais da memória, que são os pontos de referências determinantes do que deve ser lembrado ou esquecido. Assim, Rago salienta:

Portanto, em se considerando os “estudos da mulher”, esta não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à História, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/saberes instituídos. Como se vê, a categoria do gênero encontrou aqui um terreno absolutamente favorável para ser abrigada, já que desnaturaliza as identidades sexuais e postula a dimensão relacional do movimento constitutivo das diferenças sexuais (RAGO, 1998, p. 6).

As narrativas são sempre reconstruções do passado e se fazem em decorrência das crenças e das vivências de cada indivíduo no momento em que estão sendo expostas. Os fatos que devem ser contados ou omitidos estão, também, relacionados com o lugar e para quem a narração é direcionada. Por isso, uma mesma memória pode ganhar tons diferentes conforme a pessoa e o lugar em que estão vinculados. Sobre isso, Sarlo diz:

A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepetível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar (2007, p. 24).

Esse capítulo é dedicado a explorar as narrativas de um grupo mulheres trabalhadoras da Laneria, que passados mais de dez anos do fechamento da Laneira ainda faz parte das memórias e dos sentimentos das mulheres. Inicia-se apresentando quem são as narradoras dessas memórias.

2 – 1 Quem são as mulheres Laneiras?

As mulheres entrevistadas para a pesquisa estão identificadas como: dona Joana, dona Maria da Conceição, dona Mirian, dona Gladis, dona Clara, dona Maria, dona Isabel, dona Neuza e dona Eli. Para identifica-las, organizei o quadro 1 (mulheres entrevistadas) no qual, por ordem cronológica da entrevista, foram associados os seguintes dados: período em que a ex-funcionária atuou na fábrica, setores nos quais atuou, estado civil e número de filhos. Este quadro permitiu estabelecer uma relação direta entre a situação familiar e o trabalho dessas pessoas. De imediato, observei que das entrevistadas apenas uma exerceu um cargo de chefia, justamente, a que não teve filhos.

Nome (ordem da entrevista)	Período	Setor	Estado Civil	Filhos	Idade na época da entrevista
Dona Gladis(1)	1984 até 1998 14 anos	Fiação/Enfermaria	Solteira -	0	65
Dona Joana(2)	1952 até 1964 12 anos	Limpeza	Casou no período em que trabalhava na fábrica	3	84

Dona Maria da Conceição(3)	1978 1 ano	Pentagem	Casada	4	63
Dona Maria(4)	1984 até 1994 10 anos	Fiação/TOPS	Casada	4	84
Dona Isabel(5)	1987 até 1997 10 anos	Pentagem	Casou no período em que trabalhava na fábrica	1	50
Dona Neuza(6)	1984 até 1997 13 anos	Pentagem	Casou no período em que trabalhava na fábrica	1	63
Dona Clara (7)	1983 até 1996 13 anos	Cozinha/Fiação	Divorciada	3	70
Dona Eli (8)	1986 1 ano	Fiação	Casada	1	67
Dona Mirian (9)	1984 até 1987 3 anos	Pentagem	Separou no período em que trabalhava na fábrica.	3	Não informado

Figura 10 - Quadro 1 Mulheres entrevistadas

Fonte: Autora, 2019.

A primeira entrevista foi com a dona Gladis, durou 1h 35min. A entrevistada foi encontrada por mim através de uma rede de amigos. Dona Gladis iniciou a entrevista mostrando as fotografias que ela tinha do tempo da fábrica (ela tinha

muita coisa para contar). Ela trabalhou na fábrica de 1984 até 1998, ingressou como operária, trabalhando nas máquinas, onde permaneceu por cinco anos. Contudo, dona Gladis era técnica de enfermagem e assim que a vaga para enfermeira desocupou, ela foi transferida. Porém, isso não a afastou das máquinas: ela contou que mesmo sendo enfermeira, era também chefe de setor substituta.

Eu trabalhei cinco anos na fábrica. Depois botaram a enfermeira pra rua e sabiam que eu era enfermeira também, já sabiam, leram na minha ficha né, o doutor Faustino mandou me chamar pra frente (Dona Gladis, entrevista 1, 2017).

Dona Gladis relata que quando assumiu o cargo de enfermeira muitos funcionários não iam ao posto se tratar com ela, pois havia comentários dentro da fábrica de que ela não era qualificada para ser enfermeira. Os chefes foram obrigados a fazer uma reunião com os operários para dizer que ela era qualificada e que eles poderiam consultar com ela sem se preocupar. Diferentemente das outras entrevistadas, dona Gladis não teve filhos, nunca casou e disse gostar da liberdade. Assim sendo, dona Gladis trabalhava para se sustentar. Quando saiu da Laneira, achou que já iria se aposentar, mas foi surpreendida ao saber que a fábrica não havia pago seu INSS por oito anos. Isso fez com que dona Gladis tivesse que trabalhar mais cinco anos como cuidadora de idosos depois de sair da fábrica. Até a data da entrevista, dona Gladis ainda esperava receber o resto de sua indenização.

Eu trabalhei quatorze anos e fiquei quatorze anos esperando para receber e recebi uma mixaria ainda, recebi só 26 mil, de quatorze anos de casa. Eles não repassaram o INSS. Tive que trabalhar cuidando de uma senhora idosa para poder pagar meu INSS e me aposentar por idade, não pela produção [...] oito anos sem repassar. Eu tinha me aposentado por tempo de serviço com 55 anos, não esperar mais 5 anos pra me aposentar pela idade porque eles não repassavam. Descontavam na época de nós R\$ 125 reais. (dona Gladis, entrevista 1, 2017).

Dona Joana foi a segunda entrevistada, iniciou contando que trabalhou no período mais antigo na fábrica nos anos de 1952 até 1964. A Laneira foi o único emprego dela, que parou de trabalhar aos 30 anos, quando deu à luz seu terceiro filho. O sustento da família passou a ser responsabilidade do seu marido, enquanto a casa e as crianças eram responsabilidade dela. A decisão de parar de trabalhar partiu dona Joana e se deu por precisar se dedicar aos seus filhos e à casa, visto que o salário que recebia na fábrica não compensava o que ela gastaria com uma pessoa para cuidar do serviço doméstico. Dona Joana tinha apenas 18 anos quando

começou a trabalhar na Lanera, que representa, ainda hoje, uma parte muito importante de sua vida. Atualmente, dona Joana tem 84 anos e já é tataravó.

A entrevista com a dona Joana foi uma das mais sensíveis, porque ela não estava muito animada. Ao ver as fotografias, ela adotou um tom nostálgico e ficou empolgada ao narrar sobre o período em que trabalhou na fábrica. Ela se reconheceu em todas as fotografias apresentadas (figura 9), talvez, por serem do mesmo período em que ela trabalhou na fábrica. Nas palavras dela: “Eu gosto de olhar as fotos, são lembranças”, ela repetiu essa frase muitas vezes durante a entrevista, que durou 30 minutos e, em todo o tempo, ficou olhando as fotografias.



Figura 11 - Inauguração do refeitório. (Década de 1950)

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL

Sobre o trabalho, dona Joana conta que fazia uma tarefa mais simples, pois não tinha nenhuma especialização:

Comecei a trabalhar em 1953, tinha 18 anos, sai em 1965, eu não trabalhava na seleção das lãs, eu trabalhava no serviço da volta eu e outra, era carregar uns carrinhos com lã, varrer umas coisas assim, porque tinha as profissionais e as outras, só as profissionais trabalham nos setores

específicos, as outras trabalhavam nos serviços mais simples (Dona Joana, entrevista 2, 2017).

Em geral, ela gostava do trabalho na fábrica, a não ser quando tinha que assumir funções que não eram as suas, colocando-a em posição de inferioridade com outros colegas, como pode ser observado no relato a baixo:

Trabalhei no cafezinho do escritório também, eles me alugavam para isso também, porque tinha uma do escritório que era pra isso, mas ela faltava, ai botavam eu, ai eu ficava braba, que droga tem que ser eu a servir o café no escritório, tinha que servir aquela gente do escritório, eles eram muito metidos. Eu não gostava muito, sempre fui meio humilde assim e envergonha. Trabalhavam mulheres e homens no escritório (Dona Joana, entrevista 2, 2017).

Ao terminar a entrevista, a simpática senhora foi até o quarto e trouxe duas fotografias, em preto e branco, uma do seu casamento, essa emoldurada e grande, e outra tirada dentro do pátio da Laneira com o sobrinho do gerente, tirada antes do casamento, essa sem moldura e menor. Segundo ela, estas são fotos dos períodos em que ela foi muito feliz. As fotografias estavam, caprichosamente, guardadas e foram lembradas no momento da entrevista. Nessas fotos, foi possível ver a jovem, que aquela senhora de oitenta e dois anos, foi um dia. Essa jovem foi apresentada para mim com orgulho e nostalgia.

A terceira entrevista ocorreu com a Dona Maria Conceição, a qual começou sua trajetória no ano de 1978 e trabalhou no setor de pentagem; nessa época, já era mãe de quatro filhos. Dona Maria da Conceição começou falando que entrou na fábrica porque sua irmã de criação, que já trabalhava lá, havia comentado que estavam contratando operárias para o turno da noite, que iniciava às 18h e terminava às 22h. Esse horário, segundo ela, era perfeito, pois ela já estava livre de todos os seus compromissos com a casa e com os filhos e podia dedicar esse tempo ao trabalho na fábrica.

Para dona Maria Conceição, trabalhar na fábrica parecia em um primeiro momento muito bom, pelo horário e pelo salário que nas palavras dela “qualquer dinheirinho que entrava já era muito”. Mas ao voltar do primeiro dia de trabalho, percebeu que não ficaria muito tempo na fábrica porque o barulho era infernal. Quando ela trabalhou na fábrica não existiam os protetores auriculares, o que fazia com que ela, mesmo em casa, continuasse ouvindo o barulho do incessante do maquinário. Ela relatou ainda que o trabalho no setor da pentagem era muito

solitário, já que o barulho impedia que ela tivesse qualquer tipo de interação com as outras funcionárias, e mesmo que não tivesse o barulho o trabalho exigia muita atenção, pois a lã podia enredar e arrancar um dedo.

Aquelas máquinas faziam uma barulheira, era impossível, não gostava de trabalhar ali, se tu não prestasse muita atenção aquelas máquinas puxavam tudo, eu não me adaptei, só dava para conversar com as gurias no intervalinho de quinze minutos, e também de noite não tinha muita gente trabalhando, não tinha como criar grades amizadas. (dona Conceição, entrevista 3, 2017).

Dona Maria da Conceição permaneceu na fábrica até o dia em que uma mulher, que trabalhava no mesmo setor que ela, prendeu um dedo na penteadeira e teve seu dedo amputado pela máquina, isso a deixou traumatizada, tanto que no outro dia pediu demissão. Ao todo, dona Conceição trabalhou apenas um mês na Laneira. Por fim, ela relatou que a experiência de trabalhar na fábrica foi boa, pois ela aprendeu como a lã era feita, porém que ela nunca mais quis trabalhar em fábricas. Depois de um tempo conseguiu passar em um concurso para trabalhar como merendeira no Capão do Leão.

Adiante, o quarto relato foi de Dona Maria, que trabalhou na fábrica dos anos de 1984 até 1994, totalizando 10 anos. Na época já era mãe de quatro filhos adultos. Dona Maria contou que sempre trabalhou em fábricas, antes da Laneira trabalhou na Vega e no Anglo.

Sempre trabalhei em fábricas, antes de vim para Pelotas, que eu queria trabalhar fora, eu sempre precisei de dinheiro e não me animava a trabalhar em casa de família, não sei porque, eu achava que era horrível trabalhar em casa de família, e a gente trabalhando em fábrica o dinheiro era certo, e assim eu me virei, se tivesse trabalhando até hoje eu ia estar em fábrica, pra ti ter uma ideia até no Anglo eu trabalhei e eu já morava aqui, eu trabalhava lá nas safras de verão, tinha que pegar dois ônibus, saía de casa cinco da manhã, era horrível lá a gente corria. (Dona Maria, entrevista 4, 2017).

Dona Maria, na época da entrevista, estava com 84 anos e tinha acabado de perder o marido, isso fez com que, inicialmente, negasse ceder entrevista. Porém, por insistência das filhas, acabou aceitando. A entrevista durou 38 minutos e várias foram as vezes em que ela achou que as informações dadas por ela seriam inúteis para a pesquisa. Ela tinha certeza que não estava acrescentando nada de novo, só repetindo o que foi dito por outras. No final da entrevista, ao ver as fotografias, dona Maria se anima e descreve detalhadamente sobre cada um dos setores que apareciam nas fotos. Todavia, dona Maria disse não andar pelos outros setores. “Eu

não andava pelos outros setores, chegava e ficava trabalhando só no meu setor, entrava ali e só saía na hora de vir para a casa” (Dona Maria, 2017). Ela ainda acrescenta que se pudesse estaria até hoje na Laneira, pois foi a melhor fábrica em que já trabalhou.

Dando continuidade, dona Isabel foi a quinta entrevistada. A única negra, única mulher que se separou e teve outros companheiros e a mais nova de todas também. Trabalhou na Laneira dos anos de 1987 até 1997. Quando entrou na fábrica, tinha apenas 20 anos, era solteira e não tinha filhos. Durante o período em que trabalhou lá, teve seu primeiro e único filho. A Laneira não foi o primeiro emprego em fábrica da dona Isabel, antes ela havia trabalhado na Vega e disse ter gostado do trabalho em fábrica.

Eu comecei a trabalhar porque eu quis, queria ter minhas coisas, no início assim eu era solteira, aí eu ajudava a minha mãe. A Laneira foi meu segundo emprego, antes eu tinha trabalhado na fábrica Vega, depois da Vega fui pra Laneira, porque eu tinha uma curiosidade em saber o que quer aquilo ali (dona Isabel, entrevista 5, 2017).

Depois que saiu da Laneira, nunca mais trabalhou com salário fixo e carteira assinada, ela, inclusive, fala que se a Laneira não tivesse quebrado, talvez já estivesse por se aposentar. Ela não culpou os ex-chefes por não ter recebido as indenizações até hoje. Dona Isabel ficou cinco anos tendo o INSS descontado pela fábrica sem repassar o valor para sua aposentadoria, nas palavras dela: “Não pagaram porque não tinham mesmo”. Dona Isabel foi uma das que ficou mais feliz em ser entrevistada também. Finalizada a entrevista, já na rua, não parava de contar para todos os vizinhos que tinha dado uma entrevista para “pesquisa de universidade”. Dona Isabel finaliza a entrevista dizendo que gostava muito de trabalhar na Laneira. E o que restou dos tempos da fábrica foram as amizades que ela cultivava até hoje.

Claro que tinha as picuinhas com umas e outras, mas não era nada que não desse para resolver, tinha muito mais amizades do que inimizades. Tenho amigas de lá até hoje, me do com todo mundo, e muito moram aqui perto. A gente vive se cruzando, sempre lembro como era bom trabalhar lá. (dona Isabel, entrevista 5, 2017).

A sexta entrevistada foi a dona Neuza, que começou dizendo que ficou mais ou menos uma década na Laneira e só saiu porque a fábrica estava prestes a fechar no ano de 1997. “Eu trabalhava no setor de top, que é a preparação, depois eu descii para a fiação”. Quando entrou na fábrica era solteira e não tinha filhos, trabalhava

para se sustentar e ajudava a irmã, pois morava de favor na casa da irmã mais velha. Dona Neuza morava em Piratini, onde trabalhou por um ano em uma loja de roupas. Depois, veio para Pelotas tentar uma vida melhor, antes de trabalhar na Laneira, trabalhou por uns meses em outras fábricas, mas não por mais de três meses. Dentro da Laneira conheceu seu marido, ele trabalhava nas caldeiras e também gostava muito de trabalhar na Laneira, tanto que quando casaram compraram uma casa bem próxima da fábrica.

Eu conheci meu marido na Fábrica, no início era só duas peças aqui, faz 26 anos que estou aqui. Meu marido saiu da fábrica primeiro que eu, ele ficou pouco tempo lá, uns dois ou três anos só, Aqui era muito bom porque é bem pertinho da onde era a fábrica, pena que fecho né? Se não eu estava lá até hoje (dona Neuza, entrevista 6, 2017).

Dona Neuza ficou grávida aos 40 anos pela primeira vez, mas teve um aborto logo no início da gestação. Não deixou claro se o trabalho na fábrica teve alguma influência no fato. Contudo, um ano depois, quando engravidou de novo, foi afastada do trabalho pesado e ficou toda a gestação só embalando as lãs. Após ter o bebê, dona Neuza recebeu a licença de quatro meses, entretanto, quando retornou, a fábrica já estava praticamente fechando e após alguns meses, ela pediu demissão, pois não estava recebendo o salário em dia e precisava cuidar do seu filho. Depois de sair da Laneira, ela não trabalhou mais, juntou o tempo de trabalho do campo e se aposentou. Hoje, dona Neuza é revendedora de produtos de beleza para conseguir ter uma renda extra.

A entrevista de número sete foi a Dona Clara, que atuou na fábrica por 13 anos, de 1983 até 1996. No início, trabalhava na cozinha, mas depois da greve foi trabalhar nas máquinas. Durante a greve, dona Clara entrou para o sindicato e começou a militar dentro da fábrica, o que segundo ela, fez com que os patrões a afastassem das atividades presenciais: dos treze anos em que trabalhou na fábrica, por quatro anos ela ficou afastada. No período de afastamento, ela só tinha permissão para entrar na fábrica para receber o salário em mãos, após receber era encaminhada à rua. Ela diz que os patrões fizeram isso posto que não podiam demiti-la e também não queriam que ela ficasse dentro da Laneira, influenciando os outros funcionários. Ela contou que isso era muito bom, pois ao mesmo tempo que recebia da fábrica também fazia suas costuras e ganhava em dobro.

Depois que terminou a greve eles nós fundamos o sindicato, para a gente se proteger, porque nós “tava” na linha de frente ali da greve. Então, de

tempo trabalhado mesmo eu tive uns nove ou dez anos, mas de tempo na carteira foram treze, porque depois eu fui suspensa. [...] Fiquei uns quatro anos sem trabalhar, mas com a carteira assinada e recebendo. (dona Clara, entrevista 7, 2017).

Dona Clara só saiu da Laneira quando já estava com tempo de carteira assinada para se aposentar. Na época da Laneira, dona Clara já era mãe de dois filhos adultos e um de dez anos, que criou sozinha “sem ajuda de homem nenhum”, por meio das costuras e do trabalho em várias fábricas da cidade. Atualmente, dona Clara está aposentada e continua fazendo suas costuras para fora.

A oitava entrevista foi a de dona Eli, que trabalhou na fábrica apenas por um ano, em 1986. Contou que gostava muito da fábrica e trabalhava no setor de pentagem, mas que devido à cegueira precoce do seu marido, foi obrigada a largar o emprego para poder se dedicar a cuidar dele.

Eu trabalhei só por um ano, aí tive que sair. Porque meu marido ficou cego, aí eu tive que sair para cuidar dele. Antes eu tinha trabalhado por um tempo na HP e outras de doce, aí fui para a Laneira, depois que ele ficou cego, não trabalhei mais fora de casa. (dona Eli, entrevista 8, 2017).

Dona Eli já era mãe de um filho adolescente na época em que atuou na Laneira, portanto o serviço não atrapalhava na criação do filho; mas os cuidados da casa eram todos dela e ela tinha que se dividir entre a casa e a fábrica. Antes da Laneira, dona Eli sempre havia trabalhado em fábricas, como a HP e outras de compota. Depois de sair da Laneira, ela nunca mais trabalhou com carteira assinada, se mudou para colônia e ainda hoje divide seu tempo entre os cuidados com o marido cego e sua pequena horta. Se sustenta da aposentadoria do marido e tenta se aposentar.

A entrevista de dona Mirian foi feita pela pesquisadora Jossana Peil Coelho, mas foi utilizada, aqui, por dialogar com a dissertação e por ter sido a última analisada para essa pesquisa. Aqui está identificada como entrevista nove. Dona Mirian começa sua narrativa falando que sempre morou no bairro Fragata⁴ e que até hoje passa pelo prédio e sente saudades. Ela começou a trabalhar na fábrica no ano de 1984, em que ocorreu a primeira greve. Ela relatou que aderiu a greve, pois havia uma lei recente naquela época que proibia a carga horária de 8 horas corridas. A fábrica baixou então para 6 horas consecutivas, mas depois de algum tempo, a

⁴ A Fábrica Laneira funcionou no bairro Fragata do ano de 1949 até 2003, até hoje o prédio onde funcionou a extinta fábrica permanece com o letreiro da Laneira S.A.

fábrica queria que eles voltassem a trabalhar as duas horas a mais, contudo, sem aumento do salário.

Ela trabalhava no turno da manhã, iniciando às seis horas e soltando ao meio dia. Trabalhava de uniforme e touca, em função da poeira da lã ser muito contagiosa. Quando se sentia coceira na região dos seios, já se sabia que era devido a algum carregamento de lã de ovelhas contaminado com escabiose. Quando isso acontecia, as funcionárias se dirigiam até o posto médico, onde recebiam tratamento. Dona Mirian trabalhava no setor de pentagem, mas quando baixava a produção, trabalhava limpando as máquinas. Contou, também, que na fábrica aprendeu a fazer o nó de artesão, o qual lamentou ter esquecido.

Ela relatou que a fábrica ajudou muito sua vida, principalmente, quando estava se divorciando. Inicialmente, a Laneira assinava a carteira da dona Miriam como serviços gerais. Porém, depois de dois anos trabalhando nas máquinas mudaram o cargo para operadora de máquinas. Quando se mudou para Porto Alegre, ela conseguiu um emprego em outra fábrica, que a contratou pela experiência com máquinas que já possuía. Caso não tivesse tido essa experiência, teria sido contratada para trabalhar na faxina. Por isso, ela é grata à fábrica até hoje. No final, ela relata com pesar o estado atual em que se encontra o prédio da Laneira, visto que foi muito feliz lá.

2 – 2 As relações entre fábrica e mulher

As mulheres, como dito anteriormente, constroem suas memórias a partir dos papéis sociais que cumprem. Já as fábricas têm suas memórias formadas por narrativas daqueles que tiveram contato com ela. Dessa maneira, as memórias da fábrica são o lugar em que as memórias das mulheres encontram para se instalar e se rerepresentar. Sobre isso, Halbwachs diz que

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (2006, p. 71).

Assim como outras fábricas, que tiveram suas atividades encerradas, o prédio remanescente da Laneira ainda é um espaço potencializador para as memórias de

quem a conheceu aberta e ativa. É, portanto, um lugar que pode motivar a recordação de ex-funcionários. Embora não seja o tema desta pesquisa, há uma relação direta entre as memórias das pessoas que trabalharam no lugar e a memória do trabalho que faz da Laneira um patrimônio industrial da cidade de Pelotas.

O patrimônio industrial diz respeito a um passado recente, se considerarmos a totalidade da história ocidental. Especificamente, o da Laneira é um passado com pouco mais de cinquenta anos que, no entanto, faz parte de um período que vem mudando rapidamente. A progressiva obsolescência dos processos, máquinas e produtos gerada, em partes, pelas relações entre produção em série e consumo amplo, acaba encurtando o tempo das ocorrências, além de imprimir mudanças profundas, que só são percebidas no seu impacto quando já se tornaram passado. Dessa forma,

O patrimônio industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação (CARTA DE NIZHNY TAGIL, 2003).

A Laneira, atualmente, encontra-se com as portas fechadas, suas máquinas não mais existem e as pessoas que antes movimentavam o lugar são impedidas por barreiras físicas de entrar no espaço. Contudo, isso não impede que as memórias continuem vivas. Para as ex-funcionárias da fábrica, só restam as lembranças de um período em que a Laneira fez parte importante das suas rotinas.

As lembranças das mulheres entrevistadas giram em torno do trabalho, das amizades, da greve, das máquinas, da família e do fechamento ou afastamento da fábrica. As memórias sobre o trabalho ganham um destaque dentro das narrativas. Todas as entrevistadas narraram com detalhes todos os processos pelos quais a lã passava até se transformar em um novelo. A narrativa ganhava força conforme as fotos da fábrica iam sendo apresentadas. As ex-funcionárias identificavam cada máquina, algumas até por nome, como é o caso das máquinas de pentalha (figura 8). Nessas narrações é possível observar a relação das mulheres com a fábrica, com o espaço fabril e com os colegas de trabalho.



Figura 12 – Pentagem de lã. S/D

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL, 2010.

Ao ver a foto apresentada acima, dona Gladis contou sobre como a máquina funcionava:

Essa *Frutair*⁵ que fazia as bobininhas já para ir para fazer os fios de polipropileno. Dava pra fazer os foguetes, já para embarcar, pra fazer os tapetes, tudo, capa de carro, tudo era assim, feito com esse produto. Não era grosso! Era uma coisa mais fina... Muito linda. O branco parecia uma seda, o polipropileno (dona Gladis, entrevista 1, 2017).

Quase todas as entrevistadas trabalharam, em algum momento, no setor de pentagem. Esse setor era praticamente composto por trabalhadoras mulheres e, inclusive, era o único que tinha uma mulher como encarregada, conforme o relato de dona Maria: “Eu trabalhava nas máquinas, fazendo o fio, na penteadeira, na parte de cima. Nós tínhamos uma chefe, a Ledi, ela era uma chefe daquelas bem brabas, comigo não, graças a Deus, porque não tive problema nenhum”. (dona Maria, entrevista 4, 2017)

As trabalhadoras da Laneira faziam um rodízio dentro dos setores da fábrica que estivessem em funcionamento no momento; com isso, elas trabalhavam em

⁵ Nome de máquina que fazia a lã ser enrolada em forma de bobinas.

vários setores durante o período em que estiveram atuando na fábrica. Nas falas das entrevistadas observei que existiam setores em que o trabalho era considerado melhor, como é o caso da fiação. Isso pode ser notado na fala de dona Gladis:

Eu trabalhei no Tops, na fiação. As vezes quando não tinha o que fazer no Tops nem na fiação nós ia pro garreio. O Garreio era pra limpar a lâ, a classificação, a triagem. Era pesado porque quem limpava a lâ cagada, a gente saia fedendo, eu não gostava (dona Gladis, entrevista 1, 2017).

Dona Isabel, porém, relata outros dois aspectos da rotatividade na fábrica, que estão ligados ao medo de trabalhar em máquinas para quem não estava habituado e também sobre a relação com alguns encarregados de outros setores.

Eu trabalhava no setor de baixo, no filatório, trabalhava na parte de baixo. Naquele setor tinha que ter cuidado muita gente perdeu a mão, os dedos, eu tinha muito cuidado, porque o fio puxava, até eu uma vez enrolei a mão, mas eu tirei rápido, eu puxei. Quando não tinha serviço lá em baixo eles mandavam a gente pro top, lá em cima, com encarregado, o tiranossauro, eu não gostava de trabalhar com ele, eu gostava de trabalhar ali em baixo, ali era bom, o pessoal era legal, todo mundo tinha uma união (dona Isabel, entrevista 5, 2017).

A rotatividade de setores, ao mesmo tempo que fazia com que as mulheres aprendessem a trabalhar em diversos postos, fazia com que elas não se especializassem em nenhum também. Como dona Gladis disse: “a gente sabia um pouco de tudo e muito de nada” (entrevista 1, 2017). Isso não aconteciam com os homens que acabavam se tornando especialistas em seus cargos e, conseqüentemente, recebiam salários maiores.

O trabalho feminino era considerado, pelas próprias mulheres, como algo que qualquer um poderia fazer. Disseram elas: “era fácil” e não exigia grandes estudos ou cursos. Assim, explicava-se o porquê dos salários femininos serem mais baixos. Nas palavras de dona Neuza: “Nossa renda era menor que a dos homens, mas o serviço era mais pesado”(entrevista 6, 2017). Pode-se supor que o salário não era medido pelo esforço do funcionário, mas sim pelo seu gênero e formação. Sobre isso, a autora Elisabeth Sousa Lobo diz: “[...] “fazer carreira” é quase impossível dentro de fábricas, pois as operárias desenvolvem habilidades, saberes práticos que tornam possível trabalhar em setores diferentes, porém sem nunca formalizarem suas competências”. (LOBO, p. 171, 1989). Uma das entrevistas ressalta palavras que entram em concordância com a conclusão da autora citada:

Nas máquinas como a caldeira só trabalhava homens, as mulheres faziam o serviço mais pesado mesmo, o serviço que fazia mais força, aquelas

caldeiras que saia o vapor era pra homem, porque tinha que ser especialista (dona Joana, entrevista 2, 2017).

Sobre tal fato, as entrevistadas não pareceram ter consciência da dinâmica intencional, motivada por questões salariais, a que eram submetidas, embora soubessem que seus salários eram menores e que suas atividades não eram devidamente registradas. Para a maioria delas, o que importava é o trabalho que elas aprendiam e as experiências que trocavam dentro da fábrica. Dona Miriam (entrevista 9) contou que a carteira dela era assinada como serviços gerais, mas que trabalhou por dois anos nas máquinas, sem o registro na carteira. Só teve consciência sobre a importância do que fez nesses dois anos quando aconteceu o fato já citada do emprego outra fábrica em Porto Alegre. Durante uma entrevista, falou, porque foi indagada sobre as experiências na Laneira, que havia trabalhado como operadora de máquinas. A resposta resultou na sua contratação como operadora de máquinas e não como faxineira, possibilidade dada pelo registro na carteira profissional.

Cinco das entrevistadas já haviam trabalhado em outras fábricas antes de entrar para a Laneira e as comparações entre as fábricas foram inevitáveis. As mulheres compararam, na maior parte das vezes, o tipo de serviço. Foram unânimes em dizer que em outras fábricas era bem mais pesado do que na Laneira. Outra comparação compartilhada foi sobre as relações tidas com as companheiras de serviço. Na Laneira, havia tempo suficiente para estreitarem laços, dos quais muitos perduram até os dias atuais. Isso era muito difícil em outras fábricas, regidas pelo tempo das safras: não existia tempo para conversas e quando as safras acabavam, muitas vezes, as mulheres nunca mais viam suas colegas. Dona Maria (entrevista 5) conta que o trabalho na Laneira era:

Muito melhor, nas outras era muita correria, aqui era mais calmo, eu não achava ruim o trabalho na Laneira, era pesado só, a gente fazia serviço de homem, o serviço que era pra ser feito por homens, o nosso serviço era muito mais pesado que o dos homens, tinha que fazer força, mexer com aquelas máquinas, quando terminava de encher o carretel tinha que trocar, era uma força que nós fazia, o serviço era bruto mesmo, aquele rolo grande, tinha que trocar toda hora e pesava mais de 20 quilos, e esses rolos ficavam alto assim, na altura da gente e nós tinha que tira sozinhas (dona Maria, entrevista 5, 2017).

As amigadas do tempo da fábrica são muito lembradas e contadas com carinho pelas entrevistadas. Nem todas guardam o mesmo sentimento de afeto pelos ex-colegas de trabalho, todavia, a maioria tem prazer em lembrar das

amizades feitas dentro da fábrica. A entrevistadas contam sobre as pequenas subversões feitas com a ajuda das amigas do trabalho. Como relato dona Joana: “Eu almoçava em casa, só comia lá o café, antes do almoço não tinha hora pro café, mas nós ia lá e tomava café por conta, agora de tarde tinha o horário para o café, eram 15 minutos só, mal dava tempo de comer. Enquanto uma comia a outra cuidava do setor”. (entrevista 2, 2017)

Esses momentos escondidos ganham grande importância dentro das narrativas femininas, pois as mulheres teciam seus laços de amizade nas circunstâncias que o ambiente do trabalho propiciava ou permitia. Durante as entrevistas constatei um silêncio no que se refere aos encontros com as amigas fora do expediente. Trata-se de um aspecto contrastante com o que consta nas entrevistas feitas por Peil (2016) aos ex-operários. A pesquisadora registra que os homens narraram sobre como as amizades se solidificavam nos encontros fora da fábrica, nos jogos de futebol, nos churrascos e em outras situações recorrentes. Mesmo quando perguntadas diretamente sobre o time de futebol da Laneira, as mulheres não demonstravam interesse ou qualquer tipo de recordação. A única exceção foi dona Gladis (entrevista 1), que acompanhava os jogos e guarda fotografias dos encontros até hoje. Enquanto que para os homens, o momento de descontração fora da fábrica ganhava destaque em suas narrativas, para as mulheres isso nem se quer é citado.

As diferenças das narrativas femininas para as masculinas, nos aspectos das relações fora da fábrica, podem se dar por uma falta de liberdade da condição de mulher, enquanto que para os homens sair e jogar futebol uma vez por semana era uma prática comum; para as mulheres que tinham seus turnos de serviços divididos entre casa, filhos e fábrica, sair uma vez por semana para divertir-se com as amigas do serviço estava fora de suas possibilidades. E como era uma situação comum a todas, não causava estranheza.

Comentando sobre a possibilidade de escolher uma profissão, as entrevistadas diziam que pegavam o serviço que aparecesse e pagasse melhor, pois em sua maioria eram mulheres sem muita escolaridade e que precisavam de um dinheiro para “contribuir” com as contas da casa. Conforme Lobo:

As “mulheres fabris” muitas vezes não aprendem uma profissão, procuram emprego através de uma rede familiar, dos amigos, ou simplesmente percorrendo as ruas dos bairros industriais em busca de anúncios de emprego, de informações ou eventualmente da boa vontade de algum vigia

que lhes apresente a “um chefe”. [...] as diferenças práticas de trabalho se articulam, se superpõem e se impõem na vida das mulheres sem lugar para qualquer tipo de escolha (LOBO, 1989, p.171).

Esse aspecto é fundamental para entender como as entrevistadas chegaram até as portas da Laneira. Conforme as entrevistas iam transcorrendo, as mulheres acabavam contando sobre quais os passos que deram para entrar na fábrica. Dona Isabel (entrevista 5) contou que morava no bairro Fragata e estava procurando um serviço. Na ocasião, causou-lhe curiosidade saber o que se fazia dentro da Laneira, isso porque, segundo ela: “era um entra e sai de gente”. Certo dia ela resolveu bater na porta e perguntar se eles estavam contratando. Saiu de lá empregada “graças a ajuda do porteiro” que ela conhecia do bairro. Já dona Neuza (entrevista 6) viu um anúncio no portão de que estavam contratando. Dona Conceição (entrevista 3) foi avisada pela irmã.

As relações de trabalho das mulheres com os colegas homens são apresentadas nas narrativas sempre como tendo sido muito respeitadas. As narradoras contam que os homens em geral não eram grosseiros ou mal-educados com elas. Pelo contrário, eram sempre solícitos e ajudavam quando elas precisavam de mais força, como é possível observar no relato de dona Isabel:

Eu tinha medo das máquinas, quando eu “tava” grávida mesmo eu não fazia nada, tinha medo de cair, um cara que trabalhava ali que dizia “Bel deixa que eu mexo a máquina pra ti” e eu dizia “ta”, eles eram muito gente fina, e eu não tinha condições de “ta” mexendo naquelas máquinas e grávida (dona Isabel, entrevista 5, 2017).

Contudo, nem sempre as relações entre os funcionários eram pacíficas. Dona Isabel (entrevista 5) contou sobre problemas que tinha com um dos encarregados. Ela relatou que um dos encarregados era racista e misógino, fazia piadinhas com ela por ser negra, gritava e até ofendia as mulheres que trabalhavam no setor em que ele era “chefe”. O mesmo encarregado foi citado por outras entrevistadas, que relataram sua falta de respeito. Observaram que esse comportamento desrespeitoso só era dirigido para as mulheres. Os homens que passavam pelo setor não recebiam o mesmo tratamento.

Racista era só o João⁶ porque os chefes de baixo eram negros também, o resto do pessoal era bem tranquilo, mas o João era terrível, essa senhora Yara⁷ se tu falar com ela tu vai ver, ela enfrentava ele direto (dona Isabel, entrevista 5, 2017).

⁶ Nome modificado para preservar a identidade do encarregado.

⁷ Não foi possível entrevistar dona Yara por motivo de doença na família.

Um ponto marcante dentro das entrevistas, que contribuiu com a relação de afeto das mulheres entrevistadas com a Laneira, está na proximidade das casas das entrevistadas da fábrica: todas as entrevistadas, sem exceção, moravam no bairro Fragata quando ingressaram na fábrica. Segundo elas, a fábrica dava preferência para quem morava perto. As funcionárias relataram como eram os momentos de ida e saída da fábrica. Dona Neuza contou que ia a pé, pois a fábrica eram bem perto de sua casa:

Eu ia para a fábrica a pé, porque era bem pertinho, as vezes eu ia sozinha, mas quase sempre ia com a senhora que eu alugava casa, que também trabalhava ali no mesmo turno, tinha colegas que era muito difícil eu ir junto, mesmo morando perto, porque elas chegavam sempre atrasadas, e eu não gostava de chegar atrasada, sempre ia no horário (dona Neuza, entrevista 6, 2017).

Dona Maria relatou que pelo turno de trabalho iniciar muito cedo, preferia ir de moto com seu filho. Porém, às vezes, tinha que ir de ônibus e acabava sempre se atrasando, como pode ser observado no seu relato:

Meu filho mais novo inclusive me levava de moto até a Laneira para trabalhar, às vezes. Quando ele não podia tinham que levantar correndo as 5h da manhã pra me arrumar e chegar lá as 6h, as vezes eu me atrasava e o motorista do ônibus via que eu estava indo correndo e me esperava, o problema é que na ida quando ia se ônibus eu ia com a Ledi, as vezes quando ela passava aqui eu ainda estava dormindo, ai era uma correria (dona Maria, entrevista 4, 2017).

Na narrativa de dona Gladis é possível perceber outro ponto importante a respeito das preferências da fábrica por contratar moradores do bairro:

Eu ia sempre sozinha. Porque muita gente, muitos que eram mais no fim da linha já vinha no ônibus, outros que eram mais ali da volta. Eu até aqui era só eu e esse encarregado que veio mora ali depois. A maioria era bem adiante lá no fim, ou era ali da volta, da Farroupilha, daquela rua ali atrás do cemitério gente que trabalhava lá. Ali do canal trabalhava muita gente ali no canal, dava prioridade para não pagar transporte naquela época (dona Gladis, entrevista 1, 2017).

A maior parte das entrevistadas ainda mora no bairro Fragata e passa quase diariamente pela frente do prédio da Laneira, atualmente fechado e em avançado estado de deterioração. Elas descrevem com tristeza sobre as condições do prédio e parece que a aparência de abandono do edifício reforça os laços de afeto com a memória do que um dia foi a fábrica. Dona Neuza (entrevista 6), que conheceu o marido dentro da fábrica, diz não conseguir se acostumar com a visão do prédio a cair. Resta-lhe ficar feliz em ver que uma parte está sendo conservada. Dona Neuza e dona Isabel (entrevista 5) relataram: “se a fábrica ainda estivesse aberta eu “tava”

até hoje trabalhando lá”. Quando falam sobre o fechamento da fábrica o tom da narrativa muda e se torna mais pesado:

Quando a Laneira começou a quebrar, “bah!” Foi muito triste, porque começou a fechar alguns setores. Eu coloquei eles na justiça, que nem todo mundo, e recebi um pouco, mas ninguém recebeu tudo, porque a Laneira era de Livramento, aí eles venderam tudo e pagaram o que deu, eles não tinham como paga todo mundo, eles pagaram o que tinham (dona Isabel, entrevista 5, 2017).

Dona Neuza, das entrevistadas, foi a que ficou até mais tempo trabalhando na fábrica e pode relatar sobre as incertezas do trabalho e do salário perto da falência:

Durante a minha gravidez já estava tudo falido, não tinha mais serviço, eu ficava só sentada lá para cumprir o horário, estava ruim mesmo, não tinha o que fazer, nós ficava mais parado do que trabalhando, e eles ficavam pagando aos pouquinhos, sai mais o menos quando tudo mundo saiu. Depois que eu tive filho, isso já no finalzinho do tempo que trabalhei lá, eu pedia para a minha cunhada reparar o guri para mim, e era assim, nós não cumpria todo o horário, porque já não tinha serviço pra gente fazer, aí nós saía mais cedo, nós tirava o cartão e deixava lá aí quando chegava o horário alguém passava o cartão pra nós. Não tinha mais nada pra fazer, nós ficava lá sentada esperando passar o tempo (dona Neuza, entrevista 6, 2017).

Ao relatar que ficava sentada só esperando tempo passar, dona Neuza se emocionou. A Laneira foi praticamente o único lugar em que trabalhou na vida, foi onde construiu sua família, e lembrar das incertezas do momento de fechamento da fábrica trazem, ainda hoje, sentimentos dolorosos.

2 – 3 Mulheres x Máquinas

O maquinário é um dos pontos mais importantes nas falas das ex-funcionárias da fábrica Laneira. As máquinas são elementos fundamentais na constituição das fábricas, sem as máquinas elas não existiriam. O maquinário da fábrica Laneira, hoje, só existe nas memórias e nas fotografias, pois quase em sua totalidade, foi vendido para uma empresa de reciclagem de metal, para pagar as indenizações dos ex-funcionários. Foram deixadas apenas duas máquinas, que, segundo avaliação da empresa de reciclagem de metal⁸ (figuras 11 e 12), o custo para operacionalizar o

⁸ Informação obtida diretamente com o proprietário da empresa quando esta estava encerrando a retirada de todos os equipamentos vendidos como massa falida. A informação foi dada à Profa.

processo de desmontagem destes dois equipamentos não seria compensado com a venda do ferro retirado. Para as ex-funcionárias da fábrica, essa lacuna deixada pela falta do maquinário é muito marcante. De acordo com as entrevistas feitas, é possível perceber o valor que esse maquinário tinha dentro do prédio industrial. Na fala da dona Gladis é possível perceber um pouco melhor esse sentimento de falta:

Eu entrei na Laneira um tempo depois que retiraram as máquinas, é muito triste, aquele vazio, passei todo o tempo lembrando o barulho das máquinas, aquilo lá nunca foi tão silencioso, deixaram lá uns restos de máquina, porque o que sobrou nem tá inteiro. Por mim a Laneira estava funcionando até hoje, cheia de máquina trabalhando, aquelas máquinas eram muito boas (dona Gladis, entrevista 1, 2017).



Figura 13 - Máquina prensa de lã (S/D)

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL, 2010.

Francisca Ferreira Michelin quando esta visitou o prédio para propor a destinação de um espaço para o Memorial da Laneira, em dezembro de 2010. Informação me foi passada pela professora Francisca Michelin.

As máquinas que se mantiveram no prédio são duas prensas: a maior, que comprimia a lã em fardos grandes e a outra menor, que comprimia a lã em bobinas para exportar. Este maquinário foi mantido por conveniência do negócio que estava sendo feito no momento em que a fábrica encerrava suas atividades e passava para outro proprietário.

A fábrica contava com um maior número de homens em seu quadro de funcionários (ESSINGER, 2011, p.129), provavelmente por causa do tipo de trabalho que era requerido, que exigia muita força física e resistência. O setor das caldeiras, por exemplo, só contratava homens e segundo entrevistas a presença das mulheres chegava a ser proibida. As mulheres eram distribuídas nos setores em que os serviços eram considerado mais “leves”, como o setor de fiação, classificação, escritório e refeitório. Percebo que, desses setores, o único com a presença de máquinas era o de fiação. Quando perguntada sobre a presença feminina no setor das caldeiras, ao olhar uma fotografia (figura 13), dona Gladis relatou sobre o horror que era o trabalho e o motivo pelo qual as mulheres eram proibidas de entrar:



Figura 14 - Prensa que comprimia lã em tops. 2012

Fonte: Melo, 2012



Figura 15 – Setor das caldeiras

Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL (ANO)

Só homem trabalhava ali, tudo isso aí. Aí “tá” louco! Mulher nunca trabalhou aí. No meu tempo nunca vi nenhuma mulher trabalhar ai dentro, nunca, nunca, eu nunca vi, era só homem, era grosso, só quem aguentava. Limpar lã sim, limpava lã cagada, limpava lã de tudo que era jeito, mais pra cá nunca fomos, nunca, no meu tempo nunca vi uma mulher aí, e isso aí é muito, muito estúpido sabe? Muito estúpido, isso aqui era terror, terror de serviço. Isso aqui, tudo aqui tu não tinha onde caminhar, era só isso aqui mesmo (Dona Gladis, entrevista 1, 2017).

A rotatividade feminina de um setor para outro era algo comum em praticamente todas as fábricas. O que diferenciava a Laneira das demais fábricas de Pelotas, era, justamente, o tempo e o tipo de serviço que dessas operárias na fábrica. As entrevistadas dessa pesquisa relataram que permaneciam em média trabalhando dez anos na Laneira e cumpriam uma jornada de trabalho de seis a oito horas diárias. Em comparação com outras fábricas, como, por exemplo, a fábrica Vega⁹, em que as operárias ficavam em média um período de três a quatro meses (período de safra) e tinham uma carga horária indefinida, que podia chegar até 12 horas por dia. Outra comparação importante é o tipo de trabalho, enquanto que na Laneira as mulheres operavam as máquinas, na Vega esse serviço era destinado aos homens.

⁹ Informação obtida por meio de entrevistas com mulheres que trabalharam na Fábrica Vega.

Outro ponto de relevância nas entrevistas está nas referências ao maquinário: existia uma mistura de adoração e medo, ora as máquinas são associadas a um sentimento de competência, eficácia e pertencimento, ora ao medo, atenção e estresse. É possível observar isso na fala de dona Isabel:

Eu trabalhava no setor de baixo, no filatório, trabalhava na parte de baixo. Naquele setor tinha que ter cuidado, muita gente perdeu a mão, os dedos, eu tinha muito cuidado, porque o fio puxava, até eu uma vez enrolei a mão, mas eu tirei rápido, eu puxei. Quando não tinha serviço lá em baixo eles mandavam a gente pro top [...] Eu gostava de trabalhar na máquina que eu trabalhava, que se chamava filatório, eu adorava trabalhar ali, era muito bom, era a minha máquina (dona Isabel, entrevista 5, 2017).

Nas falas das ex-funcionárias existe geralmente uma preferência ao trabalho na máquina em relação ao trabalho manual. O trabalho manual pode ser desvalorizado por ser feito quase que, exclusivamente, por mulheres. Já as máquinas eram operadas por homens e mulheres e isso requeria um conhecimento prático e uma habilidade de controle das máquinas. Vale ressaltar, que esse trabalho, além de requerer muita atenção, exigia um rigor físico também. Na fala da dona Maria isso fica bem claro:

O trabalho na Laneira comparada com as outras fábricas era muito melhor, nas outras era muita correria, aqui era mais calmo, eu não achava ruim o trabalho na Laneira, era pesado só, a gente fazia serviço de homem, o serviço que era pra ser feito por homens, o nosso serviço era muito mais pesado que o dos homens, tinha que fazer força, mexer com aquelas máquinas, quando terminava de encher o carretel tinha que trocar, era uma força que nós fazia, o serviço era bruto mesmo, aquele rolo grande, tinha que trocar toda hora e pesava mais de 20 quilos, e esses rolos ficavam alto assim, na altura da gente e nós tinha que tirar sozinhas (dona Maria, entrevista 4, 2017).

Dona Joana, diferentemente das suas colegas entrevistadas, nunca quis trabalhar com as máquinas, tinha medo e não achava que o salário compensasse o risco, além disso ela também não era especialista. Nas palavras dela:

Como eu não trabalha nas máquinas, eu não tinha medo de me acidentarmos, quando chegava perto eu prestava mais atenção, mas como meu serviço era mais simples eu nem me preocupava. A única coisa que eu fazia nas máquinas era tirar a lâ quando já estava pronta, era pesado, mas não perigoso. Eu passava por todos os setores, fazendo o que a gente chamava de serviço da volta, não tinha um lugar fixo para trabalho, eu fazia de tudo, servia lâ para aquelas que estavam trabalhando nas mesas, que eram as classificadoras que eles diziam, naquele tempo eles usavam outras palavras, mas eu não me lembro, pegava os carrinhos com lâs para elas, era um serviço meio grosseiro. (dona Joana, entrevista 2, 2017).

Algumas entrevistadas comentaram sobre a incapacidade dos homens de trabalharem em determinados setores da fábrica, como por exemplo na fiação, que segundo elas, era um serviço que necessitava uma certa delicadeza, coisa que para

elas era impossível que os homens tivessem ou pudessem adquirir. Esse tipo de relato é muito comum e aparece em diversas pesquisas que tratam sobre o trabalho fabril. A respeito disso, Elisabeth Souza Lobo diz:

Enquanto as mulheres teriam capacidades físicas de trabalhar em qualquer máquina, caso tenham “vontade”, os homens são considerados incapazes de trabalhar nas máquinas menores, que não requerem força física e sim delicadeza (LOBO, 1989, p. 174).

É importante lembrar que as máquinas já não existem fisicamente no espaço fabril, porém, nas memórias elas permanecem vivas. Sendo a Laneira, hoje, um espaço fechado e bem deteriorado, a ausência das máquinas, talvez em nada influencie na sua capacidade de se fazer lembrar, na sua ressonância, pois ninguém mais habita esse espaço, e quase nenhuma das ex-funcionárias entrevistadas, com exceção de uma, sequer sabe como está hoje o espaço em que muitas máquinas já fizeram parte de seu cotidiano. Sobre ressonância, José Reginaldo Santos Gonçalves diz que é a capacidade extrínseca de transmissão de memória, algo que está além do objeto e que se propaga como ondas nas memórias.

O que pretendo colocar em foco é precisamente a ambigüidade presente na categoria patrimônio, aspecto definidor de sua própria natureza, uma vez que liminarmente situada entre o passado e o presente, entre o cosmos e a sociedade, entre a cultura e os indivíduos, entre a história e a memória. Nesse sentido, algumas modalidades de patrimônio podem servir como formas de comunicação criativa entre essas dimensões, comunicação realizada existencialmente no corpo e na alma dos seus proprietários (GONÇALVES, 2005, p. 20).

Sobre as máquinas, é importante lembrar que existem ainda duas prensas no prédio, remanescentes da extinta fábrica, essas máquinas cumprirão o papel de evocadores de memórias, pois são as únicas sobreviventes da falência da fábrica e na sequência do sucateamento das máquinas. O prédio que hoje se encontra em total abandono, talvez, um dia venha a abrigar o que hoje é apenas um projeto: Laneira casa dos Museus. Esse projeto prevê a existência de um memorial dedicado à fábrica Laneira, e será instalado em volta de uma dessas prensas, que terá como principal função lembrar os processos fabris que ali se davam.

As máquinas da fábrica Laneira existiam com uma única função: a de produzir. Durante 49 anos, as máquinas funcionaram e produziram toneladas de lãs, que foram exportadas para vários países. No entanto, ao final desses 49 anos, elas se tornaram obsoletas, não serviam mais ao propósito para que foram criadas e compradas, já que eram uma tecnologia ultrapassada. Dessa maneira, essas foram encaminhadas para o seu único final possível, virar sucata. Assim, as máquinas

foram descartadas por não possuírem um valor simbólico para aqueles a quem pertenciam.

Como representativos de um tempo, um pensamento, um status, uma técnica, os objetos do cotidiano são social e culturalmente distintos. Alguns são de uso duradouro, ou mesmo preservador por tradições, em função da importância e valor simbólico agregado, enquanto outros, de características menos permanente, são rapidamente substituídos, literalmente consumidos, caindo no esquecimento (DOHMANN, 2013 p. 50).

Já vimos que o trabalho nas máquinas era um trabalho bruto e que exigia força e habilidades específicas, essas habilidades são as técnicas corporais. Nas entrevistas, foi possível observar que essa memória corporal sobre as máquinas ainda existe, enquanto as ex-funcionárias narravam como era o funcionamento das máquinas, elas mostravam com o corpo, onde elas colocavam as mãos, a posição que faziam para descarregar o carretel cheio de linha, até mesmo a cara de concentração para a tarefa. As máquinas existiam simplesmente para a confecção de algo, essas eram criadas para o uso, para a interação com pessoas. A respeito disso, Gonçalves comenta:

É possível que a categoria do patrimônio, tal como a estamos explorando, sublinhe, entre outras, essa dimensão material da vida social e cultural. E, ao lado dessa dimensão material, é preciso assinalar a dimensão fisiológica, ou mais precisamente, o uso de técnicas corporais. Objetos sempre implicam usos determinados do corpo. Afinal, pergunta Marcel Mauss: o que é um objeto se ele não é manuseado? Objetos materiais e técnicas corporais, por sua vez, não precisam ser necessariamente entendidos como simples “suportes” da vida social e cultural (como tendem a ser concebidos em boa parte da produção antropológica). Mas podem ser pensados, em sua forma e materialidade, como a própria substância dessa vida social e cultural. Muitos estudos enfatizam corretamente o fato de que os objetos fazem parte de um sistema de pensamento, de um sistema simbólico, mas deixam em segundo plano o fato de que eles existem na medida em que são usados por meio de determinadas “técnicas corporais” em situações sociais e existenciais (e não apenas em termos conceituais e abstratos (GONÇALVES, 2005, p. 22).

Nesse sentido, as mulheres, que operavam as máquinas, construíram uma relação que perdura até os dias de hoje. Logo, as máquinas não eram apenas objetos que tinham como função fazer outros objetos. No período em que elas trabalharam na fábrica, as máquinas foram suas companheiras, suas confidentes. Enquanto as máquinas funcionassem elas teriam, além de um salário ao final do mês, uma profissão, um controle sobre uma máquina e sobre suas vidas. As máquinas foram ainda companheiras nas horas de alegria, como nos primeiros dias de serviço e nos dias de tristezas, como quando ocorriam acidentes de trabalho ou

na falência da fábrica. Em suma, as máquinas não eram meros equipamentos. Sobre tal fato, Dohmann acrescenta:

Nosso entorno é composto por objetos concretos e abstratos, industriais, artesanais ou virtuais, todos sinalizando marcantes relações, sejam emocionalmente conectadas ou ligadas a devaneios intelectuais, permitindo a construção de teorias entre a arte e as descobertas científicas. Deve-se entender que a sua importância não reside apenas no seu poder instrumental, mas principalmente como companheiros de experiências de vida (DOHMANN, 2013, p. 48).

2 – 4 O tempo da mulher: família, trabalho e recompensa

Perrot (1989) diz que “No teatro das memórias as mulheres são sombras tênues” (PERROT, 1989, p.9), pois a memória pública sempre privilegiou as políticas e as guerras, espaços antes ocupados somente por homens. Algumas poucas mulheres se lançavam à vida pública, mas não tardavam a aparecer notícias nos jornais, estereotipando-as em adjetivos que comprometiam a sua atuação. Assim sendo, as mulheres foram relegadas ao silêncio da vida privada.

Para Michel (2010), a memória pública oficial deve ser desvinculada do conceito de Halbwachs sobre memória coletiva, isso porque a memória pública diz mais sobre o regime memorial adotado pelo Estado, do que sobre a memória propriamente dita do coletivo. As políticas de memória são compostas por “intervenções de atores públicos que objetivam produzir e impor lembranças comuns a uma dada sociedade, em favor do monopólio de instrumentos de ações públicas (MICHEL, 2010, p. 15)”. Ou seja, o poder público constrói uma narrativa oficial, que diz mais sobre como o poder público se impõe, do que com a própria memória coletiva. Portanto, é possível supor que os silêncios femininos na memória pública se deram por estar em vigência um regime memorial em que as narrativas das mulheres foram excluídas.

Le concept de mémoire publique officielle doit être soigneusement distingué du concept de mémoire collective, forgé dans la tradition sociologique halbwachsienne, qui renvoie aux souvenirs effectivement partagés par les membres d'un groupe donné. Si l'objectif des politiques publiques de la mémoire vise bien à agir sur les représentations des membres d'une société, rien ne dit qu'un régime mémoriel est effectivement partagé à une époque donnée par les membres auxquels il est censé s'imposer. Analyser la mémoire publique officielle en dit parfois plus sur la représentation du pouvoir politique que sur les représentations de la mémoire collective elle-même (MICHEL, 2010, p. 3).

As memórias femininas ficaram no silêncio por muitos anos, até que em meados de 1960 e 1970 começaram a surgir muitas pesquisas sobre o tema, como forma de reconstruir a memória oficial das mulheres. A reconstrução dessas memórias estava voltada para os testemunhos narrativos feitos por mulheres, encontrados, principalmente, em diários e álbuns fotográficos de família. Essas memórias encontradas são sobre a vida privada e sobre o espaço ocupado, majoritariamente, por mulheres até então. As pesquisadoras da área enfrentam ainda muitos obstáculos no que se refere a pesquisar o universo feminino, considerado, socialmente, inferior ao masculino. Rago (1998) deixa claro o problema quando afirma:

Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco-heterossexual-civilizado-do-Primeiro-Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência. Da mesma forma, as práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas, o mundo privado sendo considerado de menor importância frente à esfera pública, no imaginário ocidental (RAGO, 1998, p. 4).

Sabendo que a memória pública oficial é a memória dos homens, por ser a memória que fala sobre política, economia, etc., a memória feminina seria a memória do privado, que foi deixada no esquecimento institucionalizado. Para ganhar legitimidade, os chamados por Michel (2010) de empreendedores da memória, “grupos ou os indivíduos que tentam impor representações e normas memoriais no interior do espaço público e político (MICHEL, 2010. p. 19)”. Aos poucos, as memórias femininas foram sendo inseridas na esfera de memória pública oficial, pois as formas de esquecimentos institucionalizadas sempre podem ser modificadas de acordo com os acontecimentos sociais do momento.

Nas décadas de 60 e 70, as mulheres começaram a se inserir cada vez mais no mercado de trabalho, o que fez com que elas se tornassem mais independentes, acarretando mudanças no cotidiano das famílias brasileiras, posto que as mulheres deveriam se dividir entre casa e trabalho.

Em decorrência dessas transformações, o tipo de família assentado na divisão dos papéis sexuais homem-provedor e mulher-dona-de-casa entrou em crise a partir das três últimas décadas. Atualmente, já não ocorre mais a separação entre as esferas pública e privada na vida da maior parte das mulheres. Elas estão cada vez mais integradas ao espaço público na qualidade de trabalhadora extradomiciliar, de co-provedora ou de provedora do grupo familiar (OLIVEIRA, 2002, p.160).

Voltando para a inserção da mulher no trabalho extradomiciliar, a qual se deu na Inglaterra, com o começo da Revolução Industrial. Nesse momento, o trabalho artesanal foi substituído pela produção em série, que possibilitou o uso de mão de obra menos especializada, mais barata e sem a necessidade de grande força muscular (RODRIGUES, 2015). A necessidade da indústria em contratar mão de obra de baixo custo e a das famílias em complementar a renda da casa, fez com que as mulheres fossem inseridas no mercado de trabalho industrial. Assim explica Rodrigues:

O alto número de mulheres empregadas como operárias nas fábricas na França e Inglaterra ocorreu devido aos baixos salários masculinos, insuficientes para garantir as necessidades básicas da família, levando a mulher a “sair” de casa para trabalhar e assim complementar a renda, a fim de garantir a subsistência familiar. (RODRIGUES,2015, p. 10).

A complementação de renda é ainda hoje citada como um dos maiores motivadores para o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Nas entrevistas, a grande maioria das trabalhadoras disse ter começado a trabalhar apenas para “ajudar” nas despesas com a casa e com os filhos: “eu trabalhava porque queria mesmo”, dizem elas, com exceção das que não são casadas, essas falam abertamente sobre as dificuldades de trabalhar e sustentar uma casa sozinha. Como é o caso de dona Clara e dona Gladis:

Não tinha filho. O que eu ganhava para me sustentar e comprar material para casa. Tudo isso aqui foi feito com o meu dinheiro (dona Gladis, entrevista 1, 2017).

Nas entrevistas das mulheres que não eram casadas observo as dificuldades enfrentadas no que diz respeito a não ter um apoio em caso de doença ou desemprego. Elas precisavam do salário da fábrica para sustentar a si mesmas e a suas casas. Como pode ser observado no relato de dona Clara, que não era casada.

Quando eu entrei lá eu tinha 33 anos, era separada e tinha três filhos. Trabalhava dia e noite porque não podia falhar, trabalhava doente, arrancava dente, não podia faltar, não coloca atestado nunca. Pagava aluguel de casa e tinha três filhos pra criar, não dava né? (dona Clara, entrevista 7, 2017).

Ao analisar as entrevistas atentamente, percebo que ser casada e ter um homem nem sempre quer dizer que esse homem de fato sustentasse a casa. Algumas das entrevistadas entram em contradição ao contar que em alguns momentos somente elas estavam empregadas. Assim sendo, elas eram a única fonte de renda da casa. Portanto, o trabalho fora de casa não deve ser visto sempre como fruto de uma escolha, mas como uma necessidade também. Trabalhar em

uma fábrica, fazer força e acordar às cinco horas da manhã não tirava das mulheres as obrigações com a casa. Quando acabava o turno da fábrica, começava o turno da casa ou vice-versa. O trabalho doméstico fazia parte da condição de mulher, enquanto que o trabalho fora de casa fazia parte da condição de mulher pobre. Oliveira complementa:

Os dados do Censo Demográfico de 1920 revelaram que as trabalhadoras brasileiras estavam, em sua maioria, concentradas nas ocupações do Setor Primário e do Secundário (88,6%), o que é uma clara indicação de que o trabalho extradomiciliar era uma realidade vivenciada apenas para as mulheres de baixa renda. (OLIVEIRA, 2003, p. 111).

As mulheres entrevistadas são tão acostumadas com a sua condição de mulher, que nem mesmo consideram o trabalho doméstico como um trabalho. É algo tão naturalizado, que quase não é falado durante suas narrativas. Em contraposição com o trabalho extradomiciliar, o trabalho doméstico não é remunerado. Esse é visto como uma obrigação, explicando o motivo pelo qual é tão pouco valorizado. O trabalho doméstico era dividido entre as mulheres da casa, filhas, irmãs e mãe, como pode ser observado na fala de dona Maria: “Como as gurias já eram grandes, eu não tinha muitas preocupações, elas ficavam em casa e faziam o serviço, naquela época o pai delas também ficava em casa.” (entrevista 4, 2017). Ainda segundo dona Maria, o filho era responsável por levá-la de moto até a fábrica, ou seja, os serviços eram distribuídos de acordo com o gênero dos filhos.

Lobo (1989) salientou que, na época, a migração de mulheres do campo para cidade ocorria afim de ajudarem as irmãs na casa e na criação dos filhos, para depois chamar essas mães para ajudar com os seus, assim, como uma prática comum. Esses aspectos foram constatados em algumas entrevistas, como das trabalhadoras dona Clara (entrevista 7), dona Neuza (entrevista 6), dona Eli (entrevista 8) e dona Joana (entrevista 2), que vieram do campo, ainda jovens, para arrumar um emprego na cidade e descontar a carteira. Dona Joana relata sobre o motivo que a levou a começar a trabalhar na fábrica;

Eu trabalhava pra mim mesma, ajudava minha irmã com os guris, que eu morava com ela antes de casar, eu era de fora e quando vim, fui morar com ela, porque a mãe faleceu, ai claro eu ajudava nas contas, mas trabalhava era pra mim mesma (dona Joana, entrevista 2, 2017).

Dona Neuza contou que veio trabalhar em Pelotas, porque queria mais independência financeira e porque a cidade era mais urbanizada também. Inicialmente o dinheiro servia para ajudar nas despesas da casa da irmã com quem morava, conforme pode ser analisado no relato:

Eu morava em Piratini, aí eu vim pra Pelotas para descontar a minha carteira, eu trabalhei em fábricas em Pelotas por uns mesinhos e voltava para Piratini, quando estava aqui ficava na casa da minha irmã, ajudava com as coisas, até que eu casei e vim morar aqui nessa casa. (dona Neuza, entrevista 6, 2017).

Direferentemente do trabalho doméstico, os filhos ganham destaque nas narrações das entrevistadas (daquelas que tiveram filhos). Existe uma narração antes de ter filho e depois do nascimento da criança, que sempre é um ponto de marcação no tempo, assim como o casamento. A presença dos filhos alterava as rotinas de trabalhos das mulheres entrevistadas, como a da dona Neuza, que relatou que quando começou a trabalhar na fábrica era solteira e não tinha filhos. A situação se modificou com o casamento, entretanto, isso não mudou tanto as suas rotinas de trabalhos. A maior mudança foi quando teve seu primeiro filho.

Quando eu comecei eu ainda não tinha filho, meu guri hoje está com 21 anos, quando eu ganhei ele ainda estava trabalhando lá, mas fiquei só mais um ano depois que tive ele, porque a fábrica não nos pagava em dia e eu tinha que pagar alguém para ficar com meu filho, aí começou a ficar difícil conciliar. Fiquei quase um ano assim, aí quando eu vi que eles não estavam pagando eu sai. Eu engravidei lá e tirei a licença de quatro meses (dona Neuza, entrevista 6, 2017).

Após ter filhos, dona Joana (entrevista 2) e dona Neuza (entrevista 6) tiveram que escolher se iriam continuar trabalhando ou se iam se dedicar à tarefa de ser mãe em tempo integral. Dona Neuza percebeu que seria mais barato parar de trabalhar do que contratar alguém para cuidar do seu filho, essa decisão foi influenciada pela iminência de falência da fábrica e pela possibilidade de se aposentar também. Dona Joana, por outro lado, só parou de trabalhar quando teve o terceiro filho. Para ela, conciliar o trabalho extradomiciliar com três filhos era praticamente impossível. Sua mãe já era falecida na época e ela tinha que pagar uma moça para ajudar no serviço da casa e com as crianças. A moça, que trabalhava para dona Joana, havia chegado há pouco tempo da zona rural. Mesmo depois do desligamento da patroa da fábrica, ela continuou trabalhando na casa, pois havia se gerado uma relação muito forte de amizade, que perdura até os dias atuais.

Na época em que trabalhei na Laneira tive 3 filhos lá, ao todo tive 6, fiquei 12 anos na fábrica (...) Quando eu entrei para a Laneira a fábrica não tinha muito tempo de existência, e nem eu, eu tinha só 18 anos foi meu primeiro e único emprego, porque depois que eu me casei e quando eu sai, eles estavam fazendo uns acordos com quem queria sair, tudo bem que não recebi tudo que tinha que receber, mas eu aproveitei e sai, porque tinha meu filhos pequeninhos. Ficava muito difícil trabalhar, porque tinha que colocar uma pessoa para cuidar eles e do serviço da casa, uma amiga minha que até hoje liga para mim, trabalhou para mim quando tinha 15 anos, ela já casou, teve filhos, já “tá” com 70 anos e ainda me procura (...) Eu me casei enquanto “tava” trabalhando lá, em 1958, e tive meus dois filhos homens mais velhos, que eu já perdi, tive também a minha filha mais velha, depois que eu sai da fábrica tive mais três meninas. Na época em que eu engravidei eu tive licença de alguns meses, mas não lembro de quanto tempo, faz muitos anos (dona Joana, entrevista 2, 2017).

Dona Isabel (entrevista 5), diferentemente de dona Joana e de dona Neuza, viu na maternidade um motivo para seguir trabalhando, para sustentar a si e ao filho. Após o nascimento do seu filho, dona Isabel recebia a ajuda da mãe que cuidava do neto para a filha trabalhar.

Eu tinha 20 anos quando comecei a trabalhar lá, ainda não tinha filho, eu casei 1989, tive meu filho em 1990. Foi muito tranquilo quando eu engravidei, eu tive quatro meses de licença, quando eu voltei minha mãe ficava cuidando dele, a mãe me ajudava (dona Isabel, entrevista 5, 2017).

Outras entrevistadas disseram que recebiam ajuda da mãe com os filhos para poder trabalhar. Como é o caso de dona Conceição (entrevista 3), que tinha quatro filhos na época. A mãe dela morava na casa dos fundos e no período que dona Conceição estava trabalhando ficava na casa da frente com os netos. Como dona Conceição trabalhava no turno da noite, a mãe era responsável por dar a janta para as crianças e colocá-las para dormir. Os cuidados com as crianças são em sua maioria destinados às mulheres, na ausência da mãe, por motivo de trabalho, como no caso das entrevistas analisadas, as crianças ficavam sob a responsabilidade de alguma outra mulher de confiança, podendo ser a avó (maioria das vezes), uma tia, ou uma baba contratada para tal tarefa. Nas entrevistas, nenhuma mulher citou a ajuda do marido, ou pai com as crianças.

Os relatos sobre a dupla jornada de trabalho (casa e fábrica) são encontrados em todas as entrevistas. Todas as mulheres entrevistadas disseram que além do trabalho na fábrica, eram responsáveis pelos afazeres domésticos também. Contudo, quatro das entrevistadas contaram que chegavam a ter uma tripla jornada de trabalho. Foram elas: dona Clara (entrevista 7), dona Neuza (entrevista 6), dona Isabel (entrevista 5) e dona Conceição (entrevista 3). Essa terceira ocupação servia

para complementar a renda da fábrica. Dona Clara disse que, além do trabalho na fábrica e em casa, sempre teve uma terceira atividade, pois era a única fonte de renda da casa e tinha três filhos. Ela sempre recorria à faxina em casas de famílias e, também, costurava para fora:

Sempre trabalhei com costura, reforma de roupas, eu trabalhava de tarde, mas pegava e acordava cedo de manhã pra costurar, as vezes chegava em casa dez e meia da noite e costurava também. Foram muitos anos assim, nunca fui de ficar parada (dona Clara, entrevista 7, 2017).

Dona Isabel (entrevista 5) começou a fazer faxinas depois do expediente, quando a Laneira entrou em declínio e passou a atrasar o salário dos funcionários. Nesse período, ela estava separada e era responsável pelo sustendo do seu filho. Ela fazia faxina três dias da semana em um consultório de dentista, tarefa que desempenha até hoje, mas sem carteira assinada.

Era bom porque a gente não ganhava mal, quando eles pagavam em dia. Eu comprava tudo que eu queria e não tinha despesa, porque morava com a minha mãe, quando me separei voltei pra casa da minha mãe com meu filho. Aquele dinheiro dava pra tudo, por isso que foi mais triste, tinha que sair da Laneira e ir pro consultório, era cansativo (dona Isabel, entrevista 5, 2017).

Todas as entrevistadas contam que o salário pago pela Laneira era muito bom, principalmente, quando comparado ao de outras fábricas. A Laneira dava muitos benefícios, como plano de saúde e o almoço no refeitório, a fábrica disponibilizava para as funcionárias cursos (figura 16) que complementavam o salário também, como pode ser observado no relato de dona Gladis:

Nós fazia curso e ganhava mais. Tinha bonificação. Nós tinha Protocolor em caso de acidente, coisas assim. E nós tinha Beneficiência. E outros benefícios a gente não tinha. Eu mesma tive dois cursos só: foi de monitora e de acidente de trabalho. Mas eles ajudavam! Tinha aulas de tecelagem. Contrataram uma professora de tecelagem para nos dar aula, para quem quisesse aprender. Muito bom, muito bom era (dona Gladis, entrevista 1, 2017).



Figura 16 - Curso de formação – 1984

Fonte: Fonte: Coleção LBSA / Fototeca Memória da UFPEL, 2010

Nem todas almoçavam a comida disponibilizada pela fábrica, pois era sempre sopa. Dona Gladis (entrevista 5) contou que a sopa ajudava muita gente, principalmente, aqueles que eram mais pobres. Segundo ela, se não fosse pelo almoço que a fábrica disponibilizava, eles nem almoçariam. Contudo ela não comia a sopa, pois levava a própria comida de casa. Como na época não tinha micro-ondas, então comia fria. Dona Neuza (entrevista 6) contou que geralmente não comia a sopa, mas que quando estava de regime preferia comer, já que comendo sopa todos os dias ela ficava mais magra. Mesmo não almoçando na fábrica, todas comentaram como era bom que a fábrica disponibilizasse a refeição, isso a diferenciava das demais, talvez por terem a comida na mesa feita por outra pessoa que não elas.

Capítulo 3 – As memórias femininas

“No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem.”

(Perrot, 1989, p.9)

As memórias de um grupo de mulheres operárias da extinta Fábrica Laneira relativas aos sentimentos como os afetos e dores, alegrias e tristezas, receberam um espaço para se insurgir do silêncio neste capítulo, que é dedicado a observar como as mulheres entrevistadas indicam um contexto de sentimentos, ao mesmo tempo particulares e compartilhados, que se apresenta no fato de terem trabalhado na Fábrica Laneira. As memórias são ambíguas e nem sempre convergentes, tanto as memórias dos afetos, das alegrias, dos prazeres, como das dores.

3 – 1 A memória e o tempo

Para cada uma das entrevistadas as memórias sobre a fábrica tinham um tempo, que variou de acordo com a sua idade e vivências pessoais. O sentir de um tempo próprio, que não era o mesmo para todas, mas compartilhado pelo fato de que a fábrica era a mesma, sobrepôs muitos aspectos, como se houvesse a possibilidade de um tempo compartilhado em camadas ou um tempo caleidoscópico. Segundo Halbwachs, existe um tempo social que se impõe de maneiras diferentes em cada indivíduo.

[...]todo ser dotado de consciência teria a sensação da duração, pois nele se sucedem estados diferentes. A duração nada mais seria do que a sequência desses estados, a corrente que parece passar através deles, sob eles, despertando um após o outro. Nesse sentido, cada pessoa teria sua própria duração: este seria realmente um dos dados primitivos da consciência, que conhecemos diretamente e cuja noção não precisa penetrar em nós de fora. (HALBWACHS, 2004, p.115).

Fez-se notável que um dos aspectos que mais influenciou nas narrativas foi o da idade. Dona Joana (entrevista 2) e dona Maria (entrevista 4), ambas mulheres com 84 anos, as mais velhas do grupo de entrevistadas, foram as que mais se emocionaram e demonstraram maior interesse em contar suas memórias, ainda que, inicialmente, estivessem receosas em fazê-lo. As memórias dessas senhoras:

um tempo próprio, que transcorre, diferentemente, do das outras entrevistadas. A característica diferencial das memórias dessas duas mulheres mais idosas foi a expressão de afetividade e compromisso em relatar detalhadamente diversos espaços de trabalho da fábrica, bem como uma notável nostalgia daqueles tempos passados.

As duas aposentadas e viúvas, com os filhos e netos criados, se deixaram levar pelas memórias de outros tempos, em que eram membros ativas de um grupo, que talvez o entendessem como uma comunidade, e que desempenhava tarefas que dependiam delas. Essa condição da memória de pessoas idosas encontra eco na obra de Bosi, da qual se destaca o seguinte trecho:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor de vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. [...] Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a de lembrar, e lembrar bem. (BOSI, 1985, p. 63)

Essa obrigação de lembrar bem pode ser observada nos relatos minuciosos sobre o caminho que a lâ passava dentro da fábrica, desde a classificação até a fiação. As duas entrevistadas relataram que não falavam sobre a Laneira há bastante tempo, pois não tinham mais contato com os antigos e antigas colegas de trabalho. As pessoas com quem tinham contato, na época das entrevistas, eram somente pessoas da família, que já conheciam as histórias sobre a fábrica.

Dona Joana (entrevista 2) iniciou a conversa contando sobre suas dores nas pernas, que a impedem de permanecer em pé. Essas dores são causadas, segundo ela, pelas varizes que adquiriu ao longo dos anos em que tinha que ficar muito tempo em pé. Isso vem, segundo ela do tempo em que trabalhava na fábrica, depois em casa, cuidando dos filhos, arrumando e cozinhando. Em seguida falou sobre o trabalho na Laneira, apontando nas fotografias apresentadas os setores em que trabalhou. Encontrou nas imagens possíveis amigas daquele tempo. Conforme ia passando as fotografias, as lembranças iam surgindo, propiciando que ela articulasse uma memória emocionada, na qual repetiu muitas vezes “tão lindas as fotos, são lembranças.”

Aos poucos a narrativa foi ficando mais pessoal, contemplando as amizades dos tempos da fábrica, as paqueras, o casamento e os filhos. Pude perceber que a narrativa se dividia entre as memórias da fábrica e as memórias da vida pessoal, entrelaçadas entre si. Outros tempos e espaços foram se unindo na narrativa. Os tempos de juventude na fábrica, o tempo de mãe e o de recém casada. Os vínculos entre esses tempos parecem reforçar a identidade dessa senhora, que se apoia nela para reconstruir suas memórias. Halbwachs (2004) argumenta que a memória precisa de um tempo e um espaço para se fixar, segundo ele:

Não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece no nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem que se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça. (HALBWACHS, 2004, p.170)

O processo de reconstrução das memórias dessas senhoras pareceu ser um trabalho de muitas camadas, que envolveu terceiros de seus quadros espaço-temporal. Halbwachs (2004) afirma que esse processo individual, que só se dá devido a participação em diferentes grupos, (no caso dessas mulheres, da família, os amigos da fábrica, etc.) se destina a contar no hoje as vivências do ontem, em um processo de atualização e transformação da memória, inerente à passagem do tempo. Nesse sentido, as experiências individuais narradas dessas mulheres nunca serão memórias estritamente solitárias e individuais, pois elas sempre estiveram cercadas por outras pessoas, que faziam e/ou fazem parte de seus quadros sociais.

As lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e como objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2004, p. 30).

A memória, segundo Halbwachs (2004), está sempre relacionada ao que acontece socialmente no presente, o que é lembrado responde sempre a uma necessidade do atual. Sendo assim, o indivíduo lembra hoje, algo que aconteceu no seu passado, mas ele próprio não é mais o mesmo, portanto, sua memória está sujeita a novas interpretações feitas por si. Logo, quando as entrevistadas narram

suas memórias, é do presente que parte o chamado, e é a mulher de hoje que o responde.

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (Halbwachs, 2004, p. 71)

Os grupos sociais são os responsáveis pelas memórias dos sujeitos, pois as memórias são o resultado das influências de diferentes grupos sociais dos quais o sujeito pertence. Desse modo, o indivíduo tem a memória individual e coletiva, pois quem lembra está incluído na sociedade e sempre faz parte de um ou mais grupos sociais: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda de acordo com o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p.69). A memória coletiva, contudo, não deve ser confundida com a memória individual, pois a memória coletiva tem suas próprias regras:

A memória coletiva contém as memórias individuais, mas não se confunde com elas – evolui segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal”. (HALBWACHS, 2004, p.72)

Portanto, os lugares que as mulheres ocuparam nos seus respectivos grupos estão diretamente ligados com suas lembranças individuais. Isso pode ser observado nas narrativas femininas, em que as mulheres relacionam os fatos do trabalho com a vida familiar, como se nota no relato de dona Joana “Eu me casei enquanto estava trabalhando lá, em 1958, e tive meus dois filhos homens mais velhos, que eu já perdi, e tive também a minha filha mais velha, depois que eu sai da fábrica tive mais três meninas” (entrevista 2, 2017). A relação da vida do trabalho com a vida privada ocorre porque as mulheres, na grande maioria dos casos, assumem a posição de gestoras do lar, dona de casa, esposa e mãe. Logo, suas memórias procuram auxílio nos grupos sociais que integram, sendo que o mais representativo é o familiar.

Outro ponto que chamou a atenção na entrevista da dona Joana (entrevista 2) foi que em vários momentos ela comentou sobre o fato de que muitas pessoas que trabalharam na fábrica com ela já haviam falecido, não restando nenhum conhecido que ela tivesse contato vivo, para que ela pudesse conversar sobre os tempo da fábrica. “Eu tinha muitas amigas na época que trabalhava lá, me dava muito bem

que umas moças que trabalhavam lá, tanto que tem umas duas ou três que eu conheci da fotos, mas já morreram, não tem mais ninguém” (dona Joana, entrevista 2, 2017). Henri Bergson, em *Matéria e Memória*, observa como “[...] o cérebro contribui para chamar de volta a lembrança útil, porém, mais ainda para afastar provisoriamente todas as outras” (BERGSON, 1999, p. 208). Tal destaque do autor, empresta sentido ao modo como as referências à morte apareceram em vários momentos da entrevista com dona Joana. Ela parecia evocar e afastar, simultaneamente, as perdas que ocorreram em tempos diversos, ou seja, a morte de um ente lembrava a de outro e ao mudar o relato de determinada perda para outra, recalrava a mais dolorosa, que havia inicialmente se posto.

Dona Joana iniciou contando sobre a morte do marido e dos dois filhos mais velhos. Em seguida, relatou sobre a morte de um colega de trabalho do tempo da Laneira, ligando-se a ele no relato:

Eu sei que teve um rapaz que faleceu lá dentro por causa de uma máquina, Rubem era o nome dele, no tempo que eu trabalhava lá, foi muito triste aquilo, diziam que ele bebia, mas acho que ele nem era de beber, ele até gostava de mim, nós era da mesma idade, ele era da família que morava nos fundos. (dona Joana, entrevista, 2017).

Essa proximidade com a morte, também, é encontrada na entrevista com dona Maria (entrevista 4), que diferente de dona Joana (entrevista 2), tentou manter seu relato mais voltado para a fábrica e menos para si. A entrevista ocorreu no momento em que uma de suas filhas estava internada em estado terminal e apenas um mês depois da morte de seu marido, talvez por isso, ela tenha voltado suas memórias para a fábrica, contando com riqueza de detalhes todos os processos pelos quais a lã passava e todos os setores em que trabalhou. O estado emocional do sujeito na hora da narrativa interfere em como a memória será apresentada também, sobre o quê Candau afirma:

Sabe-se que o estado emocional do narrador, as influências que sofre, pode ter um efeito sobre a natureza das lembranças evocadas sem que se possa realmente determinar se a qualificação feita do acontecimento, quando recordado, deva-se a elementos seus ou a projeção do seu humor no momento mesmo da reminiscência. (CANDAU, 2011, p.76)

A morte sempre aparece como ruptura, modificando as relações do sujeito com o grupo, tempo e espaço. A morte é algo recorrente para essas senhoras, que já viveram a morte de muitos familiares, amigos e conhecidos. A dor está ligada diretamente ao processo de lembrar a morte dos entes queridos.

Outro ponto importante das entrevistas está nos relatos sobre o estado atual do prédio da extinta fábrica. Enxergar o estado de abandono do cenário que foi palco de tantas memórias, é um ponto de ruptura para a memória também, pois essa modificação do espaço, que contrastam com paisagem que outrora se apresentava limpa e conservada, se desfigurou e se transformou algo em que não é o que as entrevistadas lembram.

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento dos entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 2001, p.83).

Ao reconstruir memórias do tempo considerados por elas como “tempos melhores”, elas também fazem uma crítica aos tempos atuais. Os costumes e os modos não são os mesmos, tal como as mulheres antes jovens, agora velhas, a fábrica antes viva, agora abandonada. O contexto se modificou, fazendo emergir a nostalgia própria do lembrar. Candau (2011) observa que “essa reconstrução tem uma função social: muitas vezes manifestando nostalgia por um passado pintado com cores de “velhos bons tempos”, o narrador faz uma crítica da sociedade atual que pode trair a exigências subjacente de mudanças para o futuro” (CANDAU, 2011, p.89). E, como bem observou Bergson, compete à memória “[...] evocar todas as percepções passadas análoga a uma percepção presente” (BERGSON, 1999, p. 266) para enfim, nos liberar do movimento do transcorrer das coisas, nos suprimir do ritmo das necessidades, superar a sujeição do espírito ao corpo e imprimir, por meio do lembrar, um novo sentido ao presente.

3 – 2 As memórias dos sentimentos: entre afetos e dores

As memórias dolorosas, embora marcantes para os indivíduos que as vivenciam, são as mais difíceis de serem narradas. Algumas memórias são omitidas no momento da narração, outras aparecem, mas de forma tímida, como se o narrador não estivesse contando a história completa. Porém, quando o narrador encontra uma escuta adequada, no momento certo, essas memórias surgem com

muita força, transformando narrações inteiras, transformando até mesmo o indivíduo que as conta.

No caso das entrevistadas para a pesquisa, muitas memórias foram omitidas, seja porque as entrevistadas não conheciam a entrevistadora, seja pela dor que as impedia de rememorar determinados fatos, seja porque ao lembrar coisas sobre os tempos passados, afirmavam-se suas existências, às vezes indesejáveis. As memórias sobre os assédios sofridos pelos chefes ou sobre abortos que aconteciam por causa do trabalho pesado, foram omitidas das narrações individuais, mas não da coletiva. Os fatos vividos por algumas se insurgiam nas memórias de outras. Assim, eles apareciam como o que aconteceu com uma conhecida, nunca com as entrevistadas.

Essas memórias que não são confessadas como algo que aconteceu consigo, estão relacionadas com a imagem que os sujeitos querem manter de si ou para si mesmos, durante a narrativa. Admitir algo como um assédio, pode colocar a imagem que o narrador faz de si em risco. Sobre isso, Candau afirma que “uma experiência pode estar carregada de impressões insuportáveis, quer dizer, lembranças que não se ousa confessar aos outros, e sobretudo, a si próprio, pois elas colocam em risco a imagem que se faz de si mesmo” (CANDAU, 2011, p. 64). Faz sentido, nesse aspecto, o que Bergson diz que: “Com a memória, estamos efetivamente no domínio do espírito” (BERGSON, 1999, p. 281).

Um dos motivos que levou ao silêncio de algumas memórias, se deve pelo fato de que as entrevistadas fizeram uma seleção das memórias que consideravam mais importantes também, pautando a narrativa do que quiseram dizer e não daquilo que é evocado pelas impressões mais profundas, que só a sequência de entrevistas com a mesma pessoa proporcionaria.

A narração deve ser considerada como reconstrução de uma identidade e não apenas como tentativa de reconstituição dos fatos narrados. As pausas, entonações e gestos que as entrevistadas usaram fizeram parte da identidade que formavam, criada pela narração. Ao narrar sua história, no processo seletivo do que é narrado e do como o faz, o sujeito tende a manter uma certa coerência narrativa, que se estabelece por meio dos acontecimentos vividos por ele. “Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (POLLAK, 1989, p.9).

Segundo Candau, “a memória é também arte de narração que envolve a identidade do sujeito e cuja motivação primeira é sempre a esperança de evitar o nosso declínio” (CANDAU, 2011, p.73). Com o decorrer das narrativas, começam a surgir informações omitidas em um primeiro momento, como, por exemplo, as condições insalubres do trabalho, o mal cheiro da lã, a poeira excessiva, o barulho alto das máquinas. Tais percepções da materialidade dos fatos do passado vão ocupando espaço na narrativa, conforme um elemento é ativado. Nas entrevistas feitas, essas informações aparecem como respostas a perguntas específicas, como pode ser observado no relato de dona Neusa:

Eu tinha medo, quantas já perderam a mão lá, mas graças a Deus eu nunca presenciei nenhum acidente sério e também nunca me aconteceu nada. Aquelas máquinas eram traiçoeiras. Até hoje eu tenho problema de coluna por causa do trabalho pesado da fábrica, tinha que levantar aquelas bobinas pesadas, aquelas máquina antigas tinha que fazer força. (Dona Neusa, entrevista 6, 2017).

Outro aspecto destacável é que como as entrevistas não tiveram o objetivo de verificar a veracidade ou não do contado. As narrativas não se depararam com questões de cunho investigativo, e deixaram que as influências de escolhas pessoais, inclusive, por aquelas que matizaram a realidade com ficção, se apresentassem como manifestações da memória do sujeito, aceitando-se, portanto, que:

A realidade de uma narrativa é ser “real para um sujeito”, o que é “a realidade de um encontro com o real”. A partir dessas ocultações, pode-se esperar melhor compreender os processos complexos que acompanham, de início a memorização e, em seguida, a rememoração. É o mesmo quadro teórico que é preciso inscrever o esquecimento que surge na narrativa. (CANDAU, 2011, p.72).

É por meio dos “efeitos de luz” que as entrevistadas dão sentido a suas trajetórias de vida. Esse jogo de esquecer, omitir ou narrar é o que torna possível uma narração coerente e com a qual o sujeito se identifica. Durante a entrevista com dona Neuza ela contou sobre diversos momentos que vivenciou dentro da fábrica, entre eles sobre quando conheceu o marido e casou, em memórias contadas com muito afeto. Porém, ela excluiu de sua narrativa o aborto que sofreu quando trabalhava em uma das máquinas. Ela só contou sobre o episódio depois da entrevista, quando estava voltando da casa de outra entrevistada que ela havia apresentado para a entrevistadora.

Essa memória traumática foi omitida em um primeiro momento, pois a entrevistada tentou contar apenas os bons momentos vividos na fábrica, bem como as memórias do trabalho, que, embora tenham sido memórias de um tempo duro, não chegam a ser memórias traumáticas. As memórias evocadas no momento da narrativa de dona Neuza (entrevista 6) tentaram reconstruir os momentos felizes da fábrica, deixando de lado aqueles considerados por ela como memória de dor.

Assim, entendo que a evocação, forma e essência das entrevistas feitas, constituiu-se a partir de escolhas afetivas, negociadas pelas identidades que essas mulheres quiseram sustentar ou apresentar. O que é dito assim como o que é omitido são, por assim dizer, uma triagem das memórias, nas quais o sujeito irá selecionar aquelas com que mais se identifica no momento da narração, formando um fluxo imperceptível entre o contado e o representado.

As memórias dos afetos são memórias consideradas pelos sujeitos como aquelas carregadas de emoções positivas. No caso dessas mulheres, foram as memórias nas quais elas mostraram prazer em rememorar. Memórias como as amizades, a família, a fábrica e a independência financeira foram colocadas pelas entrevistadas no campo dos afetos no momento em que as narravam. Já as memórias do fechamento da fábrica, dos acidentes que aconteciam nas máquinas e os maltratos por parte dos chefes e encarregados pertencem ao campo das memórias dolorosas. Observei que essas memórias dolorosas são mais expressivas na coletividade do que individualmente.

Candau (2011) explica que as memórias operam escolhas afetivas, os acontecimentos neutros são mais suscetíveis ao esquecimento do que aqueles carregados de sentimentos. “Mesmo que não exista nada de sistemático no princípio do prazer da memória, podemos considerar que, de uma maneira geral, o “otimismo memorial” prevalece sobre o pessimismo” (CANDAU, 2011, p.74).

Isso explicaria porque as entrevistadas iniciavam com as memórias consideradas boas. Elas, efetivamente, são as mais fáceis de evocar e isso se manifesta em algumas estratégias memoriais que o narrador adota no momento de sua fala. É possível que com as omissões que o narrador faz, com o passar dos anos as memórias desagradáveis vão se atenuando.

Foi elementar observar nas entrevistas feitas com essas mulheres trabalhadoras da extinta fábrica Laneira, o “otimismo memorial” descrito por Candau (2011). Em mais de um relato, as mulheres descreveram as coisas boas do trabalho na referida fábrica, como por exemplo: os almoços servidos por conta da fábrica, as festas, os cursos, o atendimento médico, entre outros. Ora, contar uma história permite ao narrador transformar a sua narrativa em algo passado que lhe agradou. Alguns matizes foram suficientes para que as entrevistadas fizessem da sua narrativa uma história agradável. Candau comenta que: “Todo aquele que recorda domestica o passado, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial, que atua como significante de identidade” (CANDAU, 2011, p. 74).

A evocação das memórias é diferente das memórias propriamente ditas, isso porque existe uma triagem no momento da narração. Um indivíduo sempre faz escolhas memoriais, e nem tudo que se evoca se narra, pois seria impossível uma totalização das memórias. Impossível e, muitas vezes, indesejável. Como observado por Candau, a memória é a base para a identidade de um indivíduo, uma pessoa sem memória seria uma pessoa sem identidade. Sem a memória, o indivíduo estaria vivendo somente o presente, sem saber os acontecimentos de sua própria vida, acontecimentos estes que o tornaram quem é no momento. Sobre isso, o autor diz que existem três tempos da memória: a memória do passado, a memória do presente e a memória do futuro.

As relações de si para si mesmo, o trabalho de si sobre si mesmo, a preocupação, a formação e expressão de si, supõem um trabalho da memória que se realiza em três direções diferentes: uma memória do passado, aquela dos balanços, das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações; uma memória da ação, absorvida num presente sempre evanescente; e uma memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro (CANDAU, 2011, p. 60).

Deste modo, as memórias de cada indivíduo são únicas, posto que cada um tem vivências e projeções de futuro diferentes, “é o conjunto da personalidade de um indivíduo que emerge da memória” (CANDAU, 2011, p.61). Ou seja, ao longo das entrevistas foi possível perceber apenas a identidade da mulher que estava narrando, mesmo sendo um fato acontecido no coletivo, as escolhas memoriais feitas por ela, o que falar ou o que omitir, foram sempre escolhas individuais. “O narrador coloca os fatos em ordem para tornar coerente os acontecimentos da sua

vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa” (CANDAU, 2011, p.71).

As memórias das entrevistadas encontram pontos em comum, como é o caso da greve. O fato foi dito por todas que trabalharam no ano em que a greve aconteceu, em 1984. Todas comentaram sobre o episódio de algum modo. Foram elas: dona Gladis (entrevista 1), dona Maria (entrevista 4), dona Isabel (entrevista 5), dona Neuza (entrevista 6), dona Clara (entrevista 7), dona Mirian (entrevista 9). Para quase todas, a greve representou um momento de união, de reforçar os laços com os companheiros de fábrica. Isso ficou muito claro nos relatos delas.

Quando teve a greve eu participei, eu ia com os outros colegas para tentar trancar o trabalho da fábrica, nós fazia passeata no centro, era divertido. Meu marido também participou da greve, mas na época nós não éramos namorados ainda. (Dona Neusa, entrevista 6, 2017);

Na época da greve eu aderi, eu fiquei a lá na frente, diferente umas colegas que iam trabalhar, até xixi jogaram nelas uma vez, mas o que elas queriam lá? Só as duas não iam conseguir colocar a fábrica para funcionar (Dona Maria, entrevista 4, 2017);

Bá! Aquela greve foi o máximo, nós fazia os piquete ali, na frente da Laneira. Foi muito bom. Teve quem não aderiu, mas nós não fizemos nada, quem jogou xixi foram os homens. Na época a gente ficou sem receber, eu já tinha até me separado, o dinheiro fez falta, mas no fim a gente conseguiu tudo. A greve foi muito divertida, nós ia pra lá cedo e ficava praticamente o dia todo lá, tomava chimarrão, fazia comida. (Dona Isabel, entrevista 5, 2017);

Na época da greve ainda não existia o sindicato, na verdade a gente se juntou e criou ele pros chefes não poderem nos colocar para rua. Foi muito legal durante a greve, a gente conseguiu aguentar firme e ter o que a gente pedia. (Dona Clara, entrevista 7, 2017);

A greve foi muito divertida. Teve uma vez que eles queria sair com o caminhão cheio de lã dos japoneses, porque os japoneses era tudo no horário certo, ai a gente não deixou o caminhão sair, a gente sentou na frente do portão, eles não puderam sair. Depois disso eles tiveram que ceder. (Dona Mirian, entrevista 9, 2016).

Para mim, entrevistadora, os relatos apresentados tiveram um tom nostálgico, do tempo em que elas se uniram contra os chefes afim de reivindicar uma carga horaria de trabalho menor. Essa nostalgia não se manifestou só em palavras, mas nas qualidades da comunicação do evocado, já ditas anteriormente. A entonação, a vibração da voz, as pausas, o fluxo do relato, tudo intensificou o fato vivido por cada uma. Contudo, o relato de dona Gladis (entrevista 1) contrasta com o das outras entrevistadas. Dona Gladis não aderiu a greve e foi trabalhar todos os dias normalmente. As represálias sofridas de alguns colegas de trabalho, remanescem

como uma injustiça irreparável. A tradução desse momento encontra nas figuras da época os elementos de uma cena revivida, como pode ser observado no relato abaixo:

Quando teve a greve, eu não era contra, nem a favor, eu só não aderi, uma porque eu precisava trabalhar e tava vendo aquela sujeirama lá que tava lá na frente, porque até o rapaz que era encarregado nosso um dia eu ia chegando eu e mais uma encarregada lá do Tops, mas tivemos que depois passar e entrar com a viatura da polícia, porque eles não deixavam, tavam fazendo um piquete, tinha uma mulher que andava com esse encarregado e quando nós vinha entrando ela chamou nós de puta, vagabunda, de tudo, e ele junto, mas não aderi à greve, por fim a gente teve que entrar na viatura da polícia, porque a polícia nos pegava cá diante perto do posto para nós poder entrar lá. Um dia juntaram um pote de sorvete cheio de mijo e atiraram em mim, não pegou mas pegou na encarregada do Tops e numa outra senhora. A maioria dessa gente que trabalhou lá na Laneira que eram os maior mau caráter. (Dona Gladis, entrevista 1, 2017).

Essas memórias conflitantes apareceram em vários momentos. O conflito nesse caso, não está no que cada uma lembra, mas como o lembra. O que era lembrado com afeto por algumas entrevistadas, era lembrado com desagrado por outras. Outro exemplo é o da relação das entrevistadas com outros funcionários. Em geral, as entrevistadas relataram que mantinham um bom relacionamento com os colegas. Porém, existiam alguns conflitos, principalmente, com um dos encarregados. Dona Isabel relatou que sofria discriminação por ser mulher e negra. O maltrato ocorria na forma de piadas vinham de um determinado encarregado, como pode ser observado no relato abaixo:

Os homens eram muito respeitadores, até tinha uns casazinho lá, é que não podia, os que já estavam namorando, já estavam, mas eles não deixavam mais. Nem irmãs podia mais, só o que já estavam a muito tempo. Não tinha nada assim com os homens, o único que era enjoado era o João¹⁰, ele era terrível, ninguém queria ir lá pra cima trabalhar com ele, ele era tipo carrasco e racista também, chamava a gente de preta malandra, na nossa frente. Eu dei graças a Deus que fiquei ali em baixo, quando não tinha serviço ali em baixo e ele ia lá escolher alguém pra subir, a gente se escondia. (Dona Isabel, entrevista 5, 2017).

Algumas outras funcionárias comentaram sobre a falta de respeito do encarregado citado com as mulheres também, como dona Neuza, que disse não gostar de trabalhar no setor dele:

Nós tínhamos um chefe de setor, que era homem, o seu João, na parte de cima, ele era muito chato e nos tratava mal, nós chamávamos ele de nazista, mas depois eu desci e o chefe era o Luiz e o Ailtom, o Ailtom era horário comercial e ficava o dia todo, ele era o encarregado chefe geral, eles eram muito legais. (Dona Neuza, entrevista 6, 2017).

¹⁰ Nome fictício para preservar a identidade do homem citado.

Dona Gladis, por outro lado, comentou que muitos funcionários não gostavam dela, pois além de enfermeira ela era também encarregada substituta. Isso fazia, segundo ela, com que muitos funcionários fossem mal-educados com ela.

Muita gente não gostava de mim né. (...) Eu me dava com todos os funcionários, eu tinha que me dar porque eu tinha que dar ordem para eles também né, eu era monitora deles. Mas também nunca cheguei assim: Tu vai lá e faz! Eu dizia: Por favor, tu pode ir lá naquela máquina e fazer tal coisa? Eu tinha dois cargos lá dentro: enfermeira e monitora. Eu ficava nos dois lugares. Só que eles não me topava [...] Tinha funcionário que botava bilhete no meu armário, aí quando eu passei lá para frente que eu vi, porque eu já ia limpa, arrumadinha né, não precisava ficar entrando lá. Aí um dia eu comecei a juntar os bilhetes, um dia eu fui na direção e falei para o meu encarregado que era lá do Tops, e ele disse: não, vamos lá na direção, mostrar os bilhetes! Os bilhetes me xingando que eu recém tinha entrado, dizendo que eu tinha dormido com o patrão por isso que eu tinha entrado pra trabalhar de enfermeira e de monitora. E aí foram procurar nos cartões a assinatura. Reconheceram a assinatura e chamaram. Chorava, pedindo pra não ir pra rua, e era sempre a mesma pessoa. Aí o patrão mesmo disse para ela: Eu não botei você, porque não me agradou! Você e ela, se tiver que entrar outra e eu me agrada da outra eu tiro ela e boto a outra! Aí ela rachou a bola. E depois parou a perseguição. (Dona Gladis, entrevista 1, 2017).

Estes atritos que dona Gladis disse ter sofrido por parte de outros funcionários, provavelmente, se deveram ao fato de que ela ocupava um cargo de chefia, uma posição de superioridade, diferentemente das outras entrevistadas que eram apenas operárias. Essas memórias, que foram reconstruídas a partir dos papéis ocupados pelas entrevistadas no tempo da fábrica, representam como essas mulheres se identificavam e ainda se identificam. Ou seja, “a imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento da evocação” (CANDAU, 2011, p.77).

Dona Gladis relatou, também, diversos casos que ocorreram na enfermaria, principalmente sobre como os funcionários da fábrica pediam favores no consultório, como medicamentos e atestados para “dores que não existiam”.

Dona Gladis, arruma uns remédios pra nós, pro meus filhos? Se não tinha como dar um comprimido lá pra minha filha. Eu digo: Eu vou falar com o doutor. Aí da firma não tirava, tanto é que eu era enfermeira na firma e eu não pegava um comprimido pra mim, comprava ali na padaria, lá do lado da Laneira. Um dia o gerente viu e disse: Ué mas não tem remédio na enfermaria? E eu disse: É só pra funcionário. Mas tu não é funcionária? Eu digo: Não mas eu não quero pra mim. Comprava. Daí o doutor arrumava né, e eu dizia: Tá, tu vem tal hora aqui que o doutor vai trazer remédio para você. E arrumava amostra grátis, arrumava um monte de coisa aliás. Dizia: olha doutor, fulano veio aqui doutor, pedir uns remédios para as crianças, pedir uns fortificantes, remédio para verme, essas coisas Tudo que eu pedia ele dava pros coitados. A empresa era muito boa, o doutor era um pai pra gente. (Dona Gladis, entrevista 1, 2017).

Como enfermeira, dona Gladis socorreu muitas pessoas que se acidentaram na Laneira, geralmente, os acidentes eram cortes superficiais, entretanto, ocorriam acidentes mais graves em que os funcionários ficavam presos nas máquinas com risco de perder a mão. Nesses casos, ela era orientada a prestar os primeiros socorros e ir para o pronto socorro junto com o acidentado. As outras entrevistadas pouco falaram da enfermagem, contaram apenas que a enfermagem existia e que pegavam, às vezes, remédio para dor de cabeça ou cólica. Já as memórias sobre as máquinas, foram unânimes. Todas relataram que sentiam medo de trabalhar nas máquinas. Contudo, o sentimento de medo não, necessariamente, transformou as memórias relacionadas ao maquinário em memórias dolorosas. Para algumas, essas memórias são ao mesmo tempo de afeto e de dor. Esse antagonismo da memória pode ser observado no relato de dona Isabel:

Eu gostava de trabalhar na máquina que eu trabalhava, que se chamava filatório, aí eu adorava trabalhar ali, era muito bom. Eu trabalhava no setor de baixo, no filatório, trabalhava na parte de baixo. Naquele setor tinha que ter cuidado muita gente perdeu a mão, os dedos, eu tinha muito cuidado, porque o fio puxava, até eu uma vez enrolei a mão, mas eu tirei rápido, eu puxei. [...]Eu tinha medo das máquinas, quando eu “tava” grávida mesmo eu não fazia nada, tinha medo de cair, um cara que trabalhava ali que dizia “Bel deixa que eu mexo a máquina pra ti” e eu dizia “ta”, eles eram muito gente fina, e eu não tinha condições de “ta” mexendo naquelas máquinas e grávida. (Dona Isabel, entrevista 5, 2017).

Ao mesmo tempo em que ela apresenta em sua narrativa que adorava trabalhar na máquina chamada “filatório”, ela diz que este setor era muito perigoso. Essa memória do medo é uma memória que não se concretizou, porque dona Isabel nunca se machucou em nenhuma máquina. Essa é uma memória de expectativa de algo ruim que poderia acontecer, mas não aconteceu. Por outro lado, a memória do afeto pela máquina se concretizou, pois foi um momento de sua vida em que ela tinha uma profissão que precisava de um conhecimento técnico para manusear o maquinário.

As memórias de dona Gladis sobre o máquina são memórias de dor, pois ela própria se acidentou em uma das máquinas e ficou com sequelas até os dias de hoje, além de já ter socorrido outras pessoas que se acidentaram.

Vi muitos acidentes! Eu mesma quase perdi essa mão. No cilindro, na bobinadeira. Tinha um tanto de lã assim, aí arrebentou e eu tenho essa mão eu não posso torcer uma roupa nada, que ela solta isso aqui. Mas eu fiquei com a mão presa, quando tocou a sirene avisando que tinha um acidente, o doutor lá na frente pensou: Tá, eu vou encontrar um trabalhador de lá,

chegou era eu. Ele disse: O que é que foi? E aí a sorte foi que eu só apertei, e aí nesse apertar, eu fiquei até hoje com sensibilidade na mão. Não fiquei afastada. Só me trocaram de máquina, mas perder dedo era coisa normal (...) Na mecha era perigoso sim. Na mecha a pessoa tem que puxar, pegar forte, porque ela vai variando e se tu não pegar forte ela te pegava e te puxava mesmo. (Dona Gladis, entrevista 1, 2017).

Outra entrevistada que relatou sobre os acidentes nas máquinas foi a dona Clara. Ela própria sofreu um acidente e presenciou pelos mais dois acidentes. Ela relatou que não gostava de trabalhar com as máquinas, pois não eram seguras e o trabalho era pesado, segundo ela, o salário não compensava os riscos.

Uma vez eu tive um acidente numa máquina, um dia antes de eu ir viajar pro Rio com o sindicato, eu tinha pedido folga, eles eram obrigados a dar, porque era evento do sindicato, eu fui pedir uma semana, e eles não queriam me dar, mas era lei. Bem no finzinho do horário a linha enganchou no meu dedo e puxou, aí o chefe do turno dizia “não te preocupa com o gancho” porque tinha um gancho e a gente não podia soltar se não estragava a máquina, e eu gritei “tu acha que eu “to” preocupada com o gancho? Eu “to” é preocupada é em salvar meu dedo. [...] Quantidade de gente que perdeu dedo e se machucou feio lá, uma amigo meu mesmo, não tem o coró de cima da mão, a máquina puxou tudo. Tinha também o Zé que só tinha dois dedo de uma mão, porque arrancou. A Célia ficou uma hora e dez minutos com a mão presa numa máquina uma vez, as agulhas cravaram nos ossos da mão dela e nós não sabia como soltar, depois levaram ela pro Pronto Socorro, fuçaram e fuçaram, mas não conseguiram tirar todas as agulhas da mão dela, ela tem agulha até hoje nas mãos. Nós “tava” tudo ali e não podia fazer nada, ela teve que quebrar as agulhas sozinha pra tirar a mão. (dona Clara, entrevista 7, 2017).

Outro ponto em que as memórias convergem dizem respeito ao fechamento da fábrica. Todas as entrevistadas relataram com sentindo de dor o fechamento consecutivo dos setores e, por fim, a falência total da fábrica. Talvez o fechamento da fábrica tenha sido o evento narrado que mais impactou as entrevistas, com exceção de dona Joana que já estava afastada da Laneira quando esta fechou. O sentimento de perda foi potencializado pela ausência das companhias de trabalho, pela falta de pagamento e pela incerteza de um futuro. Dona Isabel relatou que nunca mais trabalhou com carteira assinada depois do fechamento da fábrica e também sobre a falta que sente das amizades do tempo de serviço.

Se a Laneira não tivesse quebrado eu estava lá até hoje, ou estaria me aposentando de repente. Porque depois foi difícil, nunca mais arrumei nada nesse tipo de empresa assim, depois fiquei fazendo limpeza, até hoje, nunca mais assinei carteira. Foi muito triste quando fechou, todo mundo sentiu, a gente era assim tipo uma gangue, minhas amigas tudo trabalhavam lá, Depois a gente ficou tudo perdido, uns se mudaram e sumiram. (Dona Isabel, entrevista 5, 2017).

Sem dúvida, um dos pontos que mais marcaram nas entrevistas foi o da magoa que as entrevistadas sentem em relação a falta de pagamento após o fechamento da fábrica, como pode ser observado no relato de dona Gladis muitas pessoas esperam até hoje para receber:

Que pena! Eu tenho muita pena que fechou a Laneira, não por mim, mas por muita gente, muito pai de família morreu sem receber o que a Laneira tinha para pagar (...) Ah! Eu recebi em 2011,2012. Eu trabalhei 14 anos e fiquei 14 anos esperando para receber e recebi uma mixaria ainda, recebi só 26 mil, de 14 anos de casa. Eles não repassaram o INSS, tive que trabalhar cuidando lá de senhora idosa para poder pagar meu INSS para me aposentar por idade não pela produção, porque o serviço se ele tivesse repassado o INSS. (Dona Gladis, entrevista 1, 2017).

No momento das demissões da fábrica as funcionárias comentam sobre o medo causado pela incerteza de um futuro estável, as memórias sobre esse período da vida delas, aparece como algo que causava medo, mas que já não causa mais, é uma memória de uma expectativa que já se concretizou. Algumas tinham como pretensão se aposentar, como é o caso de dona Neuza, dona Maria e dona Gladis. As duas primeiras conseguiram se aposentar após sair da fábrica, dona Gladis, porém, teve que trabalhar por mais alguns anos, pois a fábrica não havia repassado o dinheiro do INSS dela. Essas memórias, que já foram sentimentos de muita preocupação, encontram-se, hoje, modificadas pela passagem do tempo, mas que ainda assim doem por lembrarem dos anseios vividos na época.

4 – Considerações Finais

As memórias das mulheres trabalhadoras da extinta Fábrica Laneira ganharam, por meio dessa pesquisa, um espaço para insurgir do silêncio em que eram mantidas. Essas mulheres falaram sobre afetos, dores e anseios, que contaram como era a sua vida de mulher, pobre e operária em um período muito próximo do presente. Sob muitos aspectos, esses poderiam ser os relatos de outros milhares de mulheres que viveram as mesmas condições das entrevistas. As divisões entre fábrica e família, trabalho remunerado e trabalho não remunerado, filhos e maridos eram e – em alguns casos ainda são – tarefas inerentes à condição de ser mulher.

Nos relatos foi possível observar que a dupla jornada de trabalho era algo comum na vida das entrevistadas, tanto que elas nem mesmo consideravam o trabalho doméstico como um trabalho, propriamente dito. Consideravam-no como uma obrigação, algo que era comum a todas as mulheres que tinham casa e filhos para cuidar, algo inevitável e, portanto, natural. A casa era tudo o que delas dependia, era tarefa diária, feita sem qualquer indagação, sem feriado, sem fim de semana, como o destino natural da existência. A fábrica era o provento principal, mas também era o lugar onde a vida, sem o peso do compromisso com outras vidas, era possível.

O trabalho na fábrica, por outro lado, apareceu como fruto das escolhas pessoais de cada uma das entrevistadas. As casadas relataram que buscaram um emprego assalariado para poder ter seu próprio dinheiro, para auxiliar nas contas da casa, para ter mais independência financeira. O casamento é lembrado como uma segurança financeira em que elas podiam se apoiar caso não quisessem trabalhar. Contudo, conforme as entrevistas transcorreram e as informações sobre o trabalho pesado a que se submetiam foram sendo relatadas, manifestou-se o conflito da memória. O voluntarismo foi cedendo lugar para a necessidade. A necessidade manifesta de que aguardavam o final do mês receber o salário, contradisse o querer trabalhar só por querer. Esse trabalho era uma necessidade também, se não de ordem financeira, de ordem emocional, moral ou até mesmo social. Nos casos das que não eram casadas, o trabalho na fábrica foi relatado como uma necessidade, pois elas tinham que se sustentar e dar sustento aos filhos sozinhas.

Depois de tornadas operárias, o tempo da vida dessas mulheres era pautado pelo trabalho na fábrica e o trabalha na casa. Elas dividiam as horas dos seus dias para conseguir completar todas as suas tarefas. O dia, portanto, tinha dois momentos que não se confundiam. Um era aquele do trabalho pesado na fábrica. O outro era o da casa: preparar as refeições, arrumar a casa, cuidar dos filhos e do marido. Algumas tinham o terceiro momento também: faziam faxinas, costuravam, vendiam cosméticos ou acessórios para outras mulheres, consumando, ainda que modo imperceptível a elas próprias, uma tripla jornada de trabalho. A fábrica foi relatada como lugar em que elas puderam conhecer pessoas, fazer amizades, arrumar um marido. Isso se explica pelo fato de que o tempo que sobrava para lazeres era muito escasso e na fábrica, contradizendo o próprio ritmo do trabalho rotineiro, sempre exigente, elas acabavam por encontrar o espaço para a sociabilidade.

Nos relatos dessas mulheres, ressalto o fato de que foi na fábrica que vivenciaram Universo das Mulheres da Laneira. Foi uma escolha decorrente das impressões que os relatos foram imprimindo na trajetória deste estudo. Usei a palavra Universo no sentido mais corriqueiro que a ela se dá, como o resultado de uma junção de espaço e de tempo, no qual se formam ou se encontram as mais diversas formas de matéria. Quando solicitadas a falar da fábrica, a percepção que tive foi a de que essas mulheres retornaram do fundo das suas experiências, um universo esquecido, esmorecido pelo tempo, abandonado pela lembrança. Que deram a ele nova roupagem, que o coloriram com tintas intensas, dramáticas ou vibrantes. Eu, totalmente ignara da realidade dos fatos, apenas era o repositório do exercício de memória que cada uma fez.

A fábrica tornou-se, ao mesmo tempo, centralizadora e promovedora das memórias dessas mulheres entrevistadas. E, dentro desse universo, as mulheres elegeram quais as memórias eram dignas de serem contadas e quais deviam ser omitidas. As memórias em torno do trabalho com as máquinas ganharam destaque dentro das narrativas. O seu colorido era mais intenso e isso porque ao mesmo tempo que eram temidas eram, também, a representação de um trabalho especializado, de uma distinção, de um saber que cabia a algumas e não a todas. Dessa forma, as máquinas foram consideradas pelas entrevistadas como

protagonistas do espaço fabril. Esse espaço do findo, que hoje se encontra desfigurado pela passagem do tempo e pelo abandono.

As entrevistadas narraram sobre a relação de poder que elas exerciam sobre as máquinas ou narraram como sendo poder o que viviam. Todas, em palavras que traduziram o profundo sentimento de medo e orgulho, disseram como era importante saber lidar com aquele equipamento enorme e mutilador. O controle sobre o maquinário era o mais importante para elas. Ao ouvir essas narrativas, me permiti imaginar como essas “heroínas” domesticavam aquelas “feras”. A figura da batalha vitoriosa insinuou-se para mim nos relatos de todas. Nessas narrativas eu identifiquei, como já dito, com o que Candau (2011) chamou de otimismo memorial. Isso prevalece em grande parte das entrevistas e mostra que as ex-funcionárias queriam, na verdade, contar uma história de vitórias, em que elas, protagonistas de batalhas individuais, puderam conquistar o próprio sustento. E o fizeram como mulheres e operárias.

Contudo, o maquinário, é um dos principais causadores das memórias dolorosas também. No Universo dessas mulheres, venciam-se o monstro, não o medo dele. Todas relataram que muitos acidentes ocorreram nas máquinas. Mutilações aconteciam com muita frequência. O barulho infernal continuava a ser escutado mesmo em casa. As máquinas, ainda hoje, destacam-se como um dos principais elementos memórias da fábrica. Elas preservam, mesmo na sua ausência, a convergência do que todas lembram como sendo a fábrica. As narrativas indicaram que o grande potencial evocador reside na lembrança sentimental do duplo medo/respeito que as máquinas promoveram. As mulheres tiveram com essas máquinas muitos tipos de relações, e suas memórias a respeito delas não podem ser identificadas em um campo específico, seja dos afetos ou das dores. Essas memórias são ambíguas, misturam receio com desejo, e são, às vezes boas, às vezes ruins.

Os relatos sobre as coisas ruins da fábrica, como, por exemplo, o cheiro de estrume que ficava impregnado nas roupas e cabelos, a poeira excessiva que faziam com que as operárias tivessem diversos problemas respiratórios, só surgiram nas narrativas quando foram feitas perguntas específicas. Estas são, portanto, as camadas das lembranças recalçadas. Emergiriam, mas não de imediato, tanto que

após esse tipo de relato “desagradável”, vinham comentários que justificavam essas coisas ruins, como forma de amenizar o relato.

Em contrapartida, a memórias dos afetos foram narradas em detalhes, com prazer de serem relembradas. Contudo, cada entrevistada tinha diferentes memórias para o campo dos afetos e elas nem sempre convergiram. As memórias sobre as amizades, em grande maioria, permaneceram como uma memória positiva, afetuosa. Entretanto, nem todas a entrevistadas concordaram que tinham amigos dentro da fábrica. Dona Gladis, por exemplo, não relatou memórias de afeto com os colegas de trabalho. Ela narrou sobre episódios de confronto com os colegas dentro da fábrica. As memórias sobre as amizades, neste caso, ficaram no campo das dores, das mágoas, pois ela não se sentia pertencente aquele grupo de trabalho. Sentia-se a parte, o que ela justificou como decorrência do cargo de chefia que exercia e o qual os outros invejavam.

As memórias dos afetos e das dores não podem ser consideradas separadamente. Em quase todos os relatos não houve memórias somente de afetos e somente de dores. O que uma entrevistada considerava como uma memória de afeto, outro considerava como de dor. Uma mesma entrevistada podia dizer que a memória era boa e ruim ao mesmo tempo. A divisão dessas memórias, que em um primeiro momento parecem estar de lados tão opostos, se tornou impossível, pois essas memórias são memórias de sentimentos que se apresentaram já modificadas pelo fator tempo, mesclados pelas considerações do presente e pela impossibilidade de precisar a vida no tempo findo.

As memórias podem ter sido amenizadas pela passagem do tempo, ou, ao contrário, intensificadas. De todo modo, o tempo que modificou os sentimentos, no presente em que as memórias se apresentam, as matizam também. As mulheres que narram, hoje, não são as mesmas que vivenciaram os acontecimentos do passado, pois o tempo as modificou também. Portanto, suas memórias ganharam novos contornos que podem ser observados nas narrações.

Enquanto falaram sobre o operar a máquina, dubiamente traiçoeira e sedutora; o limpar o lugar; o odiar o supervisor odiável; o falar da vida das outras mulheres e outras coisas comuns no trabalho, não falaram sobre o peso da existência cotidiana que de modo indireto se imiscuía, subversivamente, no discurso sobre a vida fora da fábrica. As entrevistadas podem ter citado, mas não diziam nas

suas lembranças, sobre a conta da luz e da água, sobre o cuidar detalhado dos filhos, o tanque pleno de roupas, o fogão esperando a panela, o posto de saúde, o aumento do preço do feijão, a inegociável e dura vida da família. A fábrica poderia ser o lugar para encontrar o namorado e talvez o marido, para constituir uma família, para ter amigas. O resto: o trabalho duro, a desvalorização do seu trabalho, a impossibilidade de crescer como pessoa, os problemas inerentes na ordem de todos os demais conflitos, foram amaciados pela memória, negociados pelo lembrar do que valeu à pena.

A pergunta é se nesse caso, vence na memória a vitória de ter continuado a viver. Ou vence a vontade de ter achado que o vivido justifica o continuar vivendo. É um jogo de palavras que resguarda a possibilidade de defender o patrimônio industrial pela memória do trabalho, de todos os trabalhos, inclusive o dessas mulheres, cuja vida foi trabalhar. E, elas, uma vez indagadas, possuidoras da palavra, exerceram a memória como um direito. Coloriram o passado, dramatizaram-se como personagens, elegeram vilões e heróis e contaram a vida antes de agora, como a queriam, como matéria moldável, como remissão do vivido ou do não vivido. Narraram, donas da própria memória, o relato de um tempo que lhes pertenceu e de um ente ambíguo, que ressurgiu como expressão de um período que o presente de cada uma elegeu como memorável: a fábrica.

Referências

BERGSON, Henri. **Memória e matéria**: ensaio da relação do corpo com o espírito. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade – Lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2011

CARVALHO, Márcio Dillmann. **O Patrimônio Industrial Urbano na cidade de Pelotas. Relatório de Pesquisa de Iniciação Científica – CNPq**. Pelotas: UFPEL, 2010.

COELHO, Jossana Peil. **Identificação de suportes de memória no prédio da extinta fábrica Laneira Brasileira S.A.** Monografia, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2014.

_____. **Os significados do Lugar: memórias sobre a extinta fábrica Laneira Brasileira S.A. (Pelotas / RS)**. Dissertação, Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, RS. 2017. Disponível em: <https://wp.UFPEL.edu.br/ppgmp/dissertacoes/>

ESSINGER, Cíntia Vieira. **BICHO DA SEDA: o espaço dos operários das fábricas de fiação e tecelagem em Pelotas**. 2007. Disponível em: <http://www.UFPEL.edu.br/ich/ndh/IV%20Jornada%20GT%20Mundos%20do%20Trabalho/completos/Cintia_Essinger.pdf> Acesso em: 28 de junho de 2018.

_____. **Entre a Fábrica e a Rua: A Companhia Fiação e Tecidos Pelotenses e a criação do espaço operário. Bairro da Várzea, Pelota, RS (1953-1974)**. Dissertação: Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2009. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Cintia-Essinger.pdf>

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

JOVJELOVITCH, Sandra e BAUER, Martin. **Entrevista narrativa**. In BAUER, Martin W., GASKELL, G. Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

MELO, Chanaísa. **Fragmentos da Memória de uma Fábrica na Coleção Fotográfica Laneira Brasileira Sociedade Anônima**. 2012. 131 f. Dissertação: Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2012.

MICHELON, Francisca Ferreira. **Memórias da fábrica: identificação de elementos para o projeto de reciclagem da extinta Laneira Brasileira S.A./ Pelotas – RS**. Museologia e Patrimônio. Vol. 8 no 1. 2015. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/392/373> Acesso em: 14 de junho de 2015

MICHEL, Johann. **Podemos falar de uma política de esquecimento?**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.3, ago-nov. 2010. Disponível em: <http://www.UFPEL.edu.br/ich/memoriaemrede/site/revista/edicao-03/>. Acesso em: 24/08/2017.

MICHEL, Johann, **Du centralisme à la gouvernance des mémoires publiques, Sens- public**, 2010/02. Disponível em: <http://www.sens-public.org/article.php3?>

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Inventário. In: GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (termo-chave Inventário). ISBN 978-85- 7334-299-4.

PERROT, Michelle. **Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 4, 1995. p. 9-28.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; 2005.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª.Ed , 1988.

RAGO, M. **Trabalho Feminino e sexualidade**. In: PRIORI, M. Del (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997. p. 578 a 606.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar (Org.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.

SANTOS, Roberta Mecking Arantes. **Análise Tipológica e o Patrimônio Industrial: Estudo de Fábricas Doceiras na Zona Rural de Pelotas, RS.** Dissertação: Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2011. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Roberta-dos-Santos.pdf>

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado. Cultura da memória e guinada subjetiva.** São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

RÚSSIA. The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH). **Carta de Nizhny Tagil sobre o patrimônio industrial.** Rússia: Julho, 2003.

Anexos

Anexo A – Questionário para entrevista:

- 1- Nome e idade?
- 2- Em que ano começou a trabalhar na fábrica e por quanto tempo ficou lá?
- 3- Como era a carga horária?
- 4- Como ias trabalhar? A pé? Ônibus? Carona?
- 5- Tu almoçava ou jantava na Laneira? Como eram esses momentos?
- 6- Em qual setor a senhora trabalhou?
- 7- No setor em que tu trabalhou também trabalhavam homens?
- 8- O trabalho na fábrica surge como uma forma de complementar a renda familiar? Ou era a principal fonte de renda da família?
- 9- A senhora era casada? Tinha filhos?
- 10-Como era a rotina dÍvida entre a fábrica e a casa?
- 11- Consideravas teu salário bom? Ele supria todas as tuas necessidades?
- 12- A senhora fez amizades na fábrica?
- 13- Além do trabalho na fábrica, tinha alguma outra fonte de renda?

Anexo B – Transcrições de entrevistas

Entrevista dona Clara.

Entrevistadora: Quando a senhora começou a trabalhar na Laneira?

Dona Clara: Comecei a trabalhar na fábrica Laneira em 1983, saí em 1996, eu acho, mas de tempo trabalhado mesmo foram só 9-10 anos, porque eles corriam com a gente de lá depois da greve.

Quando eu entrei lá eu tinha 33 anos, era separada e tinha três filhos. Trabalhava dia e noite porque não podia falhar, trabalhava doente, arrancava dente, não podia faltar, não coloca atestado nunca. Pagava aluguel de casa e tinha três filhos pra criar, não dava né?

As crianças não eram tão pequenas mais novo tinha 10 anos e as vizinhas ficam reparando.

Eu trabalhava na cozinha chegava a ficar 10 horas na fábrica em época de safra, tinha que fazer a comida toda sozinha. Era sozinha mas sempre tinha gente lá comendo e conversando, ficava bem do lado da oficina. Depois eles me passaram pra máquinas.

Eu entrei no sindicato pra eles não nos colocarem pra rua, porque eles não podiam colocar quem era do sindicato pra rua, mas ai ele me proibiram de entrar na fábrica. Era uma firma boa de trabalhar, pena que os chefes não souberam administrar.

Depois que saí da Laneira eu não trabalhei mais com carteira assinada, fiquei fazendo faxina em umas casas, costura, uma época vendi roupas como sacoleira, viajava e comprava roupas, essas coisas de mulher.

Meu dinheiro saiu só 21 anos depois que sai de lá, mas não foi muito, arrumei minha casa e só.

Entrevistadora: A senhora pode me contar como eram as relações de trabalho com os homens?

Dona Clara: Comigo nunca faltaram com o respeito, a gente se dava muito bem! Nunca vi homem ser grosso com ninguém lá dentro. Até tinham as mulheres que eram separadas, mas nunca vi ninguém ser grosso com elas. Tinha amigos lá dentro que eram amigos de verdade, daqueles de emprestar dinheiro no final do mês.

O Renato (marido da dona Neuza) vivia me emprestando dinheiro, ele me via com a cara tristinha e me perguntava o que tinha acontecido, ai eu falava que tinha faltado dinheiro pra pagar a venda, na época nós comprava ficado na venda, pra dar comida pros filhos né? Ai ele me emprestava, depois no outro mês eu pagava ele.

Entrevistadora: A senhora tinha alguma outra renda?

Dona Clara: Sempre trabalhei com costura, reforma de roupas, eu trabalhava de tarde, mas pegava e acordava cedo de manhã pra costurar, as vezes chegava em casa dez e meia da noite e costurava também. Foram muitos anos assim, nunca fui de ficar parada.

A Laneira era muito boa de trabalhar, pena que fechou. Só tinha um dos chefes que era muito ruim, o João, não cumprimentava ninguém, era um animalão.

Entrevistadoras: A senhora chegou a testemunhar algum acidente de trabalho?

Dona Clara: Uma vez eu tive um acidente numa máquina, um dia antes de eu ir viajar pro Rio com o sindicato, eu tinha pedido folga, eles eram obrigados a dar,

porque era coisa evento do sindicato, ai eu fui pedir uma semana, e eles não queriam me dar, mas era lei. Bem no finzinho do horário a linha enganchou no meu dedo e puxou, ai o chefe do turno dizia “não te preocupa com o gancho” porque tinha um gancho e a gente não podia soltar se não estragava a máquina, e eu gritei “tu acha que eu to preocupada com o gancho, eu to é preocupada é em salvar meu dedo”.

Quantidade de gente que perdeu dedo e se machucou feio lá, uma amigo minha mesmo, não tem o coró de cima da mão, a máquina puxou tudo. Tinha também o Zé que só tinha dois dedo de uma mão, porque da outra uma máquina arrancou. A Célia ficou uma hora e dez minutos com a mão presa numa máquina uma vez, as agulhas cravaram nos ossos da mão dela e nós não sabia como soltar, depois levaram ela pro Pronto Socorro, fuçaram e fuçaram, mas não conseguiram tirar todas as agulhas da mão dela, ela tem agulha até hoje nas mãos. Nós tava tudo ali e não podia fazer nada, ela teve que quebrar as agulhas sozinha pra tirar a mão.

Entrevista Dona Gladis

Nome: Gladis Risolina Gonçalves Bueno

Ofício: Enfermeira e monitora na empresa Laneira Brasileira S/A.

Tempo de trabalho: 1983 – 1998.

Entrevistadora - Qual setor que a senhora trabalhou lá?

Dona Gladis: Eu trabalhei no Tops, na fiação. As vezes quando não tinha o que fazer no Tops nem na fiação nós ia pro garreio. O Garreio era pra limpar a lâ, a classificação, a triagem. Era pesado porque quem limpava a lâ cagada, a gente saia fedendo. Quando tu pensava assim, quando tu vê esbarrava, mas era assim que a gente trabalhava. E era muito bom.” (...) “A Lanifício lá em Minas Gerais levou a maioria das máquinas porque as máquinas que tinha aqui era a maioria de polipropileno, aquelas pra fazer tapete. Ela trabalhava muito bem e os japoneses adoravam. Era uma firma que podia tá trabalhando até hoje, porque lá em Minas trabalha!

Vou te mostrar quem é a Amélia, mulher do Valmir. Faz quatro ou cinco meses que eles são avós de gêmeos.

E a senhora tem contato com ela?

Com todo mundo. Aqui tá ela ó, a mulher do Valmir agora é vovó e ele vovô de gêmeas, duas meninas. Aqui é foto da lâ e da classificação. Aqui nós se matava menina bah que horror! Eu enxergo muito pouco mas aqui atrás do Lelo acho que tá eu atrás do Lelo numa classificação. De quando é que é isso aqui? Quando chegava na classificação era um bando de mulher abrindo lâ (murmúrios). Deve ter sido em meados de 80, de 90 por aí. Essa foto se foi antes de 98 que foi quando eu saí, que até 96 e isso aqui bombava, bombava de serviço aí. (pausa) Que pena! Eu tenho muita pena que fechou a Laneira, não por mim mas por muita gente, muito pai de família morreu que não tinha o que comer passava fome...

Muita gente morreu sem receber?

Ah! Eu recebi em 2011,2012. (...) Eu trabalhei 14 anos e fiquei 14 anos esperando para receber e recebi uma micharia ainda, recebi só 26 mil, de 14 anos de casa. Eles não repassaram o INSS, tive que trabalhar cuidando lá de senhora idosa para poder pagar meu INSS para me aposentar por idade não pela produção, porque o serviço se ele tivesse repassado o INSS de todos os funcionários eles repassava.

E eles não pagaram o INSS?

Dona Gladis: 8 anos. Eu tinha me aposentado por tempo de serviço com 55 anos, não esperar mais 5 anos pra me aposentar pela idade por causa que eles não repassava. Descontava na época de nós R\$ 125 reais, o meu era R\$ 125 reais, quem tinha filhos já era mais, era mais descontos.” (pausa, vendo fotos)

Ai é na lavagem de lã, ai na lavanderia, não, aqui é lavanderia de lã. Aqui chegou ao acordo que a equipe vai colocando a lã pra lavar e ela vai lavando, lavando e depois ela vai sair lá na frente já seca e branquinha.

E aqui trabalhava mulheres?

Dona Gladis: Não, só homem, tudo isso aí. Aí tá louco! Mulher nunca trabalhou aí. No meu tempo nunca vi nenhuma mulher trabalhar ai dentro, nunca, nunca, eu nunca vi, era só homem, era grosso, só quem aguentava. Limpar lã sim, limpava lã cagada, limpava lã de tudo que era jeito, mais pra cá nunca fomos, nunca, no meu tempo nunca vi uma mulher aí, e isso aí é muito, muito estúpido sabe? Muito estúpido, isso aqui era terror, terror de serviço. Isso aqui, tudo aqui tu não tinha onde caminhar, era só isso aqui mesmo.” Ó essa guríia aqui é do meu tempo, é. Saía com o nariz assim, tirava um monte de sujeira e a gente ia lá tomar banho, tinha que lavar bem o nariz, tomava banho, a gente tinha banheiro lá, tomava banho. As orelhas, a gente tinha que pedir pra outra ver se não tava sujo, mas era bom! Era muito bom! Eu ia e voltava de ônibus. Eu trabalhei 5 anos na fábrica depois botaram a enfermeira pra rua e sabiam que eu era enfermeira também, já sabiam, leram na minha ficha né, o doutor Faustino mandou me chamar pra frente. (...) A Maria (enfermeira anterior), mora ali na Frederico, falava de mim. Um dia ela ligou (...) aí o foi na minha direção e diz que perguntou e eu disse: não, doutor sabe que eu sou formada. Ela ligou e disse para uns quantos que eu não era formada, não era enfermeira, aí tinha gente que já não ia né, fazer atendimento, fazer curativo, fazer nada. Aí tiveram que parar a fábrica e fazer uma reunião dizendo que não, ela é enfermeira. O doutor Faustino trabalhou com ela no Santa Teresa. Depois que ela foi para a rua ela não disse o motivo que ela foi para a rua né, ela não vai dizer nunca vai morrer com isso, o segredo. Porque pegou o que não era dela.

Esse guri aqui era da tinturaria. Ele tava esperando a mecha pegar pra levar pra tinturaria.

Tinturaria também não trabalhava mulher?

Dona Gladis: Não. Depois veio a Patrícia a neta do dono, veio ela era a da... tecelagem, não era química, ela trabalhava com esses negócios de tecelagem, mexia com lã e ela passou a ficar lá na tinturaria. (...) Essa daí é muito antiga (foto inauguração do refeitório), não era do meu tempo. (olhando fotos) Esse aqui foi morto, esse aqui morto, esse aqui morreu e esse tá muito doente, câncer de próstata... (seguem murmúrios).

(Conversa sobre o ex-reitor César Borges...)

A senhora trabalhou lá 14 anos?

Dona Gladis: 14 anos

E como que era sua carga horária lá?

Dona Gladis: Quando eu entrei eu fazia das 6 às 10 da manhã, das 10 às 6 da tarde numa semana, na outra semana nós fazia das 10 às 2 da tarde, e das 6 às 10 da noite. Aí quando eu passei para o horário... corrido aí eu pegava às 7:30 e soltava às 11:30, entrava 1:30 (13:30 horas) e soltava às 6 horas. Esse era o horário. E os outros não, os outros pegavam das 6 às 10, que aí eram corridos, aí fizeram ao invés de pegar das 6 às 10, pegavam das 6 às 2 (14:00 horas) fechavam

as 8 horas e daí ia embora. Aí o sindicato começou a incomodar, e aí começou os problemas né.

A senhora estava lá no tempo da greve?

Dona Gladis: Tava.

A senhora participou da greve?

Dona Gladis: Não. Eu não era contra nem a favor, eu só não aderi, uma porque eu precisava trabalhar e tava vendo aquela sujeirama lá que tava lá na frente, porque até o rapaz que era encarregado nosso um dia eu ia chegando eu e mais uma encarregada lá do Tops, mas tivemos que depois passar e entrar com a viatura da polícia, porque eles não deixavam, tavam fazendo um piquete e a Miriam, a Miriam não, a... Cecília Iporta aquela, que andava com esse encarregado e quando nós vinha entrando ela chamou nós de puta, vagabunda, de tudo, e ele junto, tanto que passou uns meses e ele foi pra rua, ele foi para a rua e ela, como era a candidata a vereadora né, depois ela foi lá pedir voto e quando ela chegou na minha frente eu disse: puta, vagabunda, não vota em uma pessoa decente. Ela ficou assim, eu disse: é, tu não ti lembra de quando chamou a gente de puta, vagabunda lá na frente? Ela sim era uma vagabunda do encarregado da firma lá, e a mulher dele tava aqui em casa, morava aqui pertinho, casado. E só ele trabalhava lá... Mas não aderi à greve, por fim a gente teve que entrar na viatura da polícia, porque a polícia nos pegava cá diante perto do posto para nós poder entrar lá. Um dia juntaram um pote de sorvete e atiro em mim não pegou mas pegou na encarregada do Tops e numa outra senhora. A maioria dessa gente, tem gente que trabalhou lá na Laneira que eram os maior mau caráter. Podem dizer o mesmo de mim, porque muita gente não gostava de mim né. (...) Eu me dava com todos os funcionários, eu tinha que me dar porque eu tinha que dar ordem para eles também né, eu era monitora deles. Mas também nunca cheguei assim: Tu vai lá e faz! Eu dizia: Por favor, tu pode ir lá naquela máquina e fazer tal coisa? Eu tinha dois cargos lá dentro: enfermeira e monitora. Eu ficava nos dois lugares. Só que eles não me topava. Tinha funcionário que botava bilhete no meu armário, aí quando eu passei lá para frente, eu já ia mesmo limpa, arrumadinha né, não precisava ficar entrando lá. Mas então eu tirei tudo do armário, mas achava bilhete toda vez que eu entrava de manhã. Aí um dia eu comecei a juntar os bilhetes, aí um dia eu fui na direção e falei para o meu encarregado que era lá do Tops, e ele disse: não, vamos lá na direção né, mostrar os bilhetes! Os bilhetes me xingando que eu recém tinha entrado, dizendo que eu tinha dormido com o patrão por isso que eu tinha entrado pra trabalhar de enfermeira e de monitora. E aí foram procurar nos cartões a assinatura. Reconheceram a assinatura e chamaram. Chorava, pedindo pra não ir pra rua, e era sempre a mesma pessoa. Aí o patrão mesmo disse para ela: Eu não botei você, porque não me agradou! Você e ela, se tiver que entrar outra e eu me agrada da outra eu tiro ela e boto a outra! Aí ela rachou a bola. E depois parou a perseguição.

E a senhora ia sozinha quando pegava o ônibus?

Dona Gladis: Não tinha tempo não, sempre sozinha. Porque muita gente, muitos que eram mais no fim da linha já vinha no ônibus, outros que eram mais ali da volta. Eu até aqui era só eu e esse encarregado que veio mora ali depois. A maioria era bem adiante lá no fim, ou era ali da volta, da Farroupilha, daquela rua ali atrás do cemitério gente que trabalhava lá. Ali do canal trabalhava muita gente ali no canal, dava prioridade para não pagar transporte naquela época.

E a senhora não tinha filhos naquela época?

Dona Gladis: Não tinha filho. O que eu ganhava para me sustentar e comprar material para casa. Tudo isso aqui foi feito com o meu dinheiro.

E a senhora almoçava lá na época?

Dona Gladis: Não, não. Lá eles davam sopa. De manhã e de tardezinha. Fazia uns panelão de sopa muito bom, muito bom mesmo... Mas eu não tomava não. (...) E tinha gente que trabalhava lá perto mesmo, do canal, coitados, eram muito miserável né, eu tinha condições de comer em casa e a gente via que a coisa tava feia pro lado deles né. Depois que eu passei para a enfermaria tinha gente que ia lá e dizia: Dona Gladis, arruma uns remédios pra nós, pro meus filhos? Se não tinha como dar um comprimido lá pra minha filha. Eu digo: Eu vou falar com o doutor. Aí da firma não tirava, tanto é que eu era enfermeira na firma e eu não pegava um comprimido pra mim, comprava ali na padaria, lá do lado da Laneira. Um dia o gerente viu e disse: Ué mas não tem remédio na enfermaria? E eu disse: É só pra funcionário. Mas tu não é funcionária? Eu digo: Não mas eu não quero pra mim. Comprava. Daí o doutor arrumava né, e eu dizia: Tá, tu vem tal hora aqui que o doutor vai trazer remédio para você. E arrumava amostra grátis, arrumava um monte de coisa aliás. Dizia: olha doutor, fulano veio aqui doutor, pedir uns remédios para as crianças, pedir uns fortificantes, remédio para verme, essas coisas. Tudo que eu pedia ele dava pros coitados. A empresa era muito boa, o doutor era um pai pra gente. O dono, este homem era muito carrasco, era muito carrasco. Mas ele era empregado, porque depois que subiu virou ruim? (...) Mas lá era muito triste sabe? Tinha gente que a gente via que o primeiro café era aquela sopa.

E tinham muitos casais que se formavam dentro da fábrica?

Dona Gladis: É, e é muita putaria que acontecia, muita putaria. E eu não. Eu entrei para a Laneira para trabalhar e saí porque dispensaram vinte e tantos funcionários num dia e eu junto. (...) Que já estava em crise né. Mas lá tinha muito poucos que casaram decente ali dentro, muito pouco. Uma média... o Valnei que se casaram decente. Lá na frente, na administração, a Fátima e um outro rapaz, eu não lembro o nome dele. E tinha as mulheres amantes dos encarregados, achavam que iam conseguir ficar muito tempo no serviço. Mulheres casadas. Lá o trabalho era permanente. Mas era feia a coisa, feia a coisa da putaria... De vez em quando umas apareciam chorando, depois que eu passei para o ambulatório. Apareciam chorando: Dona Gladis a senhora não... Eu dizia: Não, fala com o doutor! Eu não assumia nada né, não assumia nenhum caso. Porque quando o doutor chegava eu dizia: Ó doutor, fulana tá barriguda. Veio aqui ontem. E dizia: Não, aqui tu não leva nada, daqui tu não leva nada. (...) Aí ela veio catar na rua, morreu tentando tirar o filho, deixou um casal de filhos, o marido dela era motorista da Embaixador e deixou um casal de filhos porque se meteu com encarregado, arrumou barriga e foi tirar lá. (...) Bem novinha, bem novinha. Aí eu disse pra ele assim: Tu não vai lá vê ela? Disse: Ai dona Gladis! A senhora não vai contar pra ninguém? Não precisava falar pra ninguém, a Laneira toda já sabe! E ela deixou um casal de filhos, a nenezinha dela ficou com uns 3 ou 4 meses. Coitada nada! Se a cabeça não pensa o corpo padece, porque eu fui pra lá eu não fui pra arrumar homem, eu fui para trabalhar! Então quando chegava a semana da noite! Tinha semana que a gente trabalhava a noite. Aí sim né, já saía do serviço com uns barrigão.

E a senhora presenciou algum acidente?

Dona Gladis: Vi! Eu mesma quase perdi essa mão. No cilindro, na bobinadeira. Tinha um tanto de lã assim, aí arreventou e eu tenho essa mão eu não posso torcer uma roupa nada, que ela solta isso aqui ó (conversa paralela). Mas eu fiquei com a mão presa, quando tocou a sirene avisando que tinha um acidente, o doutor lá na frente pensou: Tá, eu vou encontrar um trabalhador de lá, chegou era eu. Ele disse: O que é que foi? E aí a sorte foi que eu só apertei, e aí nesse apertar, eu fiquei até

hoje com sensibilidade na mão. Não fiquei afastada. Só me trocaram de máquina... Isso foi na bobinadeira, na Frutair, é o nome da marca dela. Essa Frutair que fazia as bobininhas já para ir para fazer os fios de polipropileno. Dava pra fazer os foguetes, já para embarcar, pra fazer os tapetes, tudo, capa de carro, tudo era assim, feito com esse produto. Não era grosso! Era uma coisa mais fina... Muito linda. O branco parecia uma seda, o polipropileno(...) Mas perder dedo foi coisa normal.

A Conceição me falou que quando ela entrou não tinha os fones.

Dona Gladis: Não, não tinha. Ela trabalhou no Tops, na classificação. Na fiação veio muito depois, em 90 e pouco. Na mecha era perigoso sim. Na mecha a pessoa tem que puxar, pegar forte, porque ela vai variando e se tu não pegar forte ela te pegava e te puxava mesmo. (Caso do rapaz que morreu na Laneira) Não, foi antes de eu entrar. Foi no tanque da lavagem que ele caiu. (...) Era muito triste. Mas daí foi melhorando né, porque daí veio o sindicato, veio as técnicas de segurança dentro da firma. Aí quando... Porque, nesses bancos toda hora tinha um acampado na fila, porque a firma tava no vermelho. Na época quando eu entrei, no ano que eu entrei em 83, a firma tava devendo e eles, os bancos, era uns quantos bancos: era Bradesco, era o Banco do Brasil que era o mais importante. Barrisul, o Itaú, a Caixa Econômica. Tava cheio de banco lá, na calçada né. Aí cada banco que... (murmúrios). Aí começou a liquidar as contas de cada banco (murmúrios). Aí foi saindo os bancos. Eu sou o Barrisul: te paguei, sai fora. Eu sou o Banco do Brasil: Te paguei, sai fora. Quando foi o último banco a quitar, aí na administração da firma (...) O doutor desse lanifício aqui e o lanifício lá em Livramento, o lanifício em Livramento é o triplo daqui tinha até navio dentro da firma e moradia dos funcionários. Era bem maior. Fui lá. Nós fazia curso e ganhava mais. Se ganhava menos, ganhava mais. Tinha bonificação. Nós tinha Protocolo em caso de acidente, coisas assim. E nós tinha Beneficência. E outros benefícios a gente não tinha. Eu mesma tive dois cursos só: foi de monitora e de acidente de trabalho. Mas eles ajudavam! Tinha aulas de tecelagem. Contrataram uma professora de tecelagem para nos dar aula, para quem quisesse aprender. Muito bom, muito bom era. Quando era o doutor Agenor e a dona Ângela. Mudou, mudou tudo aí. Botou outro diretor, veio outra gente aí começou a bagunçar. Quando ele morreu, morreu de repente. Veio a doutora Ângela que ficou um tempo mandando, mas depois ela foi embora aí veio o irmão dela e arrumou uma guria de 18 anos, arrumou um apartamento, comprou um carro (...). Ele era um terror com a gente, vou te contar! Tinha rivalidade, dedurava o outro ali dentro. Muitos se deduravam uns aos outros ali dentro dava pena. Um dia eu peguei dois na enfermaria e disse: Pô Matias! Foi dedurar o cara! (Matias:) Como é que a senhora sabe? Eu digo: Eu sei. Dedurou o cara! O cara é pai! Pensa se alguém te dedura assim como eu posso te dedurar lá para o homem. (...) Mas eu nunca dedurei ninguém. Não ia ganhar nada, não tinha porque né. Só que eu me dava muito bem com o doutor Jiuney. Olha minha filha aquilo ali era um ninho de cobras. A firma era boa, a firma tinha tudo para tá em pé até hoje, até hoje... Que a pouco tempo tava a minha irmã aqui, que eu tava vendo lá em Minas, as máquinas tudo trabalhando, as máquinas que eram daqui. Até chorei. Me sentei na cama e chorei. Eu adorava lá. Uma coisa de respeito boa ali, claro, tinha os grande, não sabia da putaria lá embaixo, mas afastando tudo, era um clima muito bom! Eu sinto até hoje. E sinto pelos outros também, por perderem o emprego por não dar valor a firma que tinham. E pelos filhos ignorantes que o homem teve. Porque o homem, quando ele morreu ficou um avião no aeroporto em Porto Alegre, ficou esse lanefício aqui, outro lá na Argentina, ficou aqui... Todo

mundo perdeu com a morte do diretor, do cabeça, perdeu tudo todo mundo. Eles mesmo os parentes também. A Patrícia, a neta do velho, depois eu soube que ela era casada, que tinha se amigado com um empregado da firma que trabalhava o melhor, e tinha que... e ela teve que trabalhar para ter o que comer, depois de ser a patroa. Então é assim minha filha, vou te contar! Têm firmas que ela... até mesmo o hospital quando eu trabalhei no hospital, muita sujeira também...(Conversa paralela) Tem aquela que quer se sobressair, tem aquela que vai pra cama com o médico pra se dar bem, tem aquela que vai pra cama com o chefe pra se dar bem. Não é assim! E também tem uma coisa: amigo de serviço você não tem! Tu tem colegas de serviço. Amigos tu não tem, que todo mundo te olha puxando o tapete. Amigos eu tenho muito pouco, que me procuram mesmo é muito pouco. Eu tenho a Amélia, o Valnei né, a Terezinha, que mora ali atrás do cemitério. Às vezes a irmã dela também pára aqui para conversar comigo, mas poucos, poucos, muito poucos mesmo. Mas doutor Faustino que tá vivo, o outro médico que trabalhou comigo Doutor Fausto já morreram né. Nós trabalhava junto ali na Laneira, mas muito pouco, era tudo colega e bem distante.

Entrevistada: dona Isabel
Trabalhou de 1987 até 1997

Como a senhora começou a trabalhar na Laneira?

Dona Isabel: Eu fui lá e perguntei se eles estavam contratando gente, como eu morava ali perto, e não precisava ir de ônibus né? Eu não morava aqui, morava na Alan Kardeck, ai em seguida me chamaram.

Eu tinha 20 anos quando comecei a trabalhar lá, ainda não tinha filho, eu casei 1989, tive meu filho em 1990. Foi muito tranquilo quando eu engravidei, eu tive quatro meses de licença, quando eu voltei minha mãe ficava cuidando dele, a mãe me ajudava.

Meu horário era das 6h às 14h, nós almoçava lá, tinha uma sopa, não lembro a hora que servia, tinha todos os dias.

Qual era o teu setor?

Dona Isabel: Eu trabalhava no setor de baixo, no filatório, trabalhava na parte de baixo. Naquele setor tinha que ter cuidado muita gente perdeu a mão, os dedos, eu tinha muito cuidado, porque o fio puxava, até eu uma vez enrolei a mão, mas eu tirei rápido, eu puxei. Quando não tinha serviço lá em baixo eles mandavam a gente pro top, lá em cima, com o seu Nedi, o tiranossauro, eu não gostava de trabalhar com ele, eu gostava de trabalhar ali em baixo, ali era bom, o pessoal era legal, todo mundo tinha uma união.

Eu gostava de trabalhar na máquina que eu trabalhava, que se chamava filatório, ai eu adorava trabalhar ali, era muito bom.

A senhora fez muitas amizades lá?

Dona Isabel: Claro que tinha as picuinhas com umas e outras, mas não era nada que não desse para resolver, mas tinha muito mais amizades do que inimizades. Tenho amigas de lá até hoje, me do com todo mundo, e muito moram aqui perto.

O bom era que era perto, nós ia tudo a pé, mas eu ia sempre sozinha, porque tinha a dona Yara, mas ela ia muito cedo, as vezes encontrava uma indo e ia junto. De manhã comigo era só a dona Yara, as outras iam à tarde.

O que te motivou a procurar a Laneira?

Dona Isabel: Eu comecei a trabalhar porque eu quis, queria ter minhas coisas, no início assim eu era solteira, ai eu ajudava a minha mãe. A Laneira foi meu segundo

emprego, antes eu tinha trabalhado na fábrica Vega, depois da Vega fui pra Laneira, porque eu tinha uma curiosidade em saber o que quer aquilo ali, eu as pessoas entrarem e saírem, falei com um conhecido que trabalhava na portaria, ele me apresentou a dona Margarida do RH.

Como era o trabalho?

Dona Isabel: Bom eu gostava de trabalhar ali, pesado não era, o horário era ótimo, porque a gente pegava às 6 e saía as 14, dava pra fazer bastante coisa depois que saía, nós ia pro centro, dia de pagamento mesmo nós ia tudo pro centro, era aquele bando de mulher.

Como foi a maternidade?

Dona Isabel: No início quando eu tive meu filho, eu enxia de leite, ai tinha que tirar e levar pra ele, a mãe morava bem pertinho, ai deixava ali.

Quando a Laneira começou a quebrar, bah, fui muito triste, porque começou a fechar alguns setores.

Eu coloquei eles na justiça, que nem todo mundo, e recebi um pouco, mas ninguém recebeu tudo, porque a Laneira era de Livramento, ai eles venderam tudo e pagaram o que deu, eles não tinham como paga todo mundo, eles pagaram o que tinham.

Os homens eram muito respeitadores, até tinha uns casalinhos lá, é que não podia, os que já estavam namorando, já estavam, mas eles não deixavam mais. Nem irmãs podia mais, só o que já estavam a muito tempo. Não tinha nada assim com os homens, o único que era enjoado era o Nedi, ele era terrível, ninguém queria ir lá pra cima trabalhar com ele, ele era tipo carrasco e racista também, eu dei graças a Deus que fiquei ali em baixo, quando não tinha serviço ali em baixo e ele ia lá escolher alguém pra subir, a gente se escondia.

Quando a Laneira começou a quebrar, eles começaram a atrasar salário, ai eu arrumei umas limpezas, arrumei num escritório de dentista, saía da Laneira e ia pra lá.

A senhora estava no tempo da greve?

Dona Isabel: Bah aquela greve foi o máximo, nós fazia os piquete ali, na frente da Laneira, bah, foi muito bom. Teve quem não aderiu, mas nós não fizemos nada, quem jogou xixi foram os homens. Na época a gente ficou sem receber, eu já tinha até me separado, o dinheiro fez falta, mas no fim a gente conseguiu tudo. A greve foi muito divertida, nós ia pra lá cedo e ficava praticamente o dia todo lá, tomava chimarrão, fazia comida.

Como eram os relacionamentos com os colegas?

Dona Isabel: Racista era só o João, porque os chefes de baixo eram negros também, o resto do pessoal era bem tranquilo, mas o João era terrível, essa senhora Yara se tu falar com ela tu vai ver, ela enfrentava ele direto.

Me fala mais sobre a Laneira.

Dona Isabel: Se a Laneira não tivesse quebrado eu estava lá até hoje, ou estaria me aposentando de repente. Porque depois foi difícil, nunca mais arrumei nada nesse tipo de empresa assim, depois fiquei mais fazendo limpeza, até hoje, nunca mais assinei carteira. Foi muito triste quando fechou, todo mundo sentiu, a gente era assim tipo uma gangue, minhas amigas tudo trabalhavam lá.

Quando quebrou a gente ficou tudo perdida, umas se mudaram, mas a maioria continua aqui, ai a gente tem contato.

Era bom porque a gente não ganhava mal, eu comprava tudo que eu queria e não tinha despesa, porque morava com a minha mãe, quando me separei voltei pra casa da minha mãe com meu filho. Aquele dinheiro dava pra tudo, por isso que foi mais triste.

Eu tinha medo da máquinas, quando eu tava grávida mesmo eu não fazia nada, tinha medo de cair, um cara que trabalhava ali que dizia “Bel deixa que eu mexo a máquina pra ti” e eu dizia “ta”, eles eram muito gente fina, e eu não tinha condições de ta mexendo naquelas máquinas e grávida.

Entrevistada: dona Joana
Trabalhou de 1953 até 1965.

Quando a senhora entrou na Laneira?

Dona Joana: Comecei a trabalhar em 1953, tinha 18 anos, sai em 1965, eu não trabalhava na seleção das lãs, eu trabalhava no serviço da volta eu e outra, era carregar uns carrinhos com lã, varrer umas coisas assim, porque tinha as profissionais e as outras, só as profissionais trabalham nos setores específicos, as outras trabalhavam nos serviços mais simples.

Eu gosto de olhar as fotos, são uma lembranças. Tão bom recordar

A senhora teve filhos enquanto trabalhava lá?

Dona Joana: Na época em que trabalhei na Laneira tive 3 filhos lá, ao todo tive 6, fiquei 12 anos na fábrica.

Quando eu entrei para a Laneira a fábrica não tinha muito tempo de existência, e nem eu, eu tinha só 18 anos foi meu primeiro e único emprego, porque depois que eu me casei e quando eu sai, eles estavam fazendo uns acordos com quem queria sair, tudo bem que não recebi tudo que tinha que receber, mas eu aproveitei e sai, porque tinha meu filhos pequeninhos. Ficava muito difícil trabalhar, porque tinha que colocar uma pessoa para cuidar eles e do serviço da casa, uma amiga minha que até hoje liga para mim, trabalhou para mim quando tinha 15 anos, ela já caso, teve filhos, já tá com 70 anos e ainda me procura.

Eu me casei enquanto estava trabalhando lá, em 1958, e tive meus dois filhos homens mais velhos, que eu já perdi, e tive também a minha filha mais velha, depois que eu sai da fábrica tive mais três meninas. Na época em que eu engravidei eu tive licença de alguns meses, mas não lembro de quanto tempo, faz muitos anos.

Como era trabalhar na fábrica?

Dona Joana: A fábrica era muito bonita, muito bem arrumada, essas fotos me fazem lembrar de como era, agora está jogada, quem olha não imagina como era no tempo que eu estava lá.

Eu pegava as 7:30 saia 11:30, depois pegava as 13:30 e soltava 18h, eu morava perto, bem perto, quando era solteira eu ia a pé, porque era bem perto, depois de casada que vim para cá ai tinha que andar de ônibus.

Eu tinha muitas amizades na época que trabalhava lá, me dava muito bem que umas moças que trabalhavam lá, tanto que tem umas duas ou três que eu conheci da fotos, algumas já morreram.

Era bom de trabalhar lá, eu gostava, sempre tinha gratificação no final do ano pros funcionários, era para todos, era muito bom. O ambiente era bom, a gente ficava a vontade.

Eu passava por todos os setores, fazendo o que a gente chamava de serviço da volta, não tinha um lugar fixo para trabalho, eu fazia de tudo, servia lã para aquelas que estavam trabalhando nas mesas, que eram as classificadoras que eles diziam, naquele tempo eles usavam outras palavras, mas eu não me lembro, pegava os carrinhos com lãs para elas, era um serviço meio grosseiro.

Trabalhei no cafezinho do escritório também, eles me alugavam para isso também, porque tinha uma do escritório que era pra isso, mas ela faltava, ai botavam eu, ai

eu ficava braba, que droga tem que ser eu a servir o café no escritório, tinha que servir aquela gente do escritório, eles eram muito metidos. Eu não gostava muito, sempre fui meio humilde assim e envergonhada. Trabalhavam mulheres e homens no escritório.

A senhora chegou a trabalhar em alguma máquina?

Dona Joana: Nas máquinas como a caldeira só trabalhava homens, as mulheres faziam o serviço mais pesado mesmo, o serviço que fazia mais força, aquelas caldeiras que saia o vapor era pra homem, porque tinha que ser especialista. Tinha donos que eram de São Paulo, na época da Sociedade Anônima, tinha muitos pelotenses também.

A senhora presenciou algum acidente de trabalho?

Dona Joana: Eu sei que teve um rapaz que faleceu lá dentro por causa de uma máquina, Rubem era o nome dele, no tempo que eu trabalhava lá, foi muito triste aquilo, diziam que ele bebia, mas acho que ele nem era de beber, ele até gostava de mim, nós era da mesma idade, ele era da família que morava nos fundos lá.

Como eu não trabalha na máquinas eu não tinha medo de me acidentar, quando chegava perto eu prestava mais atenção, mas como meu serviço era mais simples eu nem me preocupava. A única coisa que eu fazia nas máquinas era tirar a lâ quando já estava pronta, era pesado, mas não perigoso.

Como eram as relações com os homens?

Dona Joana: Eu nunca vi nenhuma homem sendo grosseiro com as mulheres lá dentro, o que dava era muito namoro, eram muitas gurias novas, e cara novo né? Tinha muita paquera, eles davam muitas piadinhas, o gerente mesmo era de dar piadinha pra gente, nessas fábricas assim geralmente tem essas coisas, e eu era muito bonita, os chefes soltavam muitas piadinhas.

Porque a senhora começou a trabalhar?

Dona Joana: Eu trabalhava pra mim mesmo, ajudava minha irmã que eu morava com ela antes de casar, eu era de fora e quando vim, fui morar com ela, porque a mãe faleceu, ai claro eu ajudava nas contas, mas trabalhava era pra mim mesmo.

Como era o almoço?

Dona Joana: Eu almoçava em casa, só comia lá o café, antes do almoço não tinha hora pro café, mas nós ia lá e tomava café por conta, agora de tarde tinha o horário para o café, eram 15 minutos só, mal dava tempo de comer.

A senhora tem mais alguma coisa para me contar da Laneira?

Dona Joana: Eu gostei muito de trabalhar lá, gostava da encarregada, ela era muito boazinha para a gente, os gerentes também eram bons pra gente, só eram meio conquistador né? Eu quero nova, e muito bonita, os homens andavam na volta.

Entrevistada: dona Maria Sampaio

Trabalhou entre os anos 1980 e 1990.

Quando a senhora entrou na Laneira?

Dona Maria: Eu trabalhei dez ano lá, não lembro os anos certos, mas foi entre 80 e 90 e já tinha todos os filhos criados, o mais novo inclusive me levava de moto até a Laneira para trabalhar, as vezes. Quando ele não podia tinham que levantar correndo as 5h da manhã pra me arrumar e chegar lá as 6h, as vezes eu me atrasava e o motorista do ônibus via que eu estava indo correndo e me esperava, o problema é que na ida quando ia se ônibus eu ia com a Ledi, as vezes quando ela passava aqui eu ainda estava dormindo, ai era uma correria.

A saída era as 14h, nós nunca voltava de ônibus juntas, porque cada uma morava para um lado e o ônibus estava sempre muito cheio.

Qual era o setor da senhora?

Dona Maria: Eu trabalhava nas máquinas, fazendo o fio, na penteadeira, na parte de cima. Nós tínhamos uma chefe a Ledi, ela era uma chefe daquelas bem brabas, comigo não graças a Deus, porque não tive problema nenhum.

Como era dividir entre a fábrica e a casa?

Dona Maria: Como as gurias já eram grandes, eu não tinha muitas preocupações, elas ficavam em casa e faziam o serviço, naquela época o pai delas também ficava em casa.

Eu nunca almoçava na fábrica, eles davam uma sopa pra gente que era muito ruim, eu levava comida de casa. Aqui em casa já ficava as coisas tudo encaminhado era só terminar de fazer, mas como as gurias já eram grandes elas se viravam

A senhora participou da greve?

Dona Maria: Na época da greve eu aderi, eu era das que ficou lá na frente, diferente umas colegas que iam trabalhar, até xixi jogaram nelas uma vez, mas o que elas queriam lá? Só as duas não iam conseguir colocar a fábrica para funcionar.

Porque a senhora procurou a Laneira?

Dona Maria:

Sempre trabalhei em fábricas, antes de vim para Pelotas, que eu queria trabalhar fora, eu sempre precisei de dinheiro e não me animava a trabalhar em casa de família, não sei porque, eu achava que era horrível trabalhar em casa de família, e a gente trabalhando em fábrica o dinheiro era certo, e assim eu me virei, se tivesse trabalhando até hoje eu ia estar em fábrica, pra ti der uma ideia até no Anglo eu trabalhei e eu já morava aqui, eu trabalhava lá nas safras de verão, tinha que pegar 2 ônibus, saía de casa 5 da manhã, era horrível lá a gente corria.

Como era o trabalho na fábrica?

Dona Maria: O trabalho na Laneira comparada com as outras fábricas era muito melhor, nas outras era muita correria, aqui era mais calmo, eu não achava ruim o trabalho na Laneira, era pesado só, a gente fazia serviço de homem, o serviço que era pra ser feito por homens, o nosso serviço era muito mais pesado que o dos homens, tinha que fazer força, mexer com aquelas máquinas, quando terminava de encher o carretel tinha que trocar, era uma força que nós fazia, o serviço era bruto mesmo, aquele rolo grande, tinha que trocar toda hora e pesava mais de 20 quilos, e esses rolos ficavam alto assim, na altura da gente e nós tinha que tira sozinhas.

Tinha algum homem no setor?

Dona Maria: Tinha só dois homens que trabalhavam nesse setor que eram supervisores, a lã passava por vários processos, nós ficava no meio do caminho, no setor de cima, em baixo ficava um monte de gente separando a lã que vinha nos sacos.

A senhora presenciou algum acidente?

Dona Maria: acidentes eu presenciei poucos, mas foram leves, só teve um dia que uma moça que trabalhava na fiação do andar de baixa perdeu um dedo, mas isso era comum lá dentro, comigo nunca aconteceu nada, também nunca fiquei doente por causa do trabalho lá, como muitas colegas ficavam, eu era muito forte, não pegava nada.

Quando eu fui pra lá eu já sabia que as máquinas eram perigosas, todo mundo falava que tinha que ter muita atenção e era mesmo, mas como tinha muito barulho, as vezes era difícil se concentrar, eu ficava que nem piscava, tinha que ter muita, muita atenção, nós tinha medo, mas o medo era bom, porque ai a gente se cuidava bastante.

Eu não andava pelos outros setores, chegava e ficava trabalhando só no meu setor, entrava ali e só saía na hora de vir para a casa.

Eu trabalhava só para ajudar em casa, se ficasse sem emprego eu ficava em casa, não tinha problema.

**Entrevistada: dona Neuza
Trabalhou de 1987 até 1997**

Em qual setor a senhora trabalhou?

Dona Neuza: Eu trabalhava no setor de top, que é a preparação, depois eu desci para a fiação.

A senhora já tinha filhos na época?

Dona Neuza: Quando eu comecei eu ainda não tinha filho, meu guri hoje está com 21 anos, quando eu ganhei ele ainda estava trabalhando lá, mas fiquei só mais um ano depois que tive ele, porque a fábrica não nos pagava em dia e eu tinha que pagar alguém para ficar com meu filho, aí começou a ficar difícil conciliar. Fiquei quase um ano assim, aí quando eu vi que eles não estavam pagando eu sai. Eu engravidei lá e tirei a licença de quatro meses

Durante a minha gravidez já estava tudo falido, não tinha mais serviço, eu ficava só sentada lá para cumprir o horário, estava ruim mesmo, não tinha o que fazer, nós ficava mais parado do que trabalhando, e eles ficavam pagando aos pouquinhos, sai mais o menos quando tudo mundo saiu.

Quando eu entrei na fábrica eu era solteira, mas não foi meu primeiro emprego, eu morava em Piratini, aí eu vim pra Pelotas para descontar a minha carteira, eu trabalhei em fábricas em Pelotas por uns mesinhos e voltava para Piratini e depois fiquei um ano em uma loja em Piratini, aí resolvi me mudar para Pelotas de vez, aí demorei uns meses para conseguir um emprego, mas consegui lá na Laneira. Eu me mudei primeiro para o Simões e depois vim para o Fragata, foi aí que me casei e vim morar aqui nessa casa.

Eu conheci meu marido na Fábrica, no início era só duas peças aqui, faz 26 anos que estou aqui. Meu marido saiu da fábrica primeiro que eu, ele ficou pouco tempo lá, uns dois ou três anos só, Aqui era muito bom porque é bem pertinho da onde era a fábrica, pena que fecho né? Se não eu estava lá até hoje.

Aí depois eu não trabalhei mais, juntei com os anos que trabalhei no campo e me aposentei

Como era trabalhar na Laneira?

Dona Neuza: Quando eu entrei era das 6h às 14h, tinha meia hora de descanso e eles serviam uma sopa, eu não comia a sopa sempre, as vezes eu levava comida de casa, no sábado era lentilha. Teve uma época que eles inventaram de fazer horário comercial, mas aí não deu certo e eles voltaram para de segunda a sábado. Depois pro final eles passaram para 6 horas por dia, depois da greve. Quando passou para as 6 horas eles não ofereciam mais a sopa. A gente levava um lanche, e ficava as 6 horas trabalhando sem parar, nós nos revezamos para ir no banheiro, quando uma ia a outra ficava, não podia ir junto, o café era a mesma coisa, uma ficava cuidando o setor da outra, mas os chefes não gostavam muito que a gente saísse pro café.

Tinha algum homem no setor que a senhora trabalhava?

Dona Neuza: Nós tínhamos um chefe de setor, que era homem, o seu Nedi, na parte de cima, ele era muito chato e nos tratava mal, nós chamávamos ele de nazista, mas depois eu desci e o chefe era o Luiz e o Ailtom, o Ailtom era horário

comercial e ficava o dia todo, ele era o encarregado chefe geral, eles eram muito legais.

Nossa renda era menor que a dos homens, mas o serviço era mais pesado.

A senhora trabalhava na época da greve?

Dona Neuza: Eu participei da greve, eu fui daquelas que ficavam sentadas lá na frente, nós fazia passeata no centro, era divertido. Meu marido também participou da greve, mas na época nós não éramos namorados ainda.

Como a senhora ia para a fábrica?

Dona Neuza: Eu ia para a fábrica a pé, porque era bem pertinho, as vezes eu ia sozinha, mas quase sempre ia com a senhora que eu alugava casa, que também trabalhava ali no mesmo turno, tinha colegas que era muito difícil eu ir junto, mesmo morando perto, porque elas chegavam sempre atrasadas, e eu não gostava de chegar atrasada, sempre ia no horário.

A senhora fez amizades na fábrica?

Dona Neuza: Eu fiz muitas amizades naquela época, algumas eu trago até hoje, tem uns que a gente não se vê mais, a gente perde o convívio.

A senhora presenciou algum acidente de trabalho?

Dona Neuza: Eu tinha medo, quantas já perderam a mão lá, mas graças a Deus eu nunca presenciei nenhum acidente sério e também nunca me aconteceu nada. Aquelas máquinas eram traiçoeiras. Até hoje eu tenho problema de coluna por causa do trabalho pesado da fábrica, tinha que levantar aquelas bobinas pesadas, aquelas máquina antigas tinha que fazer força.

Depois que a Laneira fechou a senhora seguiu trabalhando?

Dona Neuza: Depois que eu sai da fábrica eu não trabalhei mais fora, mas para ter uma rendinha eu vendo esses produtos, assim de mulher, mais é pra aumentar a renda.

Depois que eu tive filho, isso já no finalzinho do tempo que trabalhei lá, eu pedia para a minha cunhada reparar o guri para mim, e era assim, nós não cumpria todo o horário, porque já não tinha serviço pra gente fazer, ai nós saia mais cedo, nós tirava o cartão e deixava lá ai quando chegava o horário alguém passava o cartão pra nós. Não tinha mais nada pra fazer, nós ficava lá sentada esperando passar o tempo